



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-MESTRADO**

MARIA DO SOCORRO NICOLLY RIBEIRO DE ALMEIDA

**RELAÇÕES SOCIOESPACIAIS NO CONTEXTO DAS INDÚSTRIAS DE
CALÇADOS INFORMAIS DE CAMPINA GRANDE-PB**

**João Pessoa
2011**

MARIA DO SOCORRO NICOLLY RIBEIRO DE ALMEIDA

**RELAÇÕES SOCIOESPACIAIS NO CONTEXTO DAS INDÚSTRIAS DE
CALÇADOS INFORMAIS DE CAMPINA GRANDE-PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof^o. Dr. Sérgio Fernandes
Alonso.

João Pessoa
2011

A447r Almeida, Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de.

Relações socioespaciais no contexto das indústrias de calçados informais de Campina Grande-PB / Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida. - João Pessoa, 2011.

115f. : il.

Orientador: Sérgio Fernandes Alonso

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCEN

1. Calçado – indústria. 2. Indústria – calçados – setor informal – Campina Grande-PB. 3. Setor industrial – evolução. 4. Indústria de calçados – estrutura socioespacial.

UFPB/BC

CDU: 684.34(043)

**“Relações Sócioespaciais no Contexto das Indústrias de
Calçados Informais de Campina Grande - PB”**

por

Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida

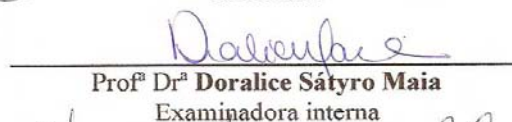
Dissertação apresentada ao Corpo Docente do Programa de
Pós-Graduação em Geografia do CCEN-UFPB, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Território, Trabalho e Ambiente

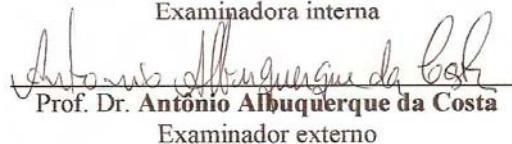
Aprovada por:



Prof. Dr. Sérgio Fernandes Alonso
Orientador



Prof. Dr. Doralice Sátiro Maia
Examinadora interna



Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa
Examinador externo

**Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Exatas e da Natureza
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Curso de Mestrado em Geografia**

Agosto/2011

DEDICATÓRIA

Ao Senhor Jesus que me concedeu a oportunidade de concluir mais uma etapa da minha vida profissional, a Ele toda honra e toda glória, pois se cheguei até aqui não foi por méritos próprios, mas por ter um Deus verdadeiro que cuida de mim e por isso não canso de expressar: JESUS EU TE AMO!

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Jesus por tantas bênçãos concedidas durante toda a minha existência e principalmente por seu infinito amor.

A mainha por seu grande amor, por não medir esforços para me ajudar a concluir a dissertação e por ser uma mãe que as qualidades existentes não são suficientes para descrevê-la.

A painho que apesar de não ser tão presente em minha vida ajudou-me consideravelmente na minha pesquisa e do seu jeito gosta muito de mim.

A minha avó Carminha e ao meu avô João (*in memorian*), que apesar de não poder mais abraçá-los e beijá-los, agradeço ao Senhor Jesus e a eles a mãe maravilhosa que tenho, e o amor que dedicaram a mim enquanto estavam aqui.

A minha avó Maria das Neves e ao meu avô Alírio, por serem muito divertidos e por gostarem de mim.

Aos meus queridos tios Rivelino, Rivaildo, Roberto e Ronaldo e as minhas tias Maria, Sheila, Gilvânia e Vânia, por todo o apoio e carinho.

Aos meus primos Rarhum, Rainner, Rachyd, Raiff, e João e as minhas primas Rayanna e Gabriela, por serem pessoas excelentes e amáveis.

A minha amiga Marizelma, por todo o apoio concedido durante o período em que eu estava escrevendo a minha dissertação e também pelo seu amor e cuidado.

Ao meu orientador Prof. Dr. Sérgio Fernandes Alonso, por ter sido essencial durante todo o período do mestrado, não apenas como um excelente orientador, mas como um grande amigo sempre a disposição de ajudar, a ele meu agradecimento e admiração.

Ao Prof. Ms. Arthur Tavares Valverde é com grande alegria que o agradeço por ter acreditado na minha capacidade profissional e tornado-se um amigo imprescindível.

A Prof^a. Dra. Doralice Sátyro Maia e ao Prof^o. Dr. Antonio Albuquerque da Costa, por serem fundamentais para a conclusão da minha pesquisa, concedendo sugestões valiosas.

A minha turma de mestrado, pessoas maravilhosas que me ajudaram a ampliar meus conhecimentos através das discussões nas disciplinas cursadas.

A Secretaria do Mestrado Sônia, por ser paciente e disposta a ajudar não só a mim, mas a todos os alunos, ela é essencial no Programa de Pós-Graduação de Geografia.

Por fim, a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para mais uma etapa vencida na minha vida, concretizada por ter em meu coração um Deus Vivo e Fiel que me faz vitoriosa.

RESUMO

ALMEIDA, Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de. **RELAÇÕES SOCIOESPACIAIS NO CONTEXTO DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS INFORMAIS DE CAMPINA GRANDE-PB**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Geografia. CCEN/UFPB, João Pessoa – PB, 2011.

O estudo das indústrias calçadistas informais na cidade de Campina Grande-PB está relacionado à constituição desta estrutura produtiva em seu âmbito espacial, social e econômico. Desse modo, os objetivos do presente trabalho foram: discutir a origem e a evolução do setor industrial em Campina Grande, especificamente o setor de calçados; identificar e mapear as micro e pequenas indústrias informais calçadistas neste espaço; e, estudar as indústrias informais e sua dinâmica na estrutura socioespacial da cidade em questão. Assim, procurou-se discutir a realidade socioespacial das indústrias de calçados informais em Campina Grande através de uma pesquisa de caráter analítico-descritivo, com abordagem quantitativa e qualitativa. Em meio aos resultados encontrados, notou-se que as indústrias informais investigadas apresentam estrutura física e operacional arcaica, mão de obra barata com mínima ou sem qualificação profissional, produção sazonal de calçados, fato que provoca instabilidade às pessoas inseridas na atividade e com relação à geração trabalho, uma pequena representatividade, quando comparada as indústrias formais. A análise crítica do estudo permite considerar que, o arranjo calçadista informal campinense, necessita de ações eficientes e eficazes, por parte das instituições que apóiam o setor, além de incentivos governamentais, para que estas se desenvolvam e tornem-se competitivas, adequando-se ao atual modelo capitalista de produção, regido pelas inovações tecnológicas e ampliação dos mercados consumidores, e caso contrário, estarão fadadas a uma redução e até o desaparecimento. Portanto, este trabalho tem a proposta de contribuir para um melhor conhecimento acerca da origem das “fabriquetas” de calçados, além de analisar o papel socioeconômico da atividade calçadista informal para a cidade de Campina Grande.

Palavras-chave: Campina Grande. Espaço. Indústria. Setor Informal.

ABSTRACT

ALMEIDA, Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de. **SOCIO-SPATIAL RELATIONS IN THE CONTEXT OF INFORMAL FOOTWEAR INDUSTRIES IN CAMPINA GRANDE-PB.** Dissertation (Master's Degree). Program of Post-Graduation in Geography. CCEN/UFPB, João Pessoa - PB, 2011.

The study of informal footwear industries in the city of Campina Grande-PB is related to the creation of productive structure in its spatial context, social and economic development. Then, the objectives in the present research were: to discuss the origin and evolution of the industrial sector in Campina Grande, specifically the footwear sector, to identify and map the micro and small informal footwear industries in this space and, finally, to study the informal industries and its dynamics in the socio structure of the city. Thus, it was tried to discuss the reality of socio-casual footwear industries in Campina Grande, through a survey of analytical-descriptive, with quantitative and qualitative approach. Among the findings, it was noted that the informal industries investigated have archaic physical structure and operational and cheap labor with little or no professional qualification, seasonal production of shoes, a fact that leads people in the activity to instability related to generation work, a small representation when compared to formal industries. The review of the study may suggest that the informal arrangement Campinense footwear needs efficient and effective actions on the part of institutions that support the industry, and government incentives, so that they develop and become competitive, adequate the current capitalist model of production, governed, for example, by technological innovation and expanding consumer markets, otherwise they are bound to decrease and even disappear. Therefore, this work is proposed to contribute to a better knowledge about the origin of "sweatshops" of shoes, and to analyze the socioeconomic role of informal activity shoe for the city of Campina Grande.

Keywords: Campina Grande. Industry. Informal Sector. Spatial.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização de Campina Grande-PB.....	17
Figura 2: Área de influência e Conexões Externas de Campina Grande-PB – Capital Reginal B (2B)	18
Figura 3: Esboço da Cidade Grande-PB em 1864.....	21
Figura 4: A Inauguração da Estação Ferroviária de Campina Grande em 1907	23
Figura 5: Curtume dos Mottas	34
Figura 6: Curtume Antônio Villariam S. A. em 1957	36
Figura 7: Centro de Tecnologia de Couro e Calçados Albano Franco (CTCC).....	38
Figura 8: Curtume INCOSAL (Indústria e Companhia de Sandálias Campinense.....	38
Figura 9: Curtume INCOPAR (Indústria de Couro Professor da Paraíba Ltda)	39
Figura 10: Localização dos Curtumes de Campina Grande - PB	40
Figura 11: Feira de Calçados de Campina Grande	42
Figura 12: Loja Zefinha Calçados	42
Figura 13: Campina Grande: Localização dos Bairros dos Distritos Industriais	44
Figura 14: Localização das Indústrias Calçadistas Informais de Campina Grande	58
Figura 15: Indústria de Calçados Localizada no Bairro Jeremias	64
Figura 16: Indústria de Calçados Localizada no Bairro do José Pinheiro	66
Figura 17: Setores das Indústrias	68
Figura 18: Corte dos Moldes	94
Figura 19: Moldes dos Calçados Cortados	94
Figura 20: Junção e Colagem da Borracha Sintético.....	94
Figura 21: Costura na Borracha no Sintético.....	94
Figura 22: Colagem do Forro	95
Figura 23: Encaixe da Língua.....	95
Figura 24: Máquinas de Costura.....	95
Figura 25: Máquina de Paulmilhar	95
Figura 26: Bico e Paumilha Costurados	96
Figura 27: Máquina de Esacar a Fôrma ao Capedal.....	96
Figura 28: Acabamento	97

Figura 29: Solado Encaizado..... 97

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Número de Estabelecimentos Ligados às Indústrias de Bens de Consumo Não Duráveis na Cidade de Campina Grande de 1920-1980	29
Gráfico 2: Número de Estabelecimentos Ligados às Indústrias de Bens de Consumo Intermediários na Cidade de Campina Grande de 1920 -1980	29
Gráfico 3: Número de Estabelecimentos Ligados às Indústrias de Bens de Consumo Duráveis na Cidade de Campina Grande de 1920-1980	30
Gráfico 4: Quantidade de Indústrias Calçadistas (Brasil, Nordeste, Paraíba e Campina Grande)	47
Gráfico 5: Pessoal Ocupado nas Indústrias Calçadista (Brasil, Nordeste, Paraíba e Campina)	47
Gráfico 6: Salário Médio Mensal (Salários Mínimos).....	48
Gráfico 7: Motivo da Instalação das Indústrias Informais de Calçados em Campina Grande	72
Gráfico 8: Indústrias Informais de Calçados: Fornecimento de Matérias-Primas.....	73
Gráfico 9: Indústrias Informais de Calçados: Satisfação Quanto ao Custo da Matéria-Prima	74
Gráfico 10: Indústrias Informais de Calçados: Satisfação Quanto a Qualidade da Matéria-Prima	75
Gráfico 11: Tipos de Calçados Fabricados nas Indústrias de Calçados Informais.....	76
Gráfico 12: Destino dos Produtos das Indústrias Informais de Calçados	77
Gráfico 13: Percentagens das Principais Dificuldades das Indústrias Informais de Calçado.....	81
Gráfico 14: Gênero dos Funcionários das Indústrias.....	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estrutura Industrial de Campina Grande de 1990 a 2008.....	32
Tabela 2: Renda dos Bairros da Cidade de Campina Grande – 2000.....	59-60
Tabela 3: Número de Funcionários das Indústrias de Calçados Informais.....	78
Tabela 4: Produção Diária de Calçados das Indústrias Calçadistas Informais	79
Tabela 5: Indústrias Calçadistas Informais: Meses de Maior e Menor Produção.....	80
Tabela 6: Faixa Etária dos Proprietários das Indústrias de Calçados Informais.....	84
Tabela 7: Faixa Etária dos Funcionários das Indústrias de Calçados Informais.....	84
Tabela 8: Nível de Instrução dos Proprietários das Indústrias.....	86
Tabela 9: Nível de Instrução dos Funcionários das Indústrias	86
Tabela 10: Tempo de Trabalho dos Proprietários nas Fábricas de Calçados Informais	88
Tabela 11: Tempo de Trabalho dos Funcionários nas Fábricas de Calçados Informais	88
Tabela 12: Horas de Trabalho Diária dos Proprietários das Indústrias Calçadistas	90
Tabela 13: Horas de Trabalho Diária dos Funcionários das Indústrias Calçadistas.....	90

LISTA DE SIGLAS

BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento
CTCC	Centro Tecnológico de Couro e Calçados
FIEP	Federação das Indústrias do Estado da Paraíba
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCOPAR	Indústria de Couros Professor da Paraíba Ltda
INCOSAL	Indústria e Companhia de Sandálias Campinense
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizado Industrial
SEPLAM	Secretaria de Planejamento do Município
REGIC	Regiões de Influências das Cidades Médias

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – CAMPINA GRANDE: da cidade à sua industrialização	16
1.1 Localização da Cidade de Campina Grande-PB	16
1.2 Pressupostos Históricos	19
1.3 A Evolução da Indústria na Cidade de Campina Grande-PB	22
1.4 Ascendência e Desenvolvimento das Indústrias de Calçados em Campina Grande-PB.....	33
1.5 Caracterização Contemporânea do Setor Calçadista Formal Campinense	43
1.5.1 Representatividade da Indústria Calçadista Campinense	45
1.5.2 Tecnologia do Setor de Calçados da Cidade de Campina Grande-PB	49
CAPÍTULO II – A INDÚSTRIA CALÇADISTA INFORMAL CAMPINENSE NA ATUALIDADE: organização e estrutura	52
2.1 A Teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana e as Indústrias Informais.....	52
2.2 Espaço e Território das Indústrias Calçadistas Informais.....	53
2.3 Localização das Indústrias Calçadistas Informais	57
2.4 Organização e Estrutura das Indústrias Informais de Calçados.....	61
CAPÍTULO III – A DINÂMICA DAS INDÚSTRIAS CALÇADISTAS INFORMAIS NA ESTRUTURA SOCIOESPACIAL DA CIDADE	70
3.1 Análise Socioespacial da Indústria Informal de Calçados em Campina Grande-PB	71
3.2 Perfis Socioeconômicos dos Proprietários e Funcionários das Indústrias de Calçados Informais	83
3.3 Processo de Produção do Tênis.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	105
APÊNDICES	111
APÊNDICE A – ENTREVISTA – PROPRIETÁRIOS DAS INDÚSTRIAS	112
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO – PROPRIETÁRIO E FUNCIONARIOS DAS INDÚSTRIAS.....	114

INTRODUÇÃO

O empenho em estudar as indústrias¹ calçadistas informais na cidade de Campina Grande deve-se diretamente relacionado à inserção desta estrutura produtiva em seu âmbito espacial, social e econômico. O projeto inicial desta pesquisa contemplava uma análise acerca das indústrias de couro e calçados formais e informais da cidade de Campina Grande, mas em virtude da amplitude do tema, o estudo passou a considerar apenas as indústrias calçadistas informais a título de análise, e desse modo, os objetivos iniciais foram alterados.

Ao analisar o setor calçadista na cidade de Campina Grande, observou-se duas realidades contundentes: uma formal e articulada com órgãos públicos, como a FIEP (Federação das Indústrias do Estado da Paraíba), SENAI (Serviço Nacional de Aprendizado Industrial), entidades como o SEBRAE – PB (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), dentre outras, que faz uso de uma tecnologia moderna, com funcionários em sua maioria qualificados, que gozam dos direitos trabalhistas.

Já a outra realidade, ao largo dessas indústrias, é formada principalmente de micro e pequenas fábricas², também conhecidas por indústrias de fundo de quintal ou gangorra³, constituídas principalmente por produtores de calçados populares, que fazem uso de pouca tecnologia, funcionários com mínima ou sem qualificação profissional, ou seja, indústrias informais, cuja realidade funcional revela que grande parte dos proprietários/funcionários aprendeu o ofício em fábricas, o que revela características próprias do “circuito inferior da economia urbana” (SANTOS, 1979), das quais, algumas têm ou já tiveram contatos com o SEBRAE – PB (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), no que diz respeito à realização de cursos e palestras no ramo de calçados.

É essencial destacar que, o alvo desta pesquisa está centrado na dinâmica das indústrias calçadistas informais, no contexto da estrutura produtiva da cidade de Campina Grande. No entanto, acredita-se ser de fundamental importância também caracterizar e estudar a representatividade da indústria calçadista formal campinense na atualidade, pois a ausência

¹ Sousa (2005, p.15) afirma que “No dia a dia da economia industrial, a palavra indústria está caracterizada por diversos significados, desde uma empresa de pequeno porte, até uma fábrica de qualquer tamanho de um parque industrial, que trabalhe com atividade de transformação, que usem maquinarias que tenham como objetivo criar um terceiro produto”.

² Quanto ao tamanho das indústrias, Pereira (2008) as define pelo número de trabalhadores, micro indústrias (0-9), pequenas (10-49), médias (50- 499) e grandes (mais de 1000), o estudo utiliza o mesmo critério, mas a pesquisa trabalha apenas com micro e pequenas indústrias, as chamadas de fundo de quintal, em que muitas fazem jus à denominação, por instalarem-se nos fundos dos quintais das casas dos proprietários.

³ “codinome das pequenas oficinas que produziam calçados e que ora estavam no alto, ora embaixo, do ponto de vista produtivo e econômico” (FARIAS, 2009, p. 152).

desta reflexão tornaria o estudo unilateral. Também se registra a gênese desta estrutura produtiva ao pesquisar a inserção de curtumes em Campina Grande e sua realidade na contemporaneidade, pois estes foram fundamentais para a indústria calçadista local.

Assim, o presente trabalho tem como objetivos: discutir a origem e a evolução do setor industrial no município de Campina Grande, especificamente o setor de calçados; identificar e mapear as micro e pequenas indústrias informais de calçados na cidade; e, estudar as indústrias informais e sua dinâmica na estrutura socioespacial da cidade em questão.

A pesquisa é de caráter analítico-descritivo, com abordagem quantitativa e qualitativa. Como instrumentos para a coleta de dados foram utilizados: entrevistas estruturais, ou seja, foram realizadas entrevistas com os proprietários das indústrias, dos quais se obtiveram dados relativos às atividades realizadas nas fábricas; e questionários, visto que foram aplicados aos funcionários e proprietários das indústrias, em que se coletaram informações socioeconômicas.

O trabalho de campo realizou-se em 51 indústrias calçadistas⁴ informais e 03 curtumes existentes na cidade de Campina Grande, de Maio a Outubro de 2010. O campo, contou com uma equipe, para a realização do mapeamento das indústrias e fotos dessas e dos curtumes. Foram entrevistados os donos das fábricas, salientando que, em algumas indústrias, os donos não estavam ou não podiam responder, mas, em sua ausência, pessoas ligadas às fábricas responderam. O número de funcionários empregados diretamente corresponde a um total de 258; foram aplicados questionários a 186, o que corresponde à, aproximadamente, 72,09%.

É imprescindível mencionar que não se conhece ao certo o total de indústrias calçadistas informais na cidade. Foram procuradas informações de *in loco* no SEBRAE e na FIEP, mas não foram obtidos os dados desejados.

Após catalogação e análise das informações, elaborou-se o texto final, dividido em três capítulos: o primeiro apresenta a origem e a evolução do setor industrial na cidade de Campina Grande. O capítulo se inicia com a localização e a gênese da cidade, em seguida descreve-se a origem da indústria em Campina Grande, sendo também analisado o papel das indústrias até os dias de hoje, porém de forma sucinta. Posteriormente, se discute acerca da

⁴ As indústrias de calçados informais estudadas são classificadas de acordo com os tipos de indústria, como de transformação, por “trabalhar com os produtos extrativos ou beneficiados, fazendo gerar outro que o mercado exige a cada instante” (SOUSA, 2005, p. 18), ou seja, tem como matéria prima principal o couro natural, o tecido sintético ou o EVA, que aliados a outros materiais produz os calçados, com a utilização de algumas máquinas e fermentas.

origem e evolução das indústrias calçadistas, e, por fim, caracteriza-se a indústria calçadista formal na contemporaneidade.

O segundo capítulo esboça a indústria calçadista informal na atualidade, iniciando-se com a discussão da Teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana (SANTOS, 1979), e em seguida, analisa-se o espaço e o território das indústrias informais, além da sua localização, organização e estrutura.

Já no terceiro capítulo, faz-se uma análise das indústrias informais de calçados em Campina Grande, através da pesquisa de campo, em que são discutidas as informações adquiridas a partir dos questionários e entrevistas aplicadas nas indústrias, para mostrar a realidade destas e os perfis socioeconômicos dos proprietários e funcionários, além de conhecer a indústria informal propriamente dita.

Por fim, são apresentadas ações de reorientação para o setor calçadista informal, respaldados em uma crítica aos órgãos responsáveis de apoio às micro e pequenas indústrias, questionando-se o porquê do grande número de indústrias em situações precárias e perspectivas futuras para este setor.

Neste sentido, o trabalho tem a proposta de contribuir para um melhor conhecimento acerca da origem das fabriquetas de calçados, além de estudar o papel socioeconômico das atividades calçadistas informais para a cidade em questão.

CAPÍTULO I – CAMPINA GRANDE: da cidade à sua industrialização

No presente capítulo, procura-se fazer um breve relato da constituição do município de Campina Grande-PB, como aspecto importante para compreensão da sua localização e formação. No bojo desse processo, discutir-se-à a origem e evolução do setor industrial campinense até os dias atuais, numa perspectiva geral, a começar com o advento da ferrovia, que impulsionou o comércio algodoeiro. Desse modo, tanto o advento da ferrovia quanto o comércio do algodão foram processos fundamentais para as transformações do espaço urbano campinense e precursores da instalação das primeiras indústrias na cidade.

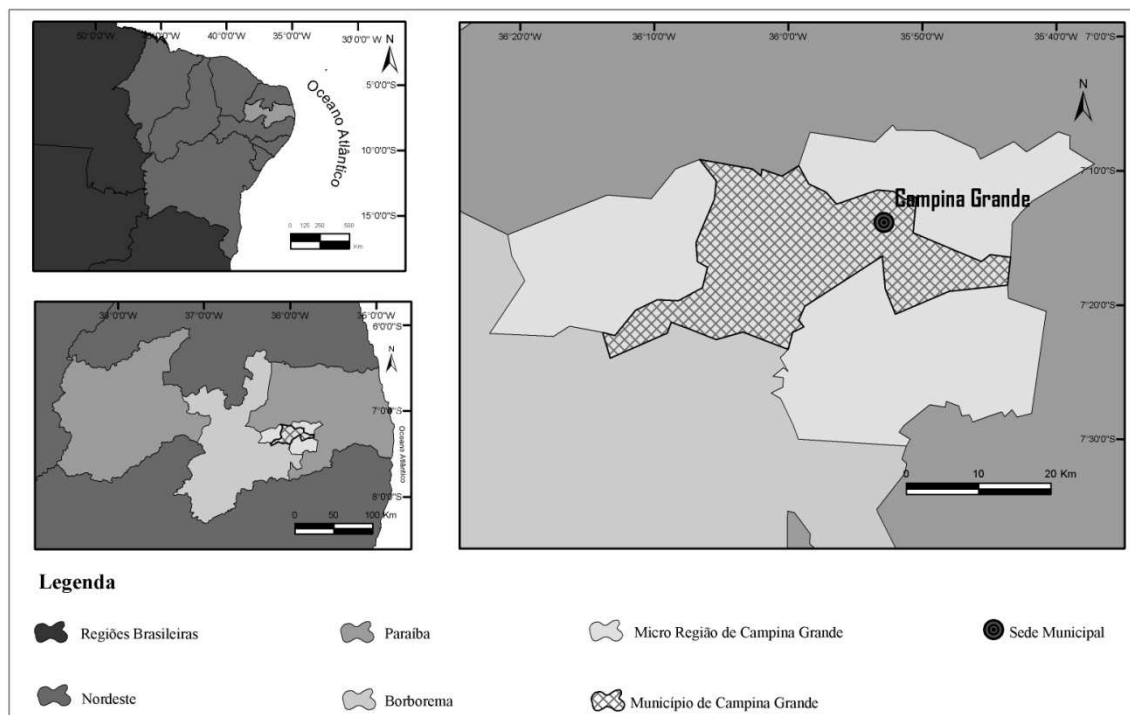
Em seguida, tratar-se-à da origem e evolução das indústrias calçadistas em Campina Grande, e por fim, será feita uma caracterização da indústria calçadista formal na contemporaneidade, a começar com a localização e organização das indústrias e, posteriormente sua representatividade e aspectos tecnológicos.

É importante salientar que, muitos fatos históricos, que impulsionaram a industrialização no espaço urbano campinense e os dados estatísticos da sua evolução industrial não vão ser analisados de maneira detalhada, pois o alvo da pesquisa é descortiná-los sucintamente, para então estudar as indústrias calçadistas.

1. 1 Localização da Cidade de Campina Grande-PB

Quanto à sua localização, Campina Grande, também conhecida como Rainha da Borborema, esta situada na parte Oriental do Planalto da Borborema, na Microrregião que leva o mesmo nome (Figura 1).

Limita-se entre os municípios de Lagoa Seca, Massaranduba, Pocinhos e Puxinanã, ao Norte; Boqueirão, Caturité, Fagundes e Queimadas, ao Sul; Riachão do Bacamarte, a Leste e Boa Vista, a Oeste. Dista 132 km da Capital João Pessoa, posição geográfica que, segundo Oliveira (2007), a confere vantagem, em relação à distância dos principais centros do Nordeste, e tem como os principais acessos à sede do município as Rodovias Federais BR 230 (Transamazônica) e a BR 104, que atravessa a cidade no sentido Leste-Oeste e Norte-Sul respectivamente; e a BR 412, que se conecta com o Cariri Paraibano e interior de Pernambuco.

Figura 1 – Localização de Campina Grande-PB

Fonte: IBGE, 2006. Elaborado: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida, 2010.

Campina Grande apresenta uma população de 385.213 habitantes (IBGE, 2010) e, de acordo com Sokolonski e Montes (S/D), distingui-se como centro sub-metropolitano com polos industriais e comerciais que desempenham influência regional.

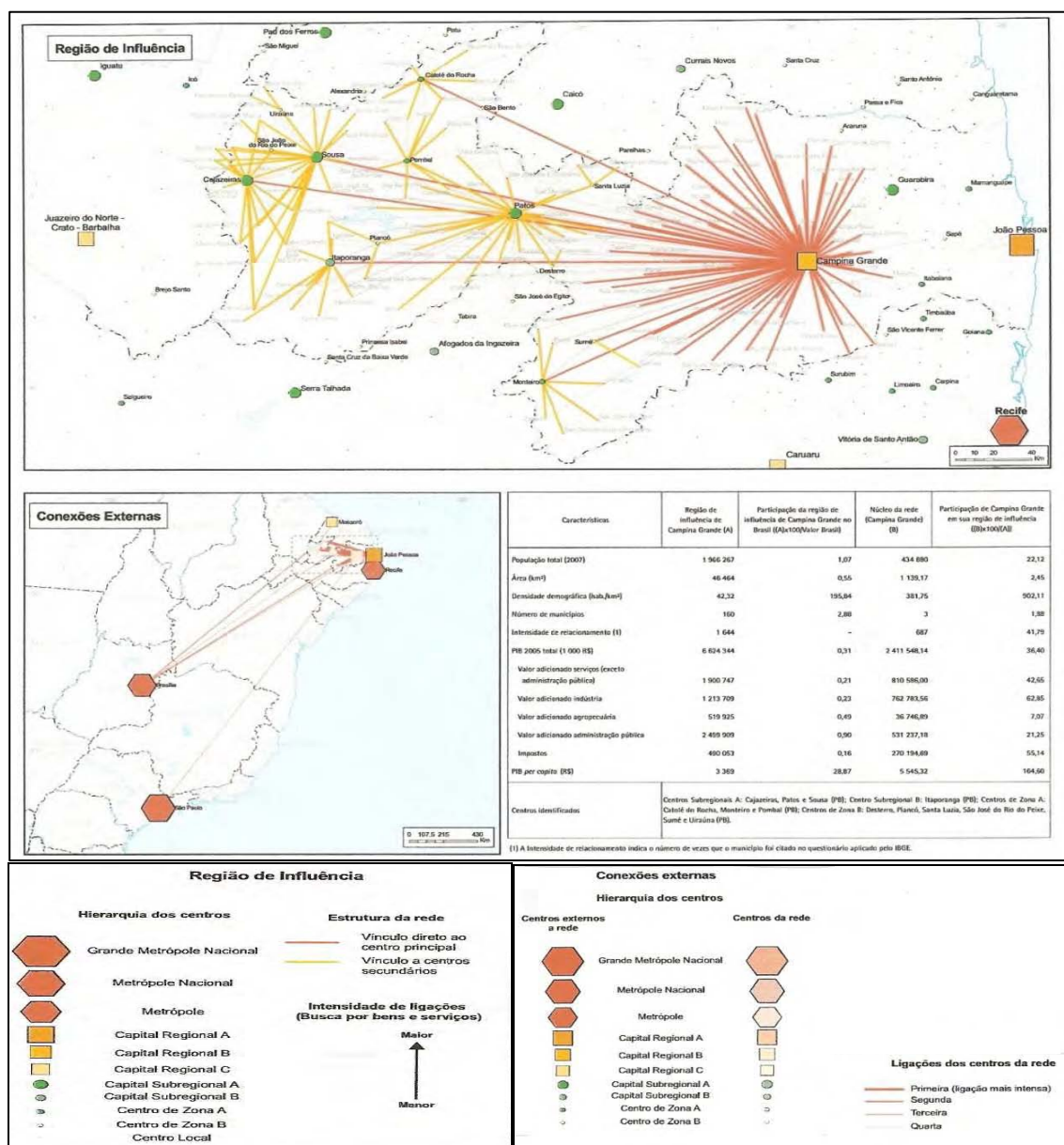
Campina Grande, pode ser considerada uma cidade média, pois a verificação do sistema de cidades pode ser alcançada segundo duas linhas: a primeira, que considera o tamanho demográfico (PUMAIN, 1998 *apud* BRANCO 2007) e, a segunda, de acordo com Branco (2007) emprega a estruturação da rede urbana, com fundamento na função de que cada nó cumpre como centro de repartição de bens e prestação de serviços, da mesma forma que na teoria das localidades centrais.

De acordo com as REGIC – Regiões de Influência das Cidades (2007), a cidade de Campina Grande-PB, no âmbito da rede urbana brasileira está classificada como Capital Regional B, ou seja, por estar entre as 20 cidades, com medianas de 435 mil habitantes e 406 relacionamentos⁵. E, a sua classificação como Capital Regional, se justifica por ser um dos 70 centros que se ligam com o estrato superior da rede urbana, que apresenta gestão inferior ao das metrópoles, ou seja, área de influência regional, referidas como destino, para um conjunto

⁵ Relacionamentos corresponde ao fluxo de informações e serviços que expressam a centralidade de uma cidade.

de atividades, por grande número de municípios. Portanto, por apresentar uma população de 385.213 habitantes (IBGE, 2010) e destacar-se como centro sub-metropolitano, com polos industriais e comerciais que cumprem influência regional, como citado anteriormente, Campina Grande, de acordo com a hierarquia dos centros urbanos, classifica-se como Capital Regional B, influenciando um total de 160 municípios (Figura 2).

Figura 2 – Área de Influência e Conexões Externas de Campina Grande-PB – Capital Regional B (2B)



Fonte: Regiões de Influência das Cidades, 2007, p.86 e 111. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm>>. Acesso em: 11 mar. 2011.

Além disso, a cidade tem uma área territorial de aproximadamente 621 km², apresenta 49 bairros oficiais e outros 14 novos bairros, além dos distritos administrativos de Galante, Marinho, Catolé, Santa Terezinha, São José da Mata e Jenipapo.

1.2 Pressupostos Históricos

As leituras realizadas revelam que a cidade de Campina Grande-PB tem sua origem no ano de 1697 com a chegada dos índios Arius, conduzidos de terras, do hoje Sertão Paraibano, pelo Capitão-mor Teodósio de Oliveira Ledo. A povoação desenvolveu-se ao redor das fazendas de gado, em virtude da mão de obra necessária para esta atividade. O centro originador de Campina Grande, por conseguinte, teve sua localização condicionada pela existência das fazendas que se instituíram e desenvolveram no interior, com faixas de terras favoráveis à criação de gado, que se estendiam por todo o Sertão (SÁ, 1986).

De acordo com Farias (2009), no ano de 1790, Campina Grande foi elevada à categoria de vila, com o título Vila Nova da Rainha, um tributo à D. Maria I. Apesar do nome pomposo, os habitantes continuavam chamando-a de Campina Grande, no lugar de Vila Nova da Rainha, que aparecia apenas em documentos oficiais.

O período de 1790 a 1810, marca a etapa inicial da Vila Nova da Rainha, que se caracteriza, dentre outros aspectos, pelo surgimento de outro povoado no município do Marinho⁶, a 6.600 metros ao nascente da vila, onde se situou a feira semanal de gado; além da provável existência de escolas, de primeiras letras, nas fazendas e engenhos, criadas por iniciativa particular; e, declínio da feira de cereais localizada no Largo da Matriz, em virtude da feira do Brejo de Areia, que se tornou superabundante em cereais, a qual atraía os tropeiros do Seridó e Curimataú. O período de 1811 a 1822 foi marcado pelo aparecimento de mais dois povoados no município, o de Pocinhos e Boa Vista; aumento do número de casas de farinha e de fazendas de gado; parada comercial da vila, dentre outros (CÂMARA, 1998).

Entre 1823 a 1831, cabe destacar a forte presença das ideias liberal-revolucionárias, bem como o pequeno progresso comercial da vila. Apesar disso, a feira de gado do Povoado de Marinho era muito procurada. O período de 1832 a 1845 é marcado pelo surgimento de mais um povoado no município, São Sebastião, e, intensificação da parada comercial da vila, em virtude do progresso das feiras do Limoeiro do Norte e Timbaúba dos Mocós, de Pernambuco. O período de 1846 a 1863 é assinalado por fatos importantes, podendo-se citar:

⁶ Hoje, Distrito de Campina Grande.

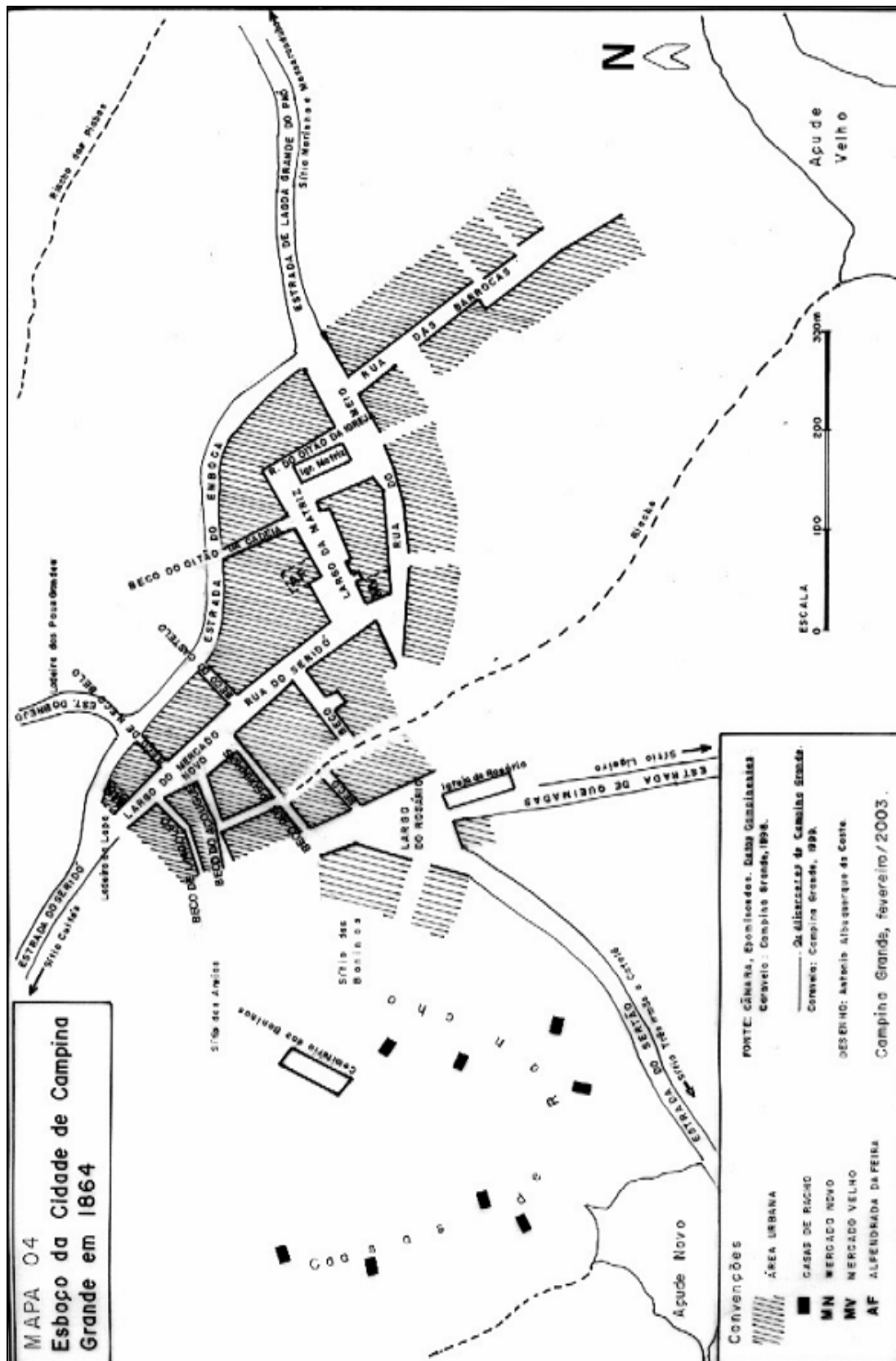
a mudança da feira de gado do Marinho para a vila⁷. Com a instituição do município de Alagoa Nova, Campina Grande perdeu parte de suas terras mais produtivas (CÂMARA, 1998).

No dia 11 de outubro de 1864, Campina Grande torna-se cidade, sob a Lei provincial 137. E em agosto de 1865 passa a ser comarca. Neste panorama, é de grande estima a presença de pequenos agricultores responsáveis pelo cultivo e culturas, como os de mandioca e milho, e outras de subsistência, que estavam situadas no Brejo e no Agreste, e que até hoje constituem um atributo do Mercado Central da Cidade (FARIAS, 2009). Câmara (1998) relata que Campina Grande principiou desordenada, com um crescimento lento, e como povoado, ansiou noventa e três anos para obter emancipação municipal.

Segundo Câmara (1999b, p. 88) “Campina tinha, no ano que foi elevada cidade, duas igrejas católicas, dois açudes públicos, duas casas de mercado, um cemitério, uma cadeia, a casa da Câmara, três largos, quatro ruas, oito becos e cerca de trezentas casas” (Figura 3).

⁷ Atual cidade de Campina Grande.

Figura 3 – Esboço da cidade de Campina Grande-PB em 1864



Fonte: Antonio Albuquerque da Costa, 2003, p. 28.

1.3 A Evolução da Indústria na Cidade de Campina Grande-PB

Reconhece-se que a origem da industrialização na cidade de Campina Grande é importante para compreensão das transformações socioespaciais e econômicas que se evidenciam na contemporaneidade. É essencial estudá-las de forma geral, para então partir para o específico, no caso, a indústria calçadista, pois, assim, é possível entender a importância desta na economia e na sociedade de antes, e do período atual.

No decorrer da estruturação industrial em Campina Grande, dois processos foram fundamentais para a concretização dessa atividade que até hoje movimenta a economia campinense, são eles: o transporte ferroviário e o comércio do algodão.

O trem proporcionou à cidade, no início do século XX, um avanço econômico, contudo, é impossível esclarecer a chegada do trem à Campina Grande sem explicar a dinâmica que precedeu essa etapa do desenvolvimento da cidade.⁸

A construção da estrada de ferro na Paraíba iniciou-se em 1880. Um ano mais tarde, a estréia do trem se deu num trecho de 30 km que conectou João Pessoa a um entroncamento, no município de Sapé/PB; este percurso apresentava os primeiros sinais visíveis do progresso que chegaria ao Estado seguido as locomotivas. Da pequena localidade, a estrada recebeu um desvio para o norte, em 1882, até Mulungu/PB. Em 1884, teve mais um aumento de percurso e a estrada alcançou o atual Município de Guarabira, continuando para a cidade potiguar de Nova Cruz/RN e depois Natal. Em julho de 1901, o governo federal arrendou a ferrovia à empresa inglesa Great Western Railway. Os ingleses estabeleceram um ramal de Pilar/PB à Timbaúba/PE e em 1907 estabeleceu a Estação em Campina Grande (Figura 4)⁹.

⁸ Jornal da Paraíba. Chegada do trem: da euforia ao descaso, 04 set. 2006. Disponível em: <http://www.newslog.com.br/site/default.asp?TroncoID=907492&SecaoID=508074&SubsecaoID=483908&Template=/artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=926084&Titulo=Chegada%20do%20trem%3A%20da%20euforia%20ao%20descaso>. Acesso em: 24 out. 2010.

⁹ Jornal da Paraíba. Chegada do trem: da euforia ao descaso, 04 set. 2006. Disponível em: http://www.newslog.com.br/site/default.asp?TroncoID=907492&SecaoID=508074&SubsecaoID=483908&Template=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=926084&Titulo=Chegada%20do%20trem%3A%20da%20euforia%20ao%20descaso. Acesso em: 24 out. 2010.

Figura 4 – A Inauguração da Estação Ferroviária de Campina Grande em 1907



Fonte: Autor Desconhecido. Cessão Jonatas Rodrigues. Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/paraiba/campina.htm>>. Acesso em: 25 out. 2010.

De acordo com Silva (2009), o transporte ferroviário transformou a relação do sistema produtivo entre os Estados, o qual tornou mais rápido o escoamento da produção de algodão, além de ser porta de entrada dos produtos manufaturados ao sertão setentrional nordestino, provenientes de Recife/PE, acontecimento que dinamizou a circulação de mercadorias e capitais.

Os tropeiros¹⁰ foram figura importante na comercialização do algodão, eles traziam o algodão e regressavam para suas terras, abastecidos de mercadorias. Submissos à estrada de ferro, estabelecida na praça campinense em 1907, foi através deles que essa praça e essa estrada de ferro compraram várias áreas de produção algodoeira, que sobre elas cumpriram uma relação de empório comercial, movimento enfraquecido a partir da década de 1940, com a propagação do caminhão (ARANHA, 1993). De acordo com Costa (2003, p.33) “Tal fato se explica pela ausência de mecanização do território a montante de Campina Grande, pois a redução do fluxo de tropeiros coincide exatamente com a abertura das rodovias”.

Oliveira (2007, p. 20-21) afirma que:

¹⁰ “Fossem os tropeiros do Cariri ou do Sertão da Paraíba, ou mesmo do interior de outros Estados...” (ARANHA, 1993, p.09).

Com a inauguração da estrada de ferro, especialmente porque era o fim da linha ferroviária que ligava o Sertão, o Cariri e o Curimataú à Capital do Estado e à metrópole regional, Recife, o comércio ressurgiu rapidamente, sobrepujando outras praças do brejo paraibano, especialmente Itabaiana. Já na década de 1910 surgiram condições para que o Município passasse a ser o mais importante aglomerado urbano do interior do Nordeste.

Assim, a produção de algodão para Campina Grande, que contava com o subsídio técnico da ferrovia, ofereceu a cidade uma especialização funcional, responsável pela primazia comercial, conquistada no ano de 1917¹¹. Circunstância em que o espaço brasileiro era constituído por arquipélagos econômicos, Campina Grande, no campo de influência do Recife, consolidou-se gradativamente como importante capital regional (COSTA, 2003).

Silva (2009) relata que a nova realidade alicerçada na relação comercial, em especial a algodoeira, trouxe para a cidade novas perspectivas econômicas, que, no decorrer dos anos, fez de Campina Grande um espaço produtor de bens primários e intermediários significativos, especialmente, por meio da conversão de capitais provenientes da venda do algodão. Desta forma, a cidade paulatinamente coligou um discurso de modernização, principalmente após 1930, quando o Brasil, dá início a um processo de industrialização por substituição de importações.

Além disso, a chegada da linha férrea permitiu o crescimento industrial e de novas estruturas urbanas, sobretudo, as ligadas ao cultivo do algodão, como: galpões para estoque e beneficiamento do algodão, pequenos fabricos, comércio varejista e atacadista (VASCONCELOS, 1980, apud PEREIRA, 2008).

Costa (2003) mostra que, o meio técnico mecanizado apontou o início de um novo tempo para Campina Grande, introduzindo paulatinamente o sistema capitalista por meio da exportação de produtos de ampla aceitação no mercado europeu, sobretudo o algodão. As modernizações dos transportes significaram uma tendência concentradora para a cidade, que foi se tornando um centro de drenagem da produção de vasta hinterlândia, mas também um centro propagador de inovações em nível regional.

Campina Grande foi o maior produtor algodoeiro do Brasil, até o início da década de 1930, porém, com a crise do café em terras bandeirantes, São Paulo encontrou, na produção do algodão, uma das alternativas para sobrepujar o colapso cafeeiro, o que culminou no declínio da economia algodoeira campinense. Aliado a outros fatores, a exemplo da falta de

¹¹ Em 1909, Campina Grande já era preeminente no comércio do interior do Estado com 95 estabelecimentos comerciais. (CÂMARA, 1998).

um porto no Estado para dar vazão à produção e concorrência com outras empresas que entraram no mercado. Dessa explosão comercial, a cidade organizou-se para uma economia que consolidou o espaço urbano, dando início à sua expansão. Dos anos de 1930 em diante, a cidade submeteu-se a uma grande alteração urbana, pois passou a fazer parte do plano de urbanização das grandes cidades brasileiras. A reforma urbanística tem começo em 1935, por meio do Decreto nº 51 baixado pelo prefeito Antônio Pereira Diniz, que procurava meios para conseguir um projeto de saneamento e embelezamento da cidade (OLIVEIRA, 2007).

Apesar do declínio da produção de algodão, Campina Grande continuou com essa atividade, que foi essencial para dar princípio às transformações no espaço urbano da cidade e de sua economia, esta aliada ao transporte ferroviário.

Os elementos de expansão industrial, aos poucos, tornaram viável um segmento industrial no campo de metalurgia e mecânica, alicerce do novo período econômico, o qual Xavier (1992) *apud* Silva (2009) designa de *estatal-industrial*, que surgira após a crise do ciclo algodoeiro. Este se iniciou ainda nos anos 1930, em decorrência da propagação das estradas de rodagem e de caminhões, que realizavam o transporte do algodão para outras localidades com forte comércio, trazendo a ação do Estado mais marcante do que no período anterior. Campina Grande, por estar conectada aos fluxos gerais do comércio e à industrialização regional e nacional, passou a ser receptáculo de distintos contingentes populacionais da região, que viam em seu espaço urbano uma possibilidade de progresso nas condições de vida (SILVA, 2009).

Assim, torna-se evidente através da literatura, que os períodos assinalados pela ferrovia foram marcos do início do século XX, que proporcionaram à Campina Grande um grande crescimento econômico, fator que desencadeou um aumento populacional, pois a cidade apresentava uma possibilidade de melhoria de vida, através do trabalho no comércio ou na indústria.

Quanto à crise do ciclo algodoeiro na cidade em estudo, foi visto que este fato aconteceu em semelhança, a outros lugares com atividade comercial intensa, a exemplo de Itabaiana, quando a ferrovia despontava em Campina Grande.

Na década de 1940, a produção do sisal, ao mesmo tempo que a do algodão, era negociada na cidade. É de forte conhecimento que o sisal obteve altos preços nas décadas de 1940 e 1950, quando teve seu período de ouro, mas, em virtude da concorrência com o fio sintético e com o sisal produzido na África, logo entrou em decadência na década seguinte (OLIVEIRA, 2007).

No período do Pós-Guerra até finais dos anos 1960, Campina Grande testemunhou uma tentativa de industrialização. Até o término de 1950, o desempenho industrial se destinava, principalmente, na produção de couro e pele, têxtil, bebida, sabão, alimentos e beneficiamento do algodão. Isto fez com que a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP) estabelecesse sua sede na cidade (OLIVEIRA, 2007).

Pereira (2008) apresenta que o crescimento industrial em relação ao comércio na economia campinense ocorreu pouco a pouco entre os anos de 1950 e 1960, o que modificou o espaço urbano por meio da criação de infra-estruturas e instituições de apoio e suporte à industrialização, igualmente da dinamização dos seguimentos comerciais e de serviços.

Sobre este aspecto, Oliveira (2007, p.32) relata que:

Até a década de 1960, Campina Grande não dispunha de um setor industrial que despontasse de forma mais agressiva no cenário econômico, isso porque suas indústrias se limitavam ao beneficiamento do algodão, produção de couro e peles, alimentos e têxtil. Porém, esse modelo começa a se esgotar em meados dos anos 60, como consequência da crise econômica deflagrada nesse setor.

De acordo com Alonso (2010), a causa pela qual a indústria despontou em Campina Grande, deveu-se à interferência do Estado, a começar de 1960. Sob as promessas econômicas da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), a FIEP, com sede em Campina Grande, liderou um processo por distintas configurações de estímulos, o que permitiu o desenvolvimento da estrutura produtiva campinense.

A SUDENE determinou a cadência de um novo crescimento urbano para Campina Grande, com a entrada do capitalismo monopolista, através de uma nova política industrial, o que resultou na reestruturação de Campina Grande. Realmente, em períodos de ditadura militar, um conjunto de medidas de resolução fiscal, tributária e de política industrial compôs o desenvolvimento dos distritos industriais, que hoje totalizam quatro, localizados na área sul da cidade nas principais rodovias de comunicação, não havendo dispersão espacial (op. cit., 2010).

O processo de industrialização evidenciado em Campina Grande acentuou-se no período denominado de Milagre Econômico. Neste momento, particularmente, a partir de 1970, o Brasil contabilizava a mudança gradual do processo econômico agrário para o agroindustrial e industrial.

No caso de Campina Grande, sob o incentivo da SUDENE, verifica-se a concentração e constituição de capital para instalação do distrito industrial da cidade através de incentivos que contribuíram para torná-la no período de 1969 a 1979, um dos grandes centros da atividade industrial moderna, tanto do Estado como também do interior nordestino (OLIVEIRA, 2007).

De acordo com Alonso (2010, p. 07),

Cabe frisar a argumentação quanto aos efeitos das crises de expansão do capital, ou seja, da crise da indústria no bojo da estrutura econômica brasileira e seus reflexos no quadro produtivo campinense. Desde a denominada crise do milagre econômico, quando a indústria nacional entra num ciclo de desaceleração (1973-1980), os reflexos desse processo também afetaram a indústria campinense. Ocorre que o fechamento, mesmo que seja de uma única indústria importante, numa estrutura produtiva de dimensões regionais, embora modesta, comparados aos de outras regiões industriais brasileiras, tem uma repercussão mais significativa. Foi o caso, por exemplo, do fechamento da fabricante de fogões Wallig Nordeste, a maior fábrica do município naquele momento e que, ao encerrar suas atividades em 1979, engendrou dificuldades de toda ordem para Campina Grande.

Outras empresas, como Sanbra, Susy, Fracalanza, Fibrasa etc. fecharam, e além disso, outras diminuíram seu ritmo de fabricação, o que trouxe implicações para a oferta de emprego no município (SILVA, 2009).

O período de 1980 e 1990 importou quedas no Produto Interno Bruto-PIB de Campina Grande, em virtude do esgotamento do padrão de desenvolvimento imposto pela SUDENE. A maturação dos investimentos nas décadas anteriores e a perda lentamente do caráter de entreposto comercial-regional acarretaram complicações para os índices de absorção da força de trabalho, pois as taxas de crescimento do PIB estavam aquém do crescimento populacional, o que levou algumas pessoas a transformar-se em autônomos, trabalhadores em tempo parcial, trabalhador por tarefa, dentre outros. Desta forma, a cidade nos anos de 1980 e 1990, sobreviveu do que sobrou do seu parque industrial, centrado em produtos de baixo valor agregado e do setor de serviços disseminados nos serviços de saúde, educação e administração pública (op. cit, 2009), além do comércio informal que se disseminou na cidade.

Para compreender a conjectura do arranjo industrial campinense na contemporaneidade, faz-se necessário, além da análise histórica discutida, a consonância com os dados estatísticos industriais sobre a evolução industrial, dividida no período de 1920 até

1980 e depois de 1990 até os anos 2000. Logo, como respaldo para esta apreciação, tem-se o uso de gráficos e tabelas expressos mais adiante.

Na análise, afirma-se que, não obstante à interferência do Governo na indústria a partir da década de 1960 com a política de incentivos, “tais como: fiscais, financeiros, creditícios, além de assistência e assessoria técnica” (OLIVEIRA, 2007, p.32), a composição produtiva de Campina Grande continua até a década de 1980 marcada pelas indústrias tradicionais, especialmente as têxteis, as de couro e as de alimento, com ênfase para as de bens de consumo não duráveis, constituídas em sua maioria por pequenas fábricas.

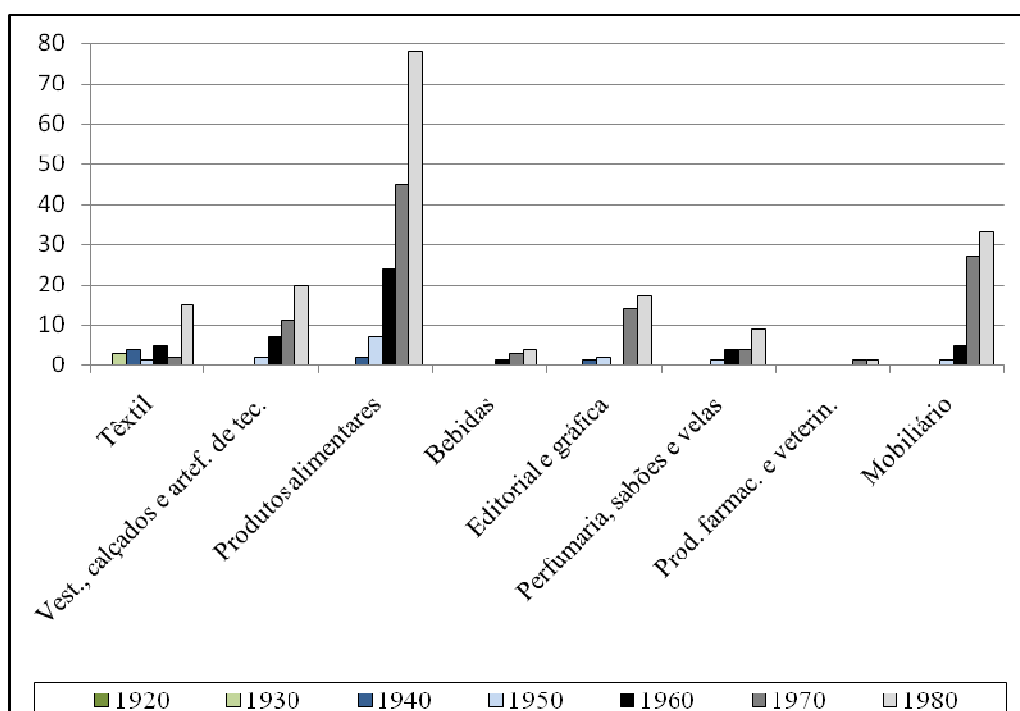
A indústria de couro enquadra-se no grupo de bens de consumo intermediário (Gráfico 02), que de acordo com Sandroni (1989, *apud* BRAGUETO, S/D) são caracterizadas por bens manufaturados ou matérias-primas processadas para fabricação de outros bens ou produtos finais. Em Campina Grande, a maioria das indústrias era de pequeno porte, pelo número de funcionários que empregavam, com menos de 10 funcionários.

O centro do trabalho é as indústrias calçadistas evidenciadas no gráfico 1, havendo uma discussão acerca de sua origem; já no gráfico 2, os dados mostram que, em meados da década de 1920, a indústria do subsetor de couro, peles e artefatos para viagem apresenta apenas um estabelecimento na cidade. O setor de vestuário, calçados e artefatos de tecidos surge a partir da década de 1950 conforme se vê no gráfico 1, fato provavelmente decorrente do primeiro setor, o qual enquadra os curtumes.

Ainda conforme o gráfico, o setor de vestuário, calçados e artefatos de tecidos cresce consideravelmente até 1980, apesar da década de 1970 ser marcada pelo declínio das indústrias de couro, peles e artefatos para viagem, que na década seguinte apresenta uma reação, com a consolidação de seis unidades, além das duas já instaladas, fato evidenciado no gráfico 2.

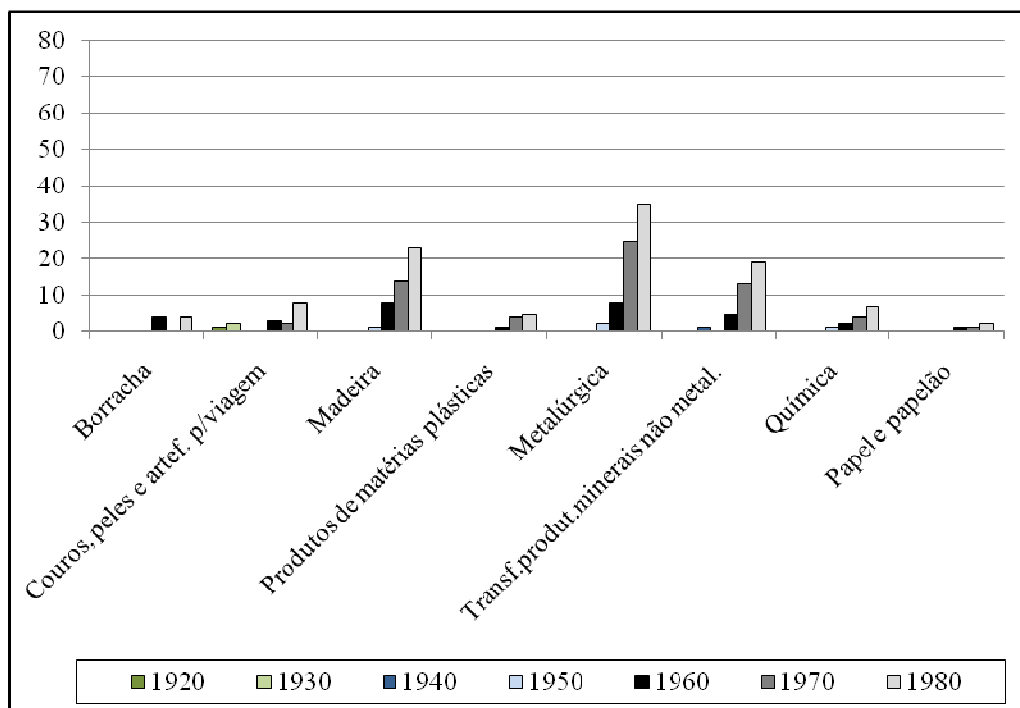
O declínio da indústria de couro, peles e artefatos para viagem entre 1960 a 1970, de acordo com dados apurados, com relação aos curtumes, teve como uma das principais responsáveis, a entrada do tecido sintético no mercado, já que o produto tem o preço mais acessível que o couro natural (Gráfico 2). A crise vai se aprofundando em 1990, ano de grande fechamento dos curtumes na cidade de Campina Grande.

Gráfico 1: Número de Estabelecimentos Ligados às Indústrias de Bens de Consumo Não-Duráveis na Cidade de Campina Grande de 1920-1980



Fonte: FIEP, IBGE, RAIS. Elaborado: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida.

Gráfico 2: Número de Estabelecimentos Ligados às Indústrias de Bens de Consumo Intermediários na Cidade de Campina Grande de 1920-1980

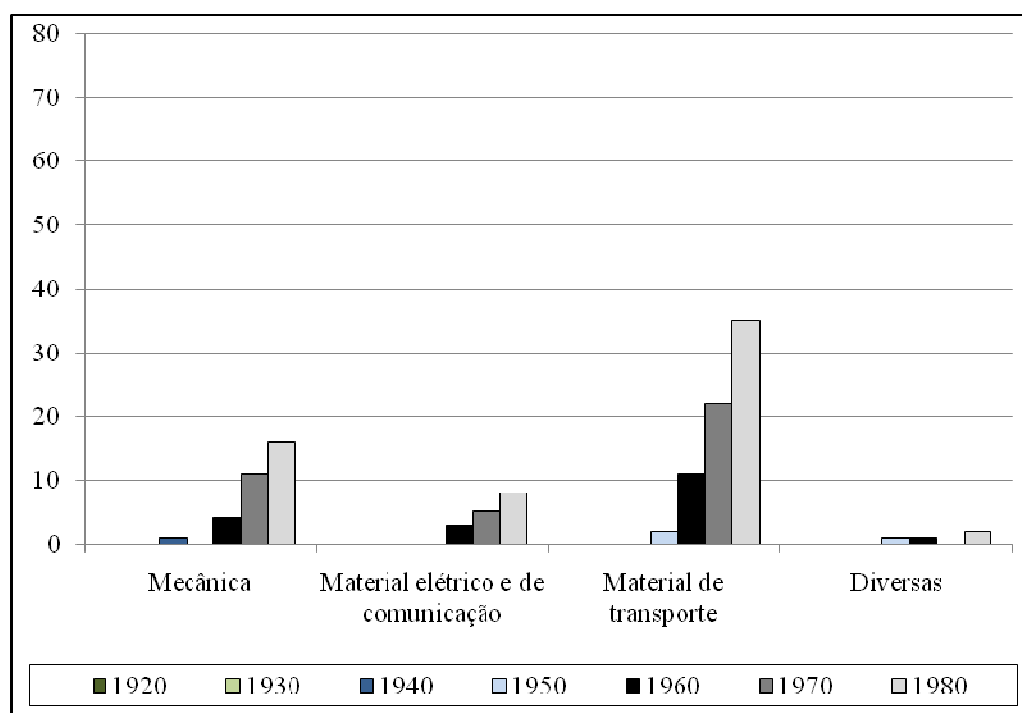


Fonte: FIEP, IBGE, RAIS. Elaborado: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida.

A seguir o gráfico 3 dá ênfase à análise das indústrias no setor de mecânica e material de transporte, pela correlação, pois estas não marcam presença nos períodos de 1920 a 1930, o aparecimento dar-se-á a partir da década de 1940 na área da mecânica, com um estabelecimento; e 1950, com a de material de transporte, com dois estabelecimentos. Ao se recorrer a tempos distintos, verifica-se que surgiram, a partir da necessidade que a produção algodoeira impôs, a precisão de uma indústria ligada à mecânica, em virtude das máquinas para a produção algodoeira e depois a de transportes, em decorrência da ferrovia, intimamente relacionada com o algodão.

O gráfico 3 ainda mostra que a indústria metalúrgica surge em consonância com a de material de transporte, impulsionada igualmente pela produção algodoeira, e evolui consideravelmente de 1920 a 1980, alcançando 35 estabelecimentos.

Gráfico 3: Número de Estabelecimentos Ligados às Indústrias de Bens de Consumo Duráveis na Cidade de Campina Grande de 1920-1980



Fonte: FIEP, IBGE, RAIS. Elaborado: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida.

De 1920 a 1950, há uma pequena participação e até mesmo ausência de alguns dos setores industriais analisados pelo fato da industrialização na cidade de Campina Grande estar em seu estágio inicial. Nesta época as atividades que se destacavam eram o comércio e a produção do algodão.

Ao se observar os gráficos 1, 2 e 3 divididos de acordo com os tipos de indústria, e analisados a partir do “boom” da indústria na cidade em questão, percebe-se a participação proeminente que as indústrias de bens de consumo não-duráveis, denominadas tradicionais, exercem sobre as demais em Campina Grande. Ao serem comparadas, em níveis percentuais, nota-se que as de bens de consumo não duráveis em 1960 representavam 75%, em 1970, 50% e em 1980, 48% do número de estabelecimentos industriais contabilizados na pesquisa, o que configura uma participação efetiva na empregabilidade. Todavia é percebido quedas do número de estabelecimentos ao longo do período frisado, o que provocou danos econômicos, motivados pela crise do “Milagre Econômico”.

As indústrias de bens de consumo intermediários e as de bens de consumo duráveis evidenciadas nos gráficos 1 e 2 representavam estatisticamente, em 1960 aproximadamente, 25%, 1970, 50% e em 1980 48%; portanto, é notório um crescimento de 1960 a 1970 de 96% e uma pequena queda de 1970 a 1980, de -4%, porém, ao se comparar com as de bens de consumo não-duráveis, o seu crescimento está abaixo do que seria necessário para estes setores destacarem-se na economia campinense.

Para adentrar no estudo da década de 1990 até os anos 2008 e entender os dados, é importante salientar que de acordo com Pereira (2008), a segunda metade dos anos de 1980 foi assinalada pela retomada do crescimento econômico no Brasil. No caso de Campina Grande, o crescimento provocou um processo de reconfiguração industrial proeminente na primeira metade dos anos 1990, em virtude da reestruturação produtiva, que fortaleceu a supremacia produtiva de determinados seguimentos industriais e que materializou uma industrialização edificada nas micro e pequenas empresas, não obstante a persistência das médias e grandes empresas análogas à economia brasileira.

Com relação às micro e pequenas indústrias calçadistas, a crise de 1980, não destruiu o seu potencial, as micro recuperaram o crescimento na metade de 1980 e as pequenas, de 1990 (op. cit., 2008).

A indústria extrativa nunca foi tradição da cidade de Campina Grande, pois, de acordo com dados da FIEP, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Relação Anual de Informações (RAIS), constata-se que esta surgiu em 1960 com 03 estabelecimentos, com aditamentos até 1980, com o acréscimo de mais 05 indústrias. Portanto, o número não é significativo, se comparados aos outros setores.

É possível visualizar a estrutura da indústria na cidade de Campina Grande, tanto com relação ao número de estabelecimentos quanto do pessoal ocupado no período de 1990 a 2008 através dos dados da tabela 1 a seguir.

Com relação à indústria de borracha, fumo e couro, os dados comprovam uma acentuada queda do número de pessoal ocupado, no período de 1990 a 2000, reflexo do processo de reestruturação produtiva da década de 1990, contudo, de acordo com Alonso (2010), o acréscimo no número de estabelecimento em 2008, nestes subsetores, está arrolado a um maior número de unidades de pequeno porte, as quais se nutrem das sinergias obtidas pela constituição de arranjos produtivos, a exemplo dos subsetores de calçados e de confecção de artigos de vestuário e acessórios.

É notório, a partir dos dados da tabela abaixo, que as indústrias de material elétrico e comunicação, indústria têxteis e de minerais não metálicos têm um declínio no número de estabelecimentos de 2000 a 2008, e como consequência, nas de minerais não-metálicos e nas de elétrica e comunicação, com redução do pessoal ocupado. Tal fato foi provocado pela concorrência com outros municípios, resultado do ajuste da estrutura a nível nacional e regional.

Tabela 1 – Estrutura Industrial de Campina Grande de 1990 a 2008

Subsetores	Período					
	1990		2000		2008	
	N. E	P. O	N. E	P.O	N. E	P. O
Alimentos e Bebidas	91	1.904	149	1.597	195	1.883
Borracha, Fumo e Couro	23	1.619	33	437	46	502
Elétrica e Comunicação	8	343	14	260	11	258
Extração Mineral	7	134	11	284	12	309
Indústria de Calçados	19	782	39	2.387	58	7.304
Indústria Metalúrgica	33	760	41	461	29	243
Indústria Química	19	591	52	799	52	712
Indústria Têxtil	63	1.302	128	2.682	75	1.481
Indústria Mecânica	16	126	17	121	106	2.713
Madeira e Mobiliário	38	158	51	308	66	527
Material de Transportes	2	7	4	31	8	40
Minerais não Metálicos	29	593	30	501	28	441
Papel e Gráfica	22	459	34	542	54	1.013
Total:	370	8778	603	10.410	740	17426

Fonte: Rais/Caged-1990-2008. Elaborado: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida. N.E: Número de Estabelecimentos/P.O: Pessoal Ocupado.

Ao se observar a tabela 1 é possível constatar que o aumento do número do pessoal ocupado não aconteceu na maioria dos setores industriais. Alguns subsetores têm o incremento pouco expressivo, a exemplo do setor de material de transporte e extração mineral.

Observa-se ainda uma considerável evolução da indústria de calçados, no que diz respeito ao aumento do número de fábricas e consequentemente de empregados. Em percentagem, tem-se um aumento superior a 100% no número de estabelecimentos entre 1990 a 2000 e de 49% entre 2000 a 2008. E entre 1990 e 2008, o número de pessoal ocupado mais que octuplicou nas fábricas calçadistas.

Em um sentido mais amplo evidencia-se que do período de 1990 a 2008, Campina Grande apresenta uma característica industrial voltada principalmente para as indústrias de bens de consumo não duráveis e intermediários. Vale salientar que verificadas em conjunto, tal característica está presente desde décadas passadas, em detrimento dos outros setores.

Contudo, o fato da maior parte das indústrias de Campina Grande fabricar artigos de uso corrente, por acrescentar pouco capital e corresponder à particularidade de uma estrutura periférica, não significa que estas empresas não apresentem máquinas modernas e não estejam acompanhando as alterações nos processos organizacionais. Por exemplo, tem-se a filial da Companhia Têxtil Norte de Minas-Coteminas, uma indústria tecnologicamente moderna, considerada a mais avançada em termos de processo produtivo de indústria têxtil da América Latina, por ser o mais novo estabelecimento do Grupo com sede em Minas Gerais, a fábrica foi instalada com as mais recentes máquinas de fiação do mundo (ALONSO, 2010).

1.4 Ascendência e Desenvolvimento das Indústrias de Calçados em Campina Grande-PB

Em um passado recente, a tradição troupeira, a feira de gado que se desenvolveu na grande Campina, a qual originou a cidade, o conhecimento no trato das peles e do couro (curtumes), consentiu a existência da pequena indústria calçadista que, mesmo com a quase extinção oficial dos curtumes¹², permaneceu (PEREIRA, 2008).

Sousa (2006) afirma que origem das indústrias de calçados de Campina Grande é marcada por polêmicas. Uma suposição é de que as fabriquetas de calçados tenham sido originadas dos primeiros curtumes da cidade; outra, que os primeiros sapateiros, mesmo antes

¹² “Quase extinção oficial porque se detectou a existência de estabelecimentos não formais no segmento couro-calçadista, em especial, curtumes” (Pereira, 2008, p.234)

dos curtumes já trabalhavam com esta tarefa que traziam a matéria-prima de outros lugares; mas, sem dúvida, foram os curtumes que incitaram as indústrias de calçados.

É importante relatar a trajetória dos curtumes de Campina Grande em consonância com as origens das indústrias calçadistas, já que estes impulsionaram tal atividade. De acordo com Farias (2009) há relatos de que já em 1926, às margens do Açude Velho, na cidade de Campina Grande, João Francisco Motta e seus irmãos abrem o curtume intitulado Fábrica de Beneficiamento de Couros Motta & Irmãos, que, com o passar dos anos, apelidou-se de Curtume dos Mottas, sendo este referência no campo por muito tempo (Figura 5).

Figura 5 – Curtume dos Mottas



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2010/04/relembrando-o-curtume-dos-mo-tta.html>> Acesso em: 07 nov. 2010.

É importante frisar que as datas com relação à origem dos curtumes não são unânimes. Sousa (2006) apresenta que o Curtume dos Mottas teve início em 1923, além de mostrar que os irmãos do proprietário aderiram à atividade depois, os quais foram responsáveis pelo incremento na atividade do couro, que gerou mais emprego para a cidade e desenvolveu o setor de calçados. Albuquerque (1998, *apud* LEMOS, 2003), por sua vez, afirma que o surgimento dos curtumes data 1920, como iniciativa de uma família local.

Apesar das contradições acerca dos anos do surgimento desta atividade considerada tão importante para a cidade de Campina Grande, no aspecto econômico e social, por gerar

emprego e renda, um fato conhecido é que, a atividade de curtume estimulou a atividade calçadista.

No processo artesanal de beneficiamento do couro, notou-se que este gerava desperdícios, e isso provocou a formação de sapateiros para a confecção de chinelos e consertos de qualquer atividade, o que não caracterizou propriamente o nascimento das micro-indústrias calçadistas em Campina Grande. Este fato é concretizado após 1930, com o comércio mais efetivo das sandálias alpargatas e outros utensílios feitos com o couro bruto, expurgo do curtume dos Motta. Conta-se que foi desse comércio que apareceu a primeira fabriqueta de sapatos, pois, no fundo de uma determinada loja surgiu uma oficina de consertos e confecções de sapatos. Um dos fundadores das oficinas de fundo de quintal foi Luiz Gomes Bezerra (SOUSA, 2006).

Campina não se restringiu a um curtume, ao contrário, vários foram efetivados. De acordo com Farias (2009), em 1936 Antonio Villarim abre o seu curtume às margens do açude de Bodocongó, e nos anos seguintes, estes dois curtumes foram os estabelecimentos mais significativos da região¹³. A confecção de vaquetas¹⁴ e solas era pequena, entretanto de boa qualidade, admiradas e exportadas para a região Sudeste do Brasil. Com relação à data de abertura do curtume Villarim, Sousa (2006) afirma que se dá no ano de 1935 (Figura 6).

¹³ A Região mencionada é a Nordeste.

¹⁴ “Couro delgado e macio, usado sobretudo para forros” (Dicionário Aurélio, 2004).

Figura 6 – Curtume Antonio Villarim S. A. em 1957



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2010/04/bodocongo-aguas-que-queimam-por-eveline.html>> Acesso em: 07 nov. 2010.

Os anos de 1937 a 1945 foram assinalados pelo surgimento de aproximadamente 35 novas indústrias de calçados. Depois desta fase, muitas faliram, pelas peculiaridades econômicas da época motivar crises. No entanto, na década de 1950 surgiu um terceiro curtume, o Santa Adélia, que veio consolidar a supremacia campinense do setor de curtimento de couro (SOUSA, 2006). É notório que a crise calçadista não afetou com grande intensidade a atividade coureira, já que os curtumes não dependiam apenas do mercado interno, por comercializarem também para outros países.

A fabricação do couro no município teve seu período de apogeu nas décadas de 1940 e 1950, principalmente durante a Segunda Grande Guerra. Nas décadas de 1960 e 1970, a indústria coureira entrou em decadência, particularmente pela forte concorrência com o Estado do Rio Grande do Sul. É neste tempo que as atividades de calçados iniciam seu crescimento (SICTCT, 1994 *apud* LEMOS, 2003).

A crise de 1947 foi atravessada pelo setor de calçados com algumas quebras, contudo, as poucas que resistiram tentaram erguer o setor, com o couro e/ou qualquer outro substitutivo. Em 1957, este setor obteve novo aquecimento, com a entrada do couro sintético ou plástico, mudança que tornou o calçado mais barato e acessível à população mais pobre. Assim, houve a implantação de novas indústrias com uma diversificação muito grande de

novos modelos de calçados no comércio local e regional. Ao longo dos anos, os calçados de couros de animais, tornavam-se inacessíveis à população de baixa renda e a saída foi à prática da fabricação e venda de calçados sintéticos (SOUSA, 2006).

Com relação aos curtumes, diferente de SICTCT, 1994 *apud* Lemos, 2003, Farias (2009) afirma que o ápice do Período dos Curtumes em Campina Grande se deu nos anos de 1960. A Paraíba em 1962 apresentava oito curtumes, com 500 funcionários, e cinco destes estavam em território campinense. Em 1967, outro curtume é aberto, o Curtume Manuel Liano da Silva & Cia. Em 1974, a Paraíba tinha apenas quatro curtumes situados em Campina Grande: Curtume Motta Irmão e Cia., Manuel Liano da Silva e Cia., Curtume Antonio Villarim S.A. e o Curtume Villarim Teixeira, este último implantado em 1970. Por volta dos anos de 1980, o “Curtume dos Mottas”, e o Curtume Villarim Teixeira fecham, entretanto no final desta década surge o curtume INCOSAL – INDÚSTRIA E COMPANHIA DE SANDÁLIAS CAMPINENSE.

Hoje, existem três curtumes formais em Campina Grande, o Centro de Tecnologia de Couro e Calçados Albano Franco (CTCC)¹⁵ (Figura 7), a Indústria e Companhia de Sandálias Campinense (INCOSAL) (Figura 8) e a Indústria de Couros Professor da Paraíba Ltda. (INCOPAR) (Figura 9) e cerca de 15 pequenas unidades informais.

¹⁵ Cabe salientar, ainda, que a atuação do CTCC, desde sua criação, estabeleceu-se em parceria com o Curso Superior de Couros e Tanantes da UFPb. Este curso, criado na década de 1970, nesta universidade, pode ser considerado como um dos resultados da mobilização de indivíduos e organismos locais que visavam a constituição de uma capacitação tecnológica local para promover o melhor desenvolvimento do arranjo. Com a mesma noção, o estabelecimento de parceria entre a UFPb e o centro tecnológico visava a consolidação, em vez de pulverizar os esforços, e se refletiu na transferência de infra-estrutura física da universidade para o CTCC e atuação conjunta dos organismos e de seus profissionais. Contudo, apesar do estabelecimento de atividades permanentes nestes organismos específicos para o desenvolvimento e prestação de serviços tecnológicos significar um avanço para o arranjo, foram observadas insatisfações quanto aos resultados no que se refere ao apoio à produção do empresariado local (LEMOS, 2003, p.42).

Figura 7 – Centro de Tecnologia de Couro e Calçados Albano Franco (CTCC)



Fonte: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida. Setembro de 2010.

Figura 8 – Curtume INCOSAL (Indústria e Companhia de Sandálias Campinense)



Fonte: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida. Setembro de 2010.

Figura 9 – Curtume INCOPAR (Indústria de Couros Professor da Paraíba Ltda)



Fonte: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida. Setembro de 2010.

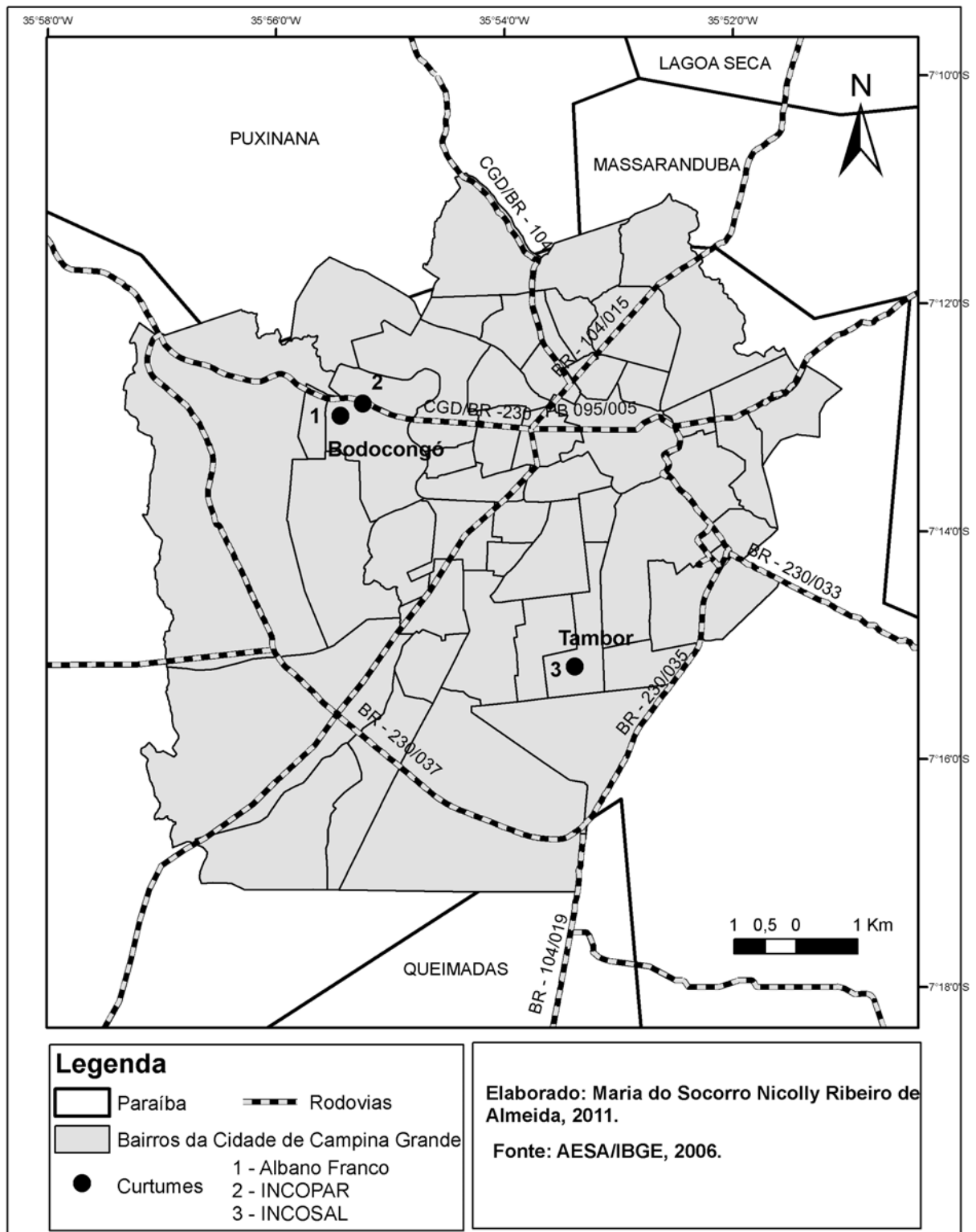
De acordo com a classificação dos curtumes apresentadas por Pacheco (2005), na cidade de Campina Grande, apenas Albano Franco¹⁶ é um curtume integrado, pois realiza todas as etapas do curtimento do couro. A Indústria e Companhia de Sandálias Campinense (INCOSAL)¹⁷ e a Indústria de Couros Professor da Paraíba Ltda (INCOPAR)¹⁸, atuam no sistema wet-blue, ou seja, desde o couro cru até o curtimento ao cromo ou repouso /enxugamento após o curtimento. Por fim, os informais, denominados curtumes de acabamento, por converter o couro “*crust*” em couro acabado, satisfazem às operações desde a secagem até o final (estoque / expedição de couros acabados). Existe quem também abarque nesta categoria os curtumes que processam o “*wet-blue*” até o seu acabamento final. Quanto à localização, os curtumes formais encontram-se em dois bairros campinenses (Figura 10).

¹⁶ Criado em 1994, localiza-se na Rua Luiz Mota, nº 200, Bodocongó.

¹⁷ Fundado em 1989 e situado do na Rua Espírito Santo, nº 2397, Tambor.

¹⁸ Antigo Curtume Santa Adélia, que mudou de direção. Estabelecido na Rua Professor João Rodrigues, nº 316, Bodocongó.

Figura 10 – Localização dos Curtumes de Campina Grande-PB



A partir das décadas de 1970 e 1980, o aparecimento de empresas formais no arranjo coureiro-calçadista incidiu mais veementemente, em função da capacitação formada localmente. Por ter a região propensão histórica para a fabricação de calçados, destacando-se um grande número de “sapateiros” e produtores informais, as empresas que ingressaram e as consolidadas, se caracterizavam neste período, por um conhecimento acumulado na produção de calçados (LEMOS, 2003).

Na década de 1980, duas grandes empresas do sul do país se estabeleceram no município de Campina Grande. Uma fabricante nacional de sandálias de material sintético, proveniente do Estado de São Paulo, a Alpargatas, e uma das maiores produtoras nacionais de calçados femininos, da Região Sul, a Azaléia. Esta última se instalou no município em 1983, no entanto, em 1997 fechou a indústria de Campina Grande (op.cit., 2003).

Em Campina Grande, o que se fabricava em couro era exportado para outros estados. Na cidade ficava uma pequena parte, restos e de baixa qualidade, que serviam para manter uma indústria caseira de calçados e artefatos. A maioria destas oficinas se localizava no bairro José Pinheiro, por ser perto da Grande Feira, lugar estratégico (FARIAS, 2009).

Hoje, o bairro José Pinheiro continua com um considerável número de micro e pequenas indústrias, não obstante a saída de algumas para outros bairros, com produtores que mantêm relações comerciais com a Feira de Calçados¹⁹ (Figura 11 e 12) em Campina Grande, este um dos setores que se localiza na Feira Central²⁰ da cidade em estudo.

De acordo com Costa (2003, p.163) “... a feira de calçados destaca-se por uma forte oligopolização do setor. Das 99 bancas²¹ localizadas na feira de calçados, 70 pertencem a 17 pessoas, sendo que apenas dois comerciantes possuem 21 bancos”.

¹⁹ Localiza-se na Rua Cristóvão Colombo.

²⁰ Esta abrange em nove ruas, são elas: Rua Deputado José Tavares, 331; Rua Macílio Dias, 372; Rua Dr. Carlos Agra, 254; Rua Manuel Farias Leite, 113; Rua Dr. Antônio de Sá, 259; Rua Cristóvão Colombo, 377; Rua Pedro Álvares Cabral, 211; Rua Manuel Pereira de Araújo, 134; Rua Capitão João de Sá, 10 e Mercado Central (Costa, 2003).

²¹ “Balcão de comércio” (Dicionário Aurélio, 2004).

Figura 11 – Feira de Calçados de Campina Grande



Fonte: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida, Abril de 2011.

Figura 12 – Loja Zefinha Calçados



Fonte: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida, Abril de 2011.

Convém ratificar que, de acordo com entrevistas a alguns proprietários e/ou funcionários das lojas de calçados localizadas na Feira Central, as mercadorias são compradas tanto a fábricas formais e informais de Campina Grande, como de outros lugares, por exemplo, Caruaru/PE, além de revenderem às pessoas de cidades circunvizinhas, como Massaranduba e Lagoa Seca.

Desta forma, percebe-se a ligação das indústrias de calçados informais com a Feira Central, um lugar que comercializa mercadorias populares, perfil do produto fabricado nas indústrias estudadas.

1.5 Caracterização Contemporânea do Setor Calçadista Formal Campinense

Pereira (2008) mostra que, com relação à distribuição espacial das indústrias de calçados em Campina Grande, aconteceu uma desconcentração das fábricas. O bairro do José Pinheiro agrupava, em 1992, mais de 36% do número de estabelecimentos, tem esse percentual reduzido em 2006 para pouco mais de 24%, desta forma, o segmento calçadista ampliou sua presença de 14 para 23²² bairros. Além disso:

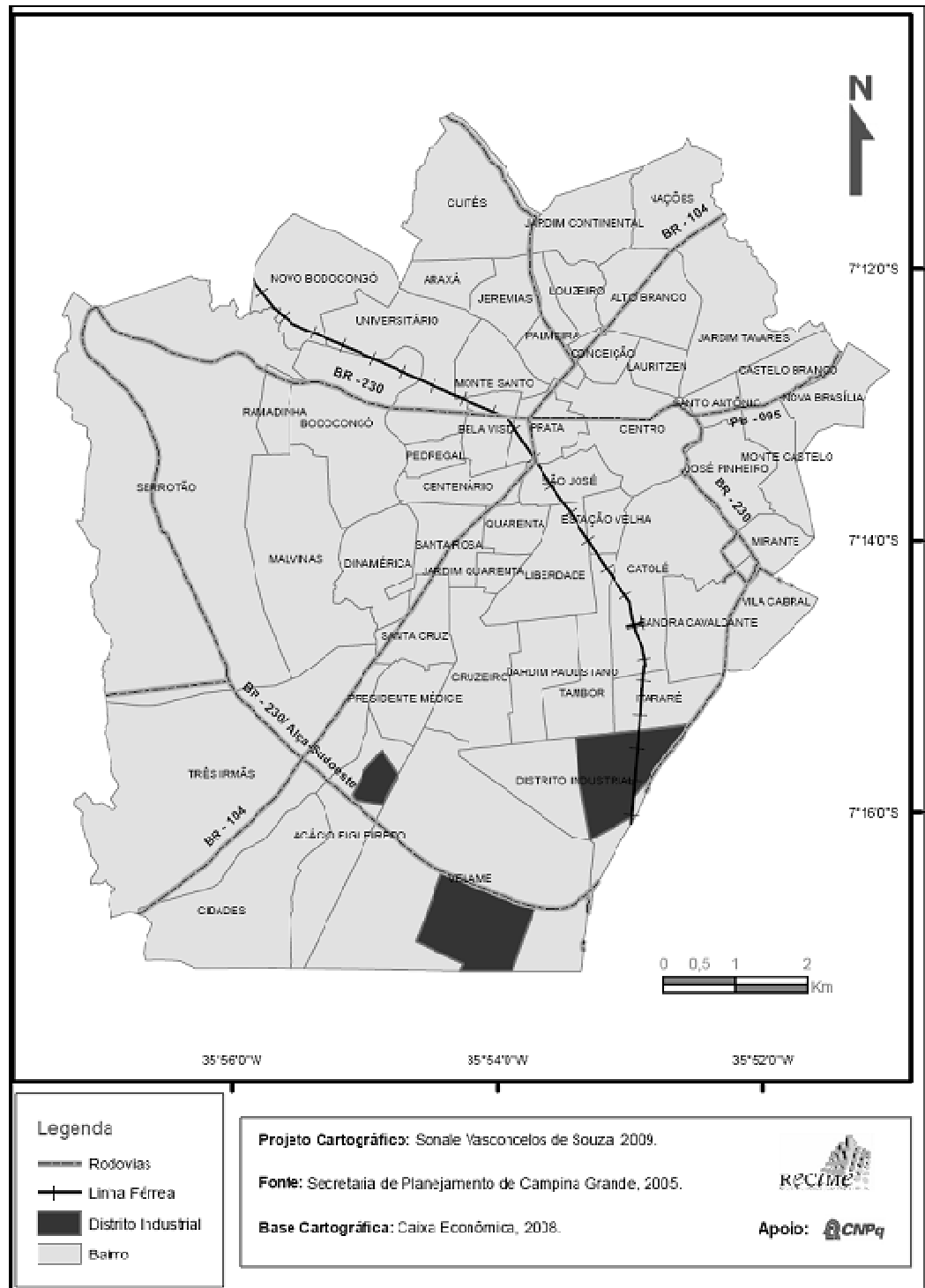
No que se refere ao emprego, ocorreu uma tendência inversa ao dos estabelecimentos, ou seja, uma acentuada concentração do emprego no Distrito Industrial, que aumenta de 75, 3% para 80,3%, em 2006. Embora tenha ampliado o número de bairros com presença de empregos no segmento calçadista, reflexo da expansão das empresas para os diversos bairros, o volume de emprego tende a concentrar-se no Distrito Industrial devido ao fato das maiores empresas lá se instalarem (PEREIRA, 1997 *apud* PEDEIRA, 2008, p. 238).

É importante salientar que Campina Grande apresenta um Polo de Couro e Calçados, inaugurado segundo Oliveira e Pereira (2009), em junho de 2007, situado em frente ao CTCC no bairro Bodocongó, que conta até o momento com 6 fábricas, mas têm capacidade nesta primeira fase para cerca 17 indústrias, além de três distritos industriais²³, todavia nem todos atendem a atividade calçadista conforme se observa na figura 13.

²² Os 23 bairros são: Alto Branco, Bela Vista, Bodocongó, Catolé, Centenário, Centro, Dinamérica, Distrito Industrial, Jardim Paulistano, José Pinheiro, Liberdade, Monte Castelo, Monte Santo, Nova Brasília, Pedregal, Prata, Santa Rosa, Santo Antonio, São José, Tambor, Velame, Vila Cabral e Acácio Figueiredo (FIEP, 2006).

²³ "... o Distrito Industrial do Velame, com área de 21 ha., para atender diretamente indústrias do segmento das micro e pequenas empresas; o Distrito Industrial da Catingueira, com área de 22,7 ha., destinado a indústrias não poluentes; e, por fim, o Distrito Industrial do Ligeiro, com área de 204 ha. Todos com infra-estrutura adequada,

Figura 13 - Campina Grande: Localização dos Bairros dos Distritos Industriais



favorecendo a implantação de empreendimentos industriais” (OLIVEIRA, 2007, p. 33).

As indústrias calçadistas formais de Campina Grande possui seu processo produtivo calcado em parte no modelo fordista e também seguindo a contemporaneidade da estrutura produtiva moderna do modelo flexível, que de acordo com Carmo (2004) surgiu em decorrência da precisão do mercado por um novo padrão de organização, já que o fordismo estava atribulado por competições das novas economias emergentes, capaz de perpetrar grande quantidade de produtos padronizados, porém sem flexibilidade para rápidas alterações, o que é essencial para adequar-se às mudanças de mercado nacional e internacional.

A acumulação flexível teve um confronto direto com a rigidez do fordismo, pois é peculiar deste novo modelo a flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo, além do aparecimento de setores de produção novos, modernos modos de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente energizadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (HARVEY, 1993).

Segundo Moreira (2002, p. 04),

No momento atual, o tema do trabalho experimenta uma mudança inusitada: desaparece como forma de mediação - seja da relação homem-meio e seja da relação sociedade-espaco -, para aparecer como forma concreta de conteúdo. Desaparece como tema, todavia da primeira, simplificando-se na segunda, onde é analisado como flexibilidade do trabalho e da produção no âmbito da reestruturação produtiva, numa espécie de retorno do tema ao mundo da indústria.

E por fim, com relação à organização sindical dos fabricantes de calçados em Campina Grande, tem-se que esta é pouco representativa, fato que deixa os operários a mercê dos patrões, e sem conhecer de fato seus direitos, não podem cobrá-los o que difere, do que acontece em outros centros calçadistas do país.

1.5.1 Representatividade da Indústria Calçadista Campinense

Campina Grande é referência no setor de calçados, pois tem o título de maior polo calçadista do Nordeste e o 5º do Brasil, a qual perde apenas para Novo Hamburgo (RS), Franca (SP), Birigui (SP) e Nova Serrana (MG) (TORRES; RODRIGUES, 2010 *apud* GOVERNO DO ESTADO, 2006). A cidade de Campina Grande também apresenta a maior

concentração de indústrias de calçados da Paraíba, o que a transforma no mais importante distrito calçadista do Estado (SILVA, 2006).

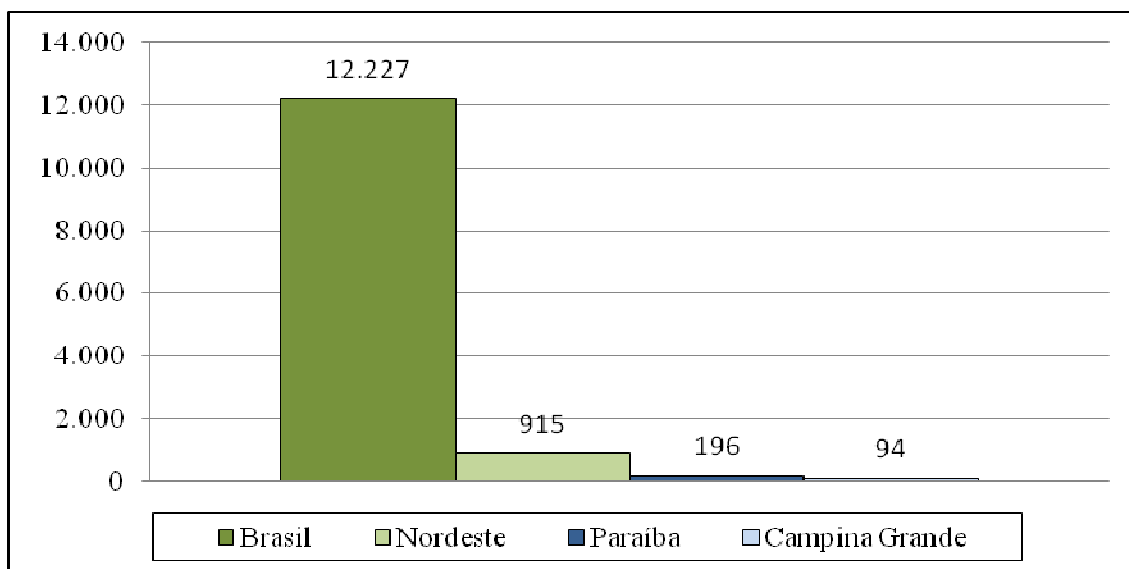
Uma pesquisa encomendada pela Abicalçados ao Instituto de Estudos e Marketing Industrial (IEMI) assinalou que no ano de 2010 foram fabricados 894 milhões de pares de calçados no Brasil, isto é, 9,9% a mais que em 2009, quando foram produzidos 814 milhões de pares (ABICALÇADOS, 2011).

Coeli (2011) mostra que, de acordo com a Abicalçados, a região Nordeste já apresenta 44,8% da produção total do Brasil e dados como estes se refletem no comércio de Campina Grande, que é o maior polo calçadista da Paraíba, onde, apenas a Alpargatas, produziu 184 milhões de calçados.

Com relação ao número de indústrias cadastradas, Campina Grande abrange um total de 94 fábricas, dentro de um universo, em que, o Brasil conta com 12.227, a Região Nordeste com 915 e o Estado da Paraíba com 196. Conforme o gráfico 4, dados comprovam considerável concentração de indústrias na cidade supracitada, pois, esta configura 1% das fábricas calçadista do Brasil, sendo 10% a nível regional e, 48% das fábricas do Estado da Paraíba.

Quanto ao pessoal ocupado, Campina Grande apresenta 7.982 pessoas empregadas no setor de calçados; o Brasil tem 329.058, já a Região Nordeste, 116.861 e, o Estado da Paraíba, conta com 13.762 trabalhadores. O gráfico 5 demonstra que a cidade de Campina Grande, a nível nacional, com relação à empregabilidade no setor calçadista, tem uma representação de 2%, o que concebe um bom percentual, diante de tantas cidades brasileiras produtoras de calçados, a nível regional, um percentual de 7%, e, com relação ao Estado da Paraíba, tem uma alta representatividade, 58%, o que comprova estatisticamente, a proeminência dos calçados campinenses no Estado em questão.

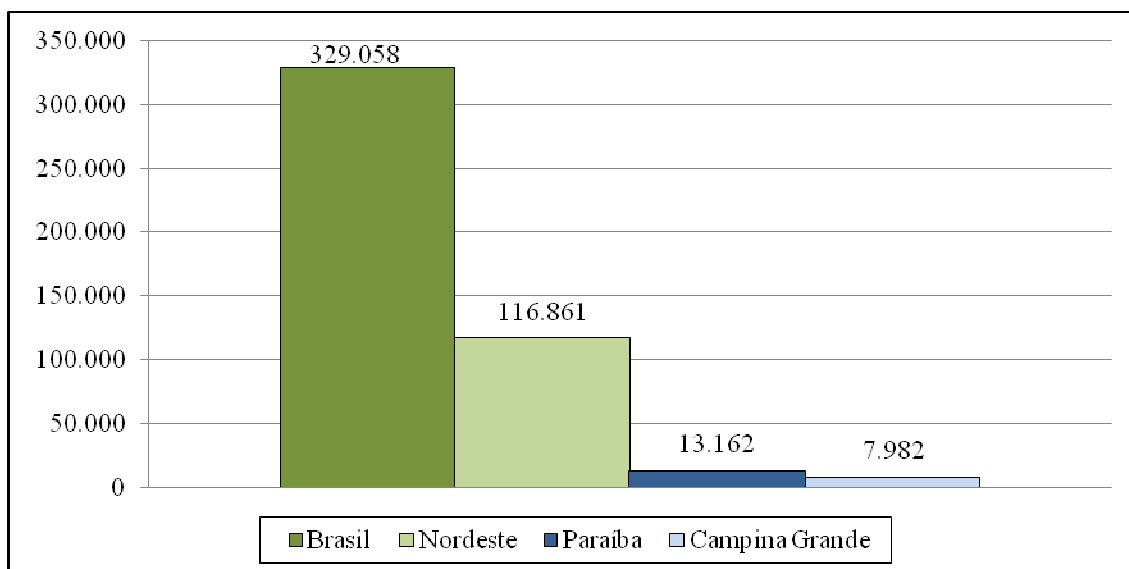
Gráfico 4 – Quantidade de Indústrias Calçadistas
(Brasil, Nordeste, Paraíba e Campina Grande)



Elaborado: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida, 2011.

Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/ MTE – Ministério do Trabalho e Emprego, 2009.

Gráfico 5 – Pessoal Ocupado nas Indústrias Calçadista
(Brasil, Nordeste, Paraíba e Campina Grande)



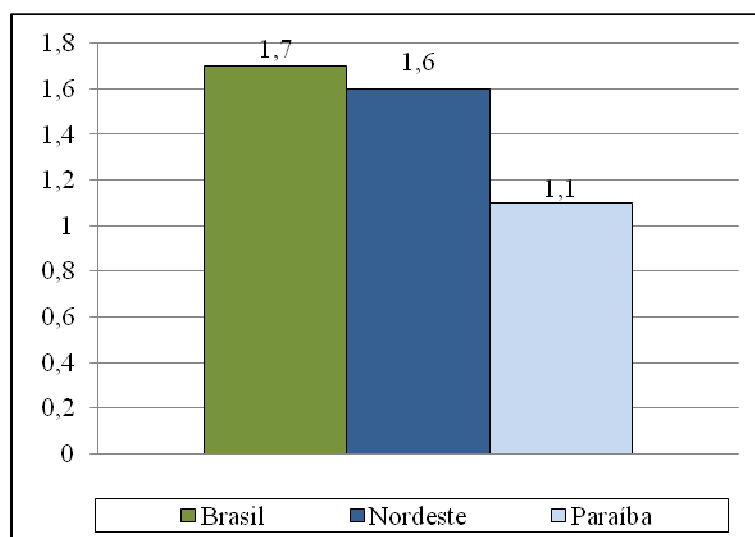
Elaborado: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida, 2011.

Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/ MTE – Ministério do Trabalho e Emprego, 2009.

De acordo com o gráfico 6 em relação ao salário das pessoas inseridas na atividade de calçados, no Brasil paga-se em média de 1,7 salários mínimos, o Nordeste, 1,6 e a Paraíba com 1,1. Indubitavelmente, os paraibanos têm uma média salarial menor que a nacional, o

equivalente a -35%, uma renda que não oferece boas condições de sobrevivência. Já na cidade de Campina Grande, constatou-se que 88,07% das pessoas que trabalha nas indústrias de calçados têm uma renda entre 1 e 3 salários mínimos²⁴.

Gráfico 6 – Salário Médio Mensal (Salários Mínimos)



Elaborado: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida, 2011.

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas, 2009.

Os principais compradores do calçado brasileiro, de janeiro a setembro de 2010, eram: os Estados Unidos, 25,3 milhões de pares, em que o Brasil faturou US\$ 273,9 milhões; o Reino Unido, adquiriu 6 milhões de pares brasileiros, um ganho de 141,4 milhões para o Brasil; e, a Argentina, um total de, 10,1 milhões de pares, com um faturamento de US\$ 122,8 milhões para os cofres brasileiros²⁵.

Dentre os principais Estados exportadores brasileiros, os do Nordeste registram as maiores taxas de crescimento. De janeiro a setembro de 2010, o Ceará foi o que mais ascendeu, com o embarque de 50 milhões de pares, que determinaram US\$ 298,5 milhões. Existiu alta de 40,7% em volume e 42,3% em divisas contra o ano de 2009, quando foram embarcados 35,5 milhões de pares, iguais a US\$ 209,7 milhões. A Bahia também apresentou um bom desempenho: 5,9% em volume e 36,5% em divisas, um total de 5,3 milhões embarcados pelas indústrias baianas, com geração de US\$ 70,6 milhões, contra 5 milhões

²⁴ Pereira, 2008, apud RAIS/MTE (2004).

²⁵ Calçados e Artefatos Todo setor na web. Couromoda.com. Exportações de calçados crescem 16,4% até setembro, out. 2010. Disponível em: <http://www.couromoda.com/index.php?http://www.couromoda.com/noticias/setor_gerais/Gnoticia_3210.html> Acesso em: 24 mai. 2011.

embarcados no ano passado. A Paraíba também aparece com números positivos, às indústrias exportaram 18,8 milhões de pares, com faturamento de US\$ 56,5 milhões. O aumento foi de 16% em volume e 10,6% em faturamento, em analogia ao ano anterior, quando os embarques foram de 16,2 milhões de pares, congruentes a US\$ 51,1 milhões²⁶.

Em uma entrevista realizada com o presidente do Sindicato da Indústria do Calçado na Paraíba, foram obtidas informações de que, em todo o Estado da Paraíba, até janeiro de 2011²⁷ houve mais de quatro milhões de pares exportados. Nesse panorama, as cidades de Campina Grande e Patos se destacam e já são responsáveis por quase 80% do total fabricado.

De acordo com o exposto, consta-se que o setor calçadista é significativo para a economia brasileira, uma vez que gera emprego e renda a população, além disso, cabe evidenciar que, o setor no Nordeste, na Paraíba e em Campina Grande, destacam-se na esfera nacional.

1.5.2 Tecnologia do Setor de Calçados da Cidade de Campina Grande-PB

Os recentes adventos tecnológicos sujeitam os mercados e as organizações a intensas transformações, em curtos períodos, o que traz um contínuo desenvolvimento nos serviços e processos. Assim, as organizações precisam viabilizar suas técnicas produtivas e configurações de gestão, de caráter eficiente e eficaz, para que possam adicionar novos conhecimentos e técnicas existentes aos seus processos e produtos (ALBUQUERQUE; SILVA, 2008), ou seja, as indústrias para não estagnarem estão sujeitas à tecnologia.

De acordo com Lemos e Palhano (2000), a indústria calçadista, por ser uma esfera tradicional da economia, sempre evidenciou baixa complexidade tecnológica, uso intensivo do trabalho e dinâmica competitiva, em que a estratégia empresarial privilegia a redução de custos. Assim, a utilização de tecnologias vem aumentando e ainda varia segundo os porte e tipos de produtos que agregam maior valor.

Apesar da indústria calçadista não apresentar intenso desenvolvimento de novas tecnologias, nas últimas décadas, destaca-se a microeletrônica, incorporada sob forma de máquinas e sistemas computadorizados. Além de sistemas computadorizados, a entrada de

²⁶ Calçados e Artefatos Todo setor na web. Couromoda.com. **Exportações de calçados crescem 16,4% até setembro, out. 2010.** Disponível em: <http://www.couromoda.com/index.php?http://www.couromoda.com/noticias/setor_gerais/Gnoticia_3210.html> Acesso em: 24 mai. 2011.

²⁷ Ligia Coeli, 2011.

novas técnicas de administração para a otimização da produção, como, *just-in-time* e *Kanban*²⁸, igualmente, é notada atualmente (LEMOS; PALHANO, 2000).

Outrossim, na indústria calçadista, a substituição do couro por outros insumos (policloreto de vinila e o poliuretano) vem produzindo mudanças no processo produtivo o que exige novos tipos de conhecimento para a incorporação de modernos equipamentos e sistemas de produção, como de injeção de plástico para solados, novas práticas para o design do produto, dentre outras. Indústrias de pequeno porte, em virtude da reserva financeira para investimentos em tecnologias, fundamentam sua produção basicamente no uso intensivo de mão de obra e na utilização, como no arranjo de Campina Grande, de máquinas e equipamentos usados (op.cit., 2000).

Oliveira e Pereira (2009) relatam que na esfera estadual²⁹ as médias e grandes indústrias são mais inovadoras, em comparação com as micro e pequenas fábricas, pois estas últimas parecem estar menos integradas na economia local e regional, e convivem com equipamentos ultrapassados e com a dependência de profissionais não contratados em grande parte residentes em outros estados:

A falta de uma rede organizada de fornecedores e de assistência técnica especializada no reparo e conserto de máquinas e equipamentos, dirigida especialmente para o setor calçadista, constituem, provavelmente, o principal obstáculo para o aumento da cooperação tecnológica e difusão do processo de inovação na indústria de calçados local (SILVA, 2006, p. 198).

As indústrias calçadistas formais que fazem parte do Arranjo Produtivo Local (micro e pequenas) da cidade de Campina Grande, quanto à tecnologia, apresentam um longo caminho a percorrer, pois tecnologia não se resume a aquisição de equipamentos e máquinas, mas a como utilizá-los em benefício do empreendimento, através de programas que estas oferecem.

Em Campina Grande, há fábricas modernas no que tange ao maquinário, consideradas ‘de-ponta’, que dispõem de equipamentos para fabricar um par de calçados a cada 30

²⁸ O *just-in-time*, incide na entrega direta dos artefatos na linha de produção, sem a obrigação de manterem-se estoques, já que os componentes necessários devem chegar na hora e nas quantidades adequadas, em que a produção é realizada ao contrário, do fim para o começo, assim o sistema reduz o tempo total de produção e as indigências de espaço e proporciona maior flexibilidade. O *Kanban* é um cartão de dados, que ativa a produção e controla seu volume, o qual presume excessos, grava o tipo de peça e o componente determinado. Além de ligar os setores, oferece simplicidade, facilidade de operação e baixo custo (CARMO, 2004).

²⁹ No caso, o Estado da Paraíba.

segundos, o que vai depender do tipo de calçado. Nas médias e pequenas empresas, a produção em média é de um par, a cada 40 minutos.³⁰

Em suma, apesar da importância, em termos econômicos dos calçados campinenses, no que tange ao aspecto tecnológico, as micro e pequenas indústrias formais ainda apresentam sistema produtivo e organizacional das fábricas aquém de uma indústria considerada moderna.

³⁰ Coeli (2011), em entrevista a Eduardo Almeida de Souto, Presidente do Sindicato da Indústria do Calçado na Paraíba.

CAPÍTULO II – A INDÚSTRIA CALÇADISTA INFORMAL CAMPINENSE NA ATUALIDADE: Organização e Estrutura

Este capítulo centra-se no estudo das indústrias calçadistas informais na contemporaneidade. Começa com uma breve discussão da Teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana, em seguida, estuda-se o espaço e o território das indústrias calçadistas, para compreensão desta atividade em Campina Grande.

Posteriormente é abordada a localização das fábricas pesquisadas, e para entendê-la, fez-se a análise do valor do rendimento nominal das pessoas responsáveis por domicílios particulares nos bairros da cidade em tela, e por fim tratar-se-á da organização e estrutura das indústrias informais.

2.1 A Teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana e as Indústrias Informais

As indústrias calçadistas informais pesquisadas apresentam características do circuito inferior da economia urbana. A teoria dos dois circuitos da economia urbana foi proposta por Milton Santos na década de 1970, nesse caso a economia seria dividida em circuito inferior e circuito superior.

Segundo Santos (1979), a essência de pessoas com salários baixos ou vivendo de atividades temporárias, ao lado de uma minoria com rendas extremamente elevadas, institui na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de forma permanente aos bens e serviços oferecido e aqueles que, tendo as mesmas necessidades não têm condições de saná-las. Situação esta que cria ao mesmo tempo diferenças qualitativas e quantitativas no consumo. Tais diferenças são a causa e o efeito da existência, isto é, da criação ou da manutenção, nas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços.

Vale salientar, que os dois circuitos da economia urbana não podem ser caracterizados por variáveis isoladas, e sim pelo conjunto destas variáveis, logo se faz necessário determinar que a diferença essencial entre as atividades do circuito superior e do circuito inferior está nas diferenças tecnológicas e organizacionais (SANTOS, 2005).

O circuito superior é determinado por:

...capital abundante; tecnologia mais avançada na produção; exportação dos produtos acabados; organização bem burocratizada; assalariamento de toda a força de trabalho; e grande estocagem de produtos. A essas características, pode-se acrescentar a proporção da área ocupada pelos estabelecimentos em relação à área do equipamento econômico urbano e sua localização periférica, buscando ou se utilizando de instalações ora existentes ou mesmo de áreas antes não pertencentes ao perímetro urbano (SPOSITO, 1999, p. 43).

Logo, quanto às particularidades do circuito inferior da economia urbana, estas, serão discutidas no capítulo seguinte, ao tratar da realidade das indústrias e dos perfis socioeconômicos das pessoas inseridas na atividade calçadistas.

2.2 Espaço e Território das Indústrias Calçadistas Informais

Estudar espaço e território das indústrias calçadistas da cidade em tela, com ênfase para o setor calçadista informal, é fundamental para entendê-los em analogia com a atividade em questão. Para além, do conceito propriamente de espaço e território, o de território marginal é imprescindível para o estudo das indústrias de calçados informais na cidade de Campina Grande-PB, aqui caracterizadas como clandestinas, ou seja, marginais.

Souza e Pedon (2007, p.130) ratificam que:

As relações exercidas sobre o espaço-território nos dias atuais são de uma complexidade muito grande e, devido ao modo de produção capitalista ter dinamizado o território a partir de novas necessidades de circulação de pessoas, informações/comunicações e mercadorias, as transformações no cotidiano das pessoas também se alteraram sensivelmente.

Corroborando com esse pensamento, é fundamental ter ciência que espaço e território não têm o mesmo significado, território deriva do latim *terra* e *torium*, ou seja, terra pertencente a alguém. Pertencente, significando a sua apropriação, com um duplo significado, de um lado associa-se ao controle de fato, por parte de instituições ou grupos sobre um dado segmento do espaço. Assim vincula-se a geografia política e a geopolítica, por outro lado, pode assumir uma dimensão afetiva. Nesse sentido, o conceito de território vincula-se a uma Geografia que privilegia os sentimentos e símbolos atribuídos a lugares, os dois podem combinar-se, definindo territórios plenamente apropriados, esse conceito encontra

subordinado ao de espaço, o território é ao espaço coberto da dimensão política, afetiva ou ambas (CORRÊA, 2002).

Raffestin (1993) aduz que o espaço é a “prisão original”, já o território é a prisão que o ser humano estabelece para si, o espaço precede qualquer ato. O território por sua vez se sustenta no espaço, mas não é espaço, é uma produção dependente do espaço. A produção, em virtude de todas as relações que abrange se registra num campo de domínio, produzir um desenho do espaço é uma apropriação, uma organização, um controle, portanto, mesmo se isso continua nos limites de um saber, assim qualquer plano no espaço que é expresso por um desenho mostra a imagem de um território, de um local de relações.

Santos (2002a, p. 16) afirma que “O território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado”. Conceito que se adapta a realidade das indústrias calçadistas, por ser um espaço habitado, onde há a produção de mercadorias pela aplicação do trabalho por meio de poucas máquinas. Santos (2002b, p. 09) também relata que “O Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das realizações da sua existência” e,

... tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (op.cit., 2002b, p.10).

Consequentemente, as indústrias em estudo podem ser vistas e analisadas à luz deste conceito, por dentre outros aspectos, o território ser o alicerce do trabalho e das trocas materiais, ou seja, um território usado, o qual convém o sustento de muitas famílias, além disso, conforme sustenta Firkowski e Sposito (2008) o território é tido como um fator ardiloso do desenvolvimento e da rivalidade entre as fábricas.

É interessante ratificar, que o território das fábricas pesquisadas, é um território marginal, como a própria palavra testifica, à margem, e a partir dos conceitos de território e da palavra marginal, elaborou-se o conceito de território marginal, lugar em que o processo produtivo encontra-se à margem da sociedade, onde ocorrem relações de trabalho clandestinas, as quais permitem o exercício de tarefas por parte daqueles que estão inseridos na economia informal.

É bem verdade que o território marginal, existia antes do modelo flexível, que instaura uma organização, em que a instabilidade trabalhista é marcante, e ao se vislumbrar a situação calçadista em Campina Grande, comprova-se que este cresceu ao longo dos anos, com sua mancha de “desenvolvimento”.

E segundo com Ferrão (1987, p.59):

A incorporação das estratégias espaciais pelas teorias da segmentação do mercado de trabalho enriqueceram, sem dúvida, a sua capacidade explicativa. Tornou-se, por um lado, claro que o recurso crescente aos segmentos mais marginais da força de trabalho implicava, em muitos casos, lógicas territoriais distintas: realocização, desconcentração das fases mais intensivas em mão-de-obra ou articulação com unidades implantadas em áreas periféricas ou marginais constituem vias possíveis para garantir a flexibilidade desejada em termo de gestão da mão-de-obra.

É importante destacar também que, de acordo com Santos (1994), o espaço é constituído de fixos e de fluxos. Há coisas fixas, fluxos que se determinam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas, o que unidos constituem o espaço. Os fixos são os instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral. Não é por outra razão que os vários lugares, instituídos para exercitar o trabalho, não são iguais e rendimento por eles obtido está em relação com a adequação dos objetos ao processo imediato de trabalho. Já os fluxos são o movimento, a circulação, o que também explica os acontecimentos da distribuição e do consumo. Assim, tem-se que um objeto geográfico, um fixo, é um objeto técnico, e igualmente um objeto social, graças aos fluxos. Fixos e fluxos interagem e alteram-se reciprocamente.

As fábricas calçadistas informais de Campina Grande representam os fixos, que tem particularidades organizacionais e tecnológicas e, a circulação de calçados, ou seja, de mercadorias, formam os fluxos, e a relação entre os dois o espaço, relação esta, que torna evidente a totalidade do espaço em virtude da sua dinamicidade.

Santos (1994) afirma que o espaço econômico é uma reunião de pontos e de fluxos, ao passo que o espaço geográfico é o espaço banal. Por sua vez, estes são indistinguíveis, porque os fixos geram fluxos em razão de seus dados técnicos, que são na maioria das vezes locais, mas também, em razão dos dados políticos. Os fixos, como instrumentos de trabalho, instituem massas, porém não basta criar, necessita-se fazer com que se movimentem. E a competência de mobilizar uma massa no espaço é produzida exatamente pelo poder econômico, político ou social, poder que por isso é maior ou menor de acordo com as firmas,

as instituições e os homens em atuação. Existe hoje uma alteração de importância de cada uma dessas instâncias na realidade e na interpretação espacial, pois quando os fixos têm muito valor, a circulação passa a ter importância essencial, entre outros motivos pelo fato de que o produto se internacionalizou e, por consecutivo, tem de ser disseminado por meio de todo o mundo, sem obedecer às fronteiras e distâncias.

Em contrapartida, o imperativo de acumulação se agravou e, logo a circulação ganhou um ritmo frenético, desta forma, quem menos tem poder de movimento, assistiu desvalorizar-se seu produto e seu meio de trabalho mais rapidamente (op.cit., 1994). Realidade semelhante ocorre com a circulação de calçados nas pequenas fábricas de fundo de quintal estudadas, fato relevante para que muitas fechem suas portas em determinados períodos do ano, por falta de demanda.

Enquanto atividade de natureza econômica, a indústria de calçados em Campina Grande mostra-se como uma considerável causa para o crescimento econômico e mudanças de ordem espacial no território “o espaço é consequência da produção, mas precisamente, da história dos processos produtivos determinados ao espaço pela sociedade” (SANTOS, 1985, p. 49), e tem instalação motivada, em sua maioria, por estratégias geográficas, em virtude das proximidades com mão de obra barata, matéria prima e mercado consumidor, por exemplo.

É perceptível que a indústria calçadista informal faz com que os indivíduos se relacionem entre si e com o meio ao redor, responsáveis de certa maneira pela constituição do espaço em que se vive. De acordo com Carlos (1992, p. 15) “o espaço não é humano porque o homem o habita, mas porque o constrói e reproduz, tomando o objeto sobre o qual recai o trabalho em algo que lhe é próprio”.

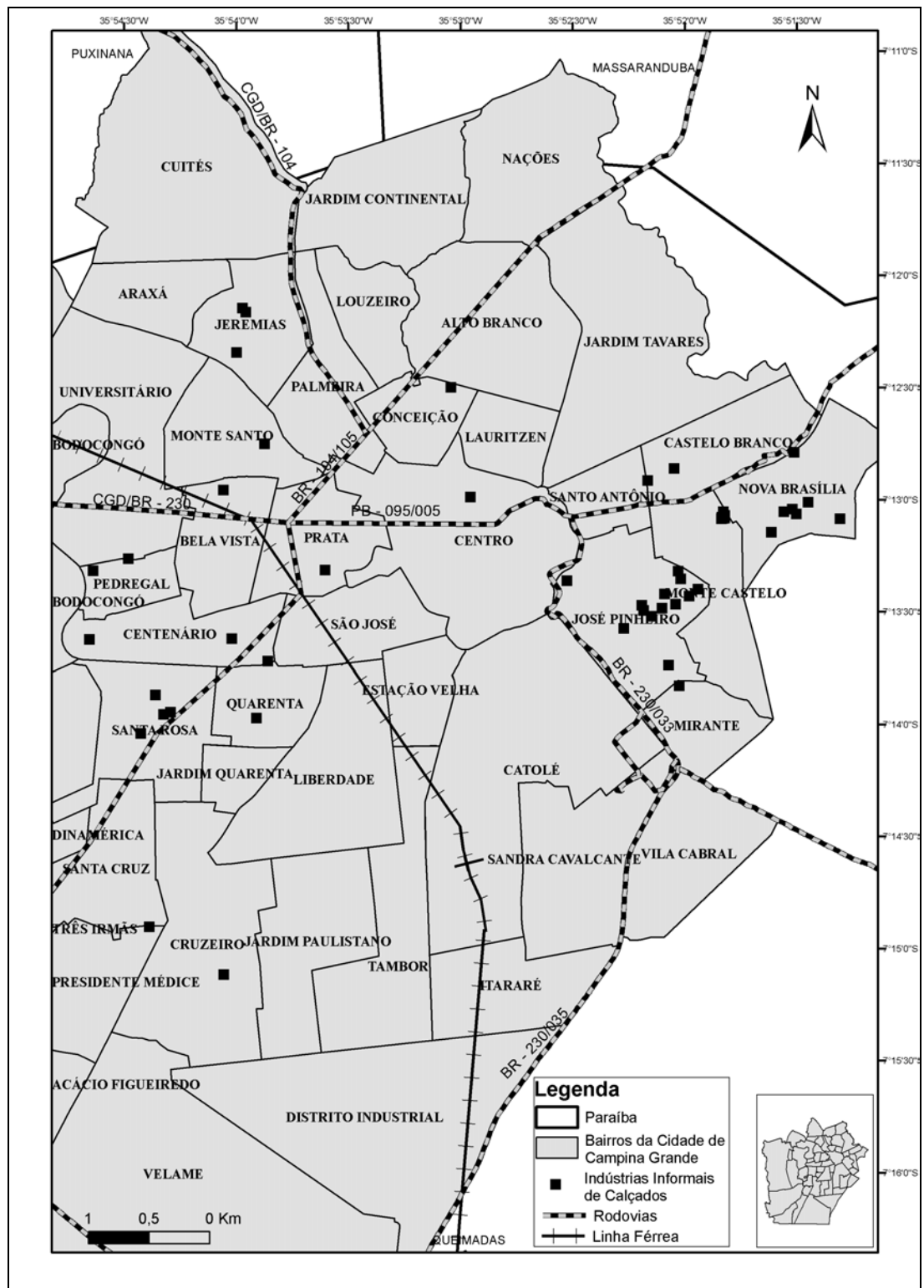
Santos (1985, p.01) afirma que “[...] o espaço é uma instância da sociedade [...]”, e “[...] resultado da produção [...] mais precisamente, da história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade” (Idem, p.49). Assim, entende-se que o espaço da indústria informal, é resultado dos processos produtivos, determinados pelas pessoas inseridas na atividade calçadista a partir da produção e circulação de calçados.

O espaço urbano na percepção de Corrêa (1989) é o claro conjunto de usos da terra, que aparece como espaço fragmentado e tem como agentes transformadores: os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado; e os grupos sociais excluídos.

2.3 Localização das Indústrias Calçadistas Informais

O mapeamento das indústrias informais de calçados em Campina Grande tornou evidente, sua desconcentração industrial. As fábricas calçadistas pesquisadas estão distribuídas num total de 17 bairros: Mirante, José Pinheiro, Monte Castelo, Nova Brasília, Castelo Branco, Centro, Conceição, Jeremias, Monte Santo, Bela Vista, Prata, Pedregal, Quarenta, Centenário, Santa Rosa, Três Irmãs e Cruzeiro. Todavia o bairro José Pinheiro apresenta a maior parte das indústrias conforme se pode vê na figura 14 que se segue:

Figura 14 - Localização das Indústrias Calçadistas Informais de Campina Grande



Fonte: AESA/IBGE, 2006. Elaborado: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida.

É importante salientar, que a presença proeminente das indústrias informais de calçados no José Pinheiro, está ligada em parte, ao Fabricão, que é a essência da informalidade presenciada na pesquisa, este que é um espaço ocupado por produtores informais.

Para compreender a localização das indústrias informais, tomou-se como base o valor do rendimento nominal das pessoas responsáveis por domicílios particulares nos bairros da cidade de Campina Grande (Tabela 2), assim, verificou-se que 14 das indústrias informais localizam-se em bairros onde as pessoas apresentam rendimentos entre R\$ 206, 11 – R\$ 1.024,92, são eles: Castelo Branco, Centenário, Conceição, Cruzeiro, Jeremias, José Pinheiro, Monte Castelo, Monte Santo, Nova Brasília, Pedregal, Quarenta, Santa Rosa, Bela Vista, e Três Irmãs, ou seja, uma renda entre menos e pouco mais de um salário mínimo, o que comprova que estes bairros são formados em sua maioria por pessoas com padrões de vida menos elevados.

Outra parte, em bairros com salários entre R\$ 1.351,87 - R\$ 1.718,50, representado pelos bairros: Prata e Centro, o que demonstra uma melhor condição salarial em relação ao anterior, e apenas um bairro, o Mirante, com o rendimento de R\$ 3.517,47, este considerado um bairro constituído em sua maior parte por pessoas de alto poder aquisitivo. Tal classificação está em virtude do salário mínimo na época da pesquisa ser de R\$ 540.

Tabela 2 – Renda dos Bairros da Cidade de Campina Grande – 2000

Bairro	Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas com rendimento responsáveis pelos domicílios particulares permanentes (R\$)	Valor do rendimento nominal mediano mensal das pessoas com rendimentos, responsáveis pelos domicílios (R\$)
Acácio Figueiredo	314,2	200
Alto Branco	1.319,88	500
Araxá	293,28	151
Bela Vista	1.002,07	300
Bodocongó	525,51	300
Castelo Branco	578,59	300
Catolé	970,18	500
Centenário	602,89	300
Centro	1.351,87	700
Cidades	177,44	151
Conceição	718,69	300
Cruzeiro	536,53	302

Continuação.

Cuités	358,26	151
Dinamérica	836,73	550
Distrito Industrial	210,16	170
Estação Velha	346,74	200
Itararé	1.229,38	600
Jardim Continental	260,43	151
Jardim Paulistano	804,89	480
Jardim Tavares	2.205,57	1.200,00
Jeremias	240,13	151
José Pinheiro	385,55	200
Lauritzen	1.681,25	1.000,00
Liberdade	570,19	300
Louzeiro	383,97	295
Malvinas	343,41	250
Mirante	3.517,47	3.000,00
Monte Castelo	275,88	160
Monte Santo	362,04	210
Nações	1.989,67	800
Nova Brasília	417,65	200
Novo Bodocongó	258,75	151
Palmeira	815,21	400
Pedregal	206,11	151
Prata	1.718,50	800
Presidente Médice	623,85	471
Quarenta	535,12	250
Ramadinha	233,38	151
Sandra Cavalcante	1.024,63	500
Santa Cruz	507,59	350
Santa Rosa	432,27	220
Santo Antonio	1.024,92	394
São José	983,21	500
Serrotão	195,48	151
Tambor	551,92	300
Três Irmãs	375,3	295
Universitário	1.559,22	700
Velame	333,92	200
Vila Cabral	280,44	172
Sem Especificação (1)	243,04	151

Fonte: IBGE – Censo Demográfico – 2000.

É notório pelo rendimento que, a maior parte das fábricas informais localiza-se em bairros periféricos da cidade de Campina Grande. A razão para isso está no valor do preço do solo ou aluguéis mais acessíveis.

A realidade informal, presente nas indústrias calçadistas em Campina Grande, decorre da metamorfose dos tipos de trabalhos e dos meios de inserção, fato marcado na era da globalização, flexibilização, informatização e privatização imputadas pela “transição” da produção em massa para a produção flexível, o que causa uma incerteza no trabalhador. De acordo com Barreto (2003, p.62):

Não se pode falar necessariamente que o capitalismo atravessa um momento de transição do fordismo para o modo de acumulação flexível, isto porque já se passaram pouco mais de 10 anos de crises e transformações e o que se vê é o estabelecimento de um modelo de acumulação capitalista, que vive e se reproduz das incertezas, inconstâncias e da instabilidade das estruturas e normas sociais. Também não se pode falar que o fordismo tenha sido determinantemente substituído ou superado já que o modelo de sociedade vigente, principalmente no que tange às relações de trabalho conserva práticas fordistas, como por exemplo, o controle racional do tempo - mesmo que o tempo seja incerto - e a naturalização do capitalismo como a única forma de vida possível para os seres humanos, além é claro da missão infindável de subsunção do trabalho humano ao Capital.

Apesar das incertezas, essas indústrias representam um elemento gerador de trabalho e renda para uma população pobre. As fábricas beneficiam de forma direta e indireta a população de Campina Grande.

2.4 Organização e Estrutura das Indústrias Informais de Calçados

Atualmente, Campina Grande é formada de um grande número de micro-indústrias calçadistas informais, ou usualmente chamada de fábricas de fundo de quintal, em que se assenta uma estrutura produtiva industrial, concomitantemente com um domicílio residencial. A constituição deste tipo de atividade procede do fato desta indústria ser pequena e sem condições de pagamentos das obrigações aos governos federal, estadual e municipal. As obrigações com o próprio funcionário também não são pagas, pois geralmente o seu salário fica aquém do mínimo estabelecido por Lei, visto que este pagamento é feito pela sua

produtividade que se constitui muito pequena, em virtude da baixa tecnologia das fábricas (SOUSA, 2006).

É imprescindível frisar que generalizações são perigosas, pois nem todos os funcionários das indústrias de calçados informais da cidade de Campina Grande têm um operário que recebe abaixo do salário mínimo estipulado por Lei. Além disso, quanto à remuneração, há funcionários que tem um salário fixo ou misto, apesar da instabilidade por trabalhar em uma fábrica clandestina, o que pôde ser comprovado através do trabalho de campo.

Alves (2005) relata que, a atividade calçadista campinense em 2003 contava com 89 indústrias, responsável por aproximadamente 35% do emprego do setor no Estado. Das fábricas constituídas, uma é de grande porte (responsável por cerca de 69% do emprego do arranjo) e as outras 35 formais empregam 22% da mão de obra; enquanto as 53 informais empregam apenas 8,75% do total do arranjo.

Segundo Carmo (2004), o crescimento de economias informais, o trabalho mal remunerado, o retrocesso do poder sindical, o aumento da capacidade de fabricação de uma multiplicidade de artigos em pequenos lotes a custos mais baixos e com rápidos movimentos de estoques, a subcontratação, a falta de proteção governamental, a desagregação das indústrias em unidades menores e desconcentração da produção são alguns dos efeitos dessa nova realidade econômica informal local.

Em síntese, a atividade calçadista informal da cidade de Campina Grande apresenta características produtivas quase artesanais, trabalho mal remunerado, funcionários que ganham por produção, ausência de proteção social e dispersão de localidades produtivas.

No que diz respeito à organização sindical, Alonso (2010, p.17-18) afirma que:

Outro componente interessante por parte dos industriais refere-se à incipiente organização dos trabalhadores. Não há praticamente sindicatos atuantes, uma vez que a massa de trabalhadores sindicalizados é muito pequena. O amalgama desse processo é simples e conhecido: Quem for sindicalizado não tem trabalho, não é admitido. Os que ainda envergam essa atividade, o fazem por conta das especificidades da legislação. Liberdade sindical só nas palavras. A rotatividade de trabalhadores, principalmente nas grandes empresas é um indicador de manutenção da massa salarial e também indicador de dissimulação e engessamento da atividade sindical.

A ausência de sindicalização dos funcionários e proprietários das indústrias informais pesquisadas deve-se ao fato destes estarem inseridos em uma atividade marginal, em que os

operários podem ser dispensados a qualquer momento, por não apresentarem vínculo empregatício. Além disso, muitos nunca ouviram nem falar acerca da existência do sindicato, e os que têm conhecimento retrata a falta de apoio, tanto para com o proprietário quanto para o funcionário.

De acordo com Cavalcante (1983, p. 27),

O setor informal é, portanto, um salvo-conduto que a pobreza urbana, posta de lado pela forma assimétrica, desigual, com que o processo de desenvolvimento brasileiro atinge diferentes classes sociais, usa para sobreviver, vinculando sua força produtiva a atividades quase sempre subtilizadoras do potencial de recursos humanos envolvidos [...] Não se deve esquecer, entretanto, que o mercado informal apresenta certas vantagens – como a liberdade de escolha do local e horário de trabalho – que o torna atraente, na medida em que o indivíduo, confrontado com baixas rendas formais e informais, muitas vezes prefere trabalhar pelas últimas.

Assim, a população desqualificada profissionalmente e de baixo poder aquisitivo, adapta-se ao funcionamento da indústria em seu panorama informal. A atividade em estudo torna-se informal na medida em que, dentre outras particularidades, não existe em sua maioria qualquer vínculo empregatício entre as indústrias e seus funcionários. A população se sujeita, na maioria das vezes, a trabalhos dessa categoria pela exclusão social que sofre a procurar emprego formal nos arredores da cidade de Campina Grande.

Além disso, percebe-se que muitos proprietários destas indústrias são apenas mais um “funcionário”, o que contradiz o clássico modelo burguês/ proletário, onde o capitalista é o grande explorador e o funcionário, por sua vez o explorado. Essa afirmação é constatada, por exemplo, quando em uma entrevista informal, o funcionário salientou que o dono muita vezes já ficou sem salário para pagar aos funcionários, isso por ter outra fonte de renda e querer manter a indústria, em virtude da tradição familiar.

Pesquisa realizada no ano de 2010 mapeou 51 fabriquetas de calçados informais, entre zero a 18 funcionários, porém, é sabido, através de entrevistas, com uma pessoa ligada ao ramo de calçados, da existência de 70 fábricas clandestinas³¹.

Constatou-se que produção de calçados, nas indústrias informais analisadas, constitui um processo de trabalho intensivo em mão de obra, que conserva elevado conteúdo manual no processo produtivo e muitos sapateiros aprendem as funções nas próprias fábricas, o que

³¹Lúcia (2011).

alguns proprietários até preferem, pois relatam que pessoas com cursos profissionalizantes não dão demanda.

Os materiais de segurança utilizados pelos funcionários das indústrias são mínimos ou inexistentes, o que em conversas informais, foi dito por um dos donos de uma fábrica que estes não rejeitam o uso, entretanto é possível se questionar um fato curioso quanto à causa de acidentes, onde o trabalhador estará totalmente à margem da lei e dos seus direitos pelo fato da falta de registro no Ministério do Trabalho.

As micro e pequenas fábricas localizam-se em pequenos espaços, seja na casa dos donos, em galpões ou em casas alugadas conforme pode-se observar na Figura 15. Vale salientar que muitas se situam no fundo dos quintais das residências dos proprietários.

Figura 15 – Indústria de Calçados Localizada no Bairro Jeremias



Fonte: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida. Agosto de 2010.

Os espaços utilizados para fabricação de calçados são em parte, pequenos, e com problemáticas condições, com ventilação mínima, além de odores e barulhos que necessitam de equipamentos para proteção, o que não usado com o passar dos anos poderá comprometer a saúde do trabalhador. A maioria das fábricas em estudo apresenta uma estrutura física e

maquinaria obsoleta, já que o proprietário não dispõe de recursos financeiros suficientes para melhorar essa situação.

É bem verdade que a organização industrial pode ser analisada em quatro fases históricas: sistema familiar, sistema de corporações, sistema doméstico e sistema fabril. No sistema familiar, os componentes de uma família fabricam produtos para o seu consumo. Já no sistema de corporações, a produção é feita por mestres artesãos livres, com no máximo três empregados, para atender ao mercado pequeno e estável. Os trabalhadores eram donos da matéria-prima e das ferramentas de trabalho, e vende o produto do trabalho. O sistema doméstico tem a produção realizada em casa para um mercado em crescimento pelo mestre artesão e seus empregados, contudo os mestres não tinham mais as matérias-primas para a produção, dependiam de um terceiro, possuíam apenas as ferramentas. No fabril, a produção era para um mercado incerto e cada vez maior, realizada fora de casa, nos prédios dos patrões e sob supervisão severa (HUBERMAN, 1986).

Na divisão realizada por Huberman (1986), o estágio que mais se assemelha a realidade das oficinas em estudo, é o sistema fabril, em virtude dos empregados trabalharem nos “prédios” dos donos das indústrias (Figura 16), de não possuírem ferramentas nem matérias-primas, e produzirem para um mercado cada vez maior, apesar de em determinados períodos do ano, as indústrias apresentarem quedas na demanda. Todavia, há indústrias que terceirizam os calçados e, para fabricá-los, conta com a matéria-prima fornecida pelo comprador, esta, detentora apenas da mão de obra e dos equipamentos para produção, peculiaridade do sistema doméstico.

Figura 16 - Indústria de Calçados Localizada no Bairro José Pinheiro



Fonte: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida. Agosto de 2010.

As indústrias calçadistas informais correspondem a uma manufatura, por ter em seu processo produtivo a utilização de poucas máquinas, uma forte raiz do trabalho manual e a divisão do trabalho.

E de acordo com Ruas (1984, p.4-6),

A manufatura transforma o que era anteriormente a reunião, sob o mesmo teto, de vários artesãos operando de forma independente na produção do relógio por inteiro numa forma de cooperação onde cada um deles executa apenas uma parcela deste trabalho, isto é, a transformação do trabalhador artesão no trabalhador parcelar. [...] A DMT assinala a emergência de algumas tendências que irão marcar, de forma progressivamente mais acentuada, a evolução histórica do processo de trabalho capitalista: separação entre concepção e execução do trabalho, dissolução do trabalho individual em favor do coletivo, desqualificação dos postos de trabalho na produção, etc. Entretanto é preciso destacar que são processos então muito recentes e seus efeitos pouco profundos, se comparados a períodos históricos posteriores. Embora se inicie aí o processo de alienação do trabalhador em relação ao "saber" na produção, ele ainda possui uma margem de

participação bastante ampla no que concerne à maneira de realizar seu trabalho. Da mesma forma, a perda de qualificação na DMT tem como referencial o "métier" do artesão, pois o processo de trabalho na manufatura ainda depende, em muito, da habilidade e da destreza do trabalhador. Enfim, o coletivo de trabalhadores na manufatura é ainda um esboço grosseiro do coletivo da produção pós-maquismo.

A título de conhecimento, em quatro das 51 unidades pesquisadas, por questões de demanda, não havia funcionários, e o processo produtivo era realizado apenas pelos proprietários das fábricas, com a utilização de ferramentas simples e máquinas de costura, situação que não ocorre a divisão do trabalho, já que estes realizam todas as etapas.

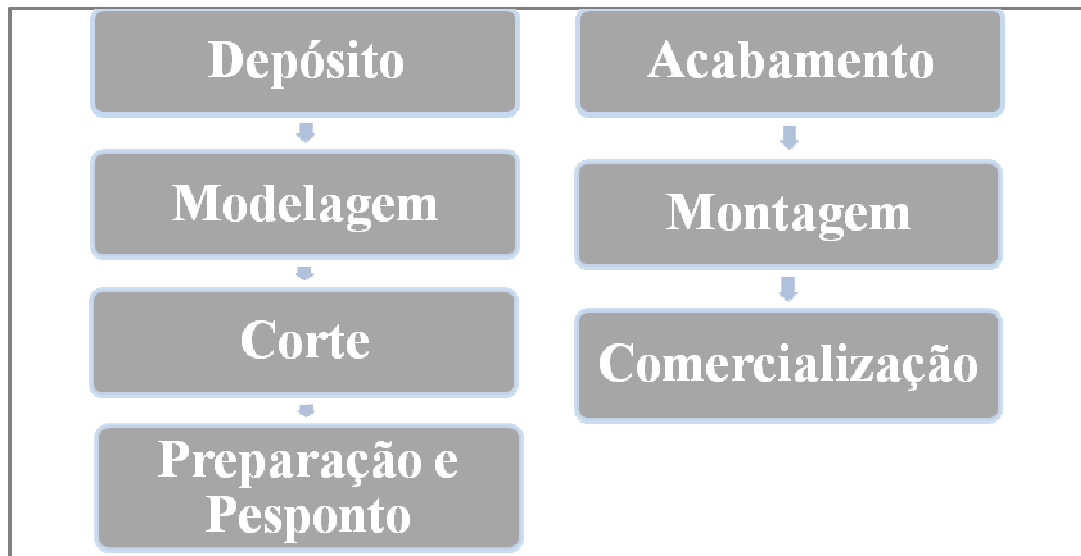
Apesar do espaço da maioria das indústrias calçadistas informais da cidade de Campina Grande não apresentar uma organização estruturada, a critério de análise, este pode ser dividido em seis setores conforme se demonstra na figura 17.

O depósito corresponde ao lugar onde se coloca a matéria-prima, que pode ficar em um espaço fora do chão de fábrica, ou neste, vai depender da indústria; a modelagem é quando são determinados modelos e os materiais a serem utilizados na confecção dos calçados.

O próximo setor é o de corte, que pode ser realizado manualmente, através de uma faca adequada à atividade de produção de calçados ou por meio de uma máquina titulada balancim; em seguida há a preparação e o pesponto, nas quais as peças são coladas, encaixadas e costuradas, e depois há a montagem, que consiste na fixação do cabedal ao solado e, por fim o acabamento, no qual é removido resto de linha, cola e sujeiras, além disso, coloca-se a palmilha e o cadarço no calçado.

E quanto aos passos da produção de calçados³², são quatro: a modelagem, o corte, a montagem e o acabamento, caracterizados acima quando se relatou os setores que as fábricas dividem-se, porém cada processo depende do artigo a ser produzido.

³² Este tema será explorado melhor no Capítulo III, no item 3.3.

Figura 17 – Setores das Indústrias

Elaborado: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida, 2011.

Assim, mesmo que indústrias não estejam alojadas em verdadeiras fábricas, com maquinários excelentes, mão de obra qualificada, segurança dos operários ao operarem máquinas ou atividades que carecem de equipamentos apropriados para tal função, é através do trabalho, que estas fábricas transformam, de maneira decisiva, o espaço na cidade e nas próprias indústrias. E mesmo que de forma precária, algumas aperfeiçoam seus estabelecimentos a cada ano, além disso, contribuem para geração de trabalho e renda.

Em se tratando de trabalho, faz-se essencial compreender o conceito. Carlos (1992, p.13) mostra que:

O trabalho enquanto atividade do homem tem um caráter intencional e voluntário. Isso implica a transformação do objeto em algo adequado, próprio do sujeito que o realiza e, deste modo, o processo produtivo é um processo de produção concreta, nascido do trabalho, uma resposta do homem às suas necessidades.

Pode-se afirmar também que:

O trabalho é a aplicação, sobre a natureza, da energia do homem, diretamente ou como prolongamento do seu corpo através de dispositivos mecânicos, no propósito de reproduzir a sua vida e a do grupo. [] Alguns afirmariam que outros animais também realizam trabalho, quando de alguma forma utilizam e modificam a natureza, mas o homem é o único que reflete sobre a realização de seu trabalho. Antes de se lançar ao processo produtivo, ele pensa, raciocina e, de alguma maneira, prevê o resultado que terá o seu esforço (SANTOS, 1994, p. 87).

Quanto à jornada de trabalho das indústrias, observou-se que esta se sujeita a demanda, algumas firmas não fecham nem em feriado, os empregados submetem-se a essa situação por que um dia sem trabalho, representa menos dinheiro.

CAPÍTULO III – A DINÂMICA DAS INDÚSTRIAS CALÇADISTAS INFORMAIS NA ESTRUTURA SOCIOESPACIAL DA CIDADE

O foco central deste capítulo está na análise das entrevistas (APÊNDICE A) aplicadas aos proprietários, e nos questionários (APÊNDICE B) realizados tanto com os funcionários, quanto com os proprietários das indústrias informais de calçados em Campina Grande. Isto foi realizado para conhecer a realidade destas indústrias bem como os perfis socioeconômicos das pessoas inseridas na atividade de fabricação de calçados, em que foi possível constatar peculiares características do circuito inferior da economia urbana.

Ademais, apresentar informações relevantes do processo de fabricação de calçados, situação esta, que apresenta uma incoerência se olharmos para o atual modelo do sistema capitalista. Ele faz com que estes trabalhadores sejam mais explorados, os quais se inserem por necessidade de sobrevivência no mundo do trabalho informal, o que precariza as relações de trabalho e ocasiona uma instabilidade, por não possuírem vínculo com a fábrica.

É importante esclarecer, que os questionários, ao objetivarem detectar o perfil socioeconômico das pessoas inseridas na atividade calçadista, são iguais, pois a análise de cada questão realiza-se separadamente em primeira instância e, depois há uma comparação da realidade dos patrões com as dos funcionários.

A questão sobre o ano de fundação das indústrias realizada na entrevista para com os proprietários tem uma perspectiva diferente da interrogação dos questionários. Quanto ao tempo de trabalho na indústria, a primeira é utilizada para ter o conhecimento do tempo de sobrevivência destas e a segunda, para comparar o tempo de trabalho dos funcionários com o do patrão nas fábricas, para assim, verificar se estes apresentam uma durabilidade no emprego.

A pesquisa de campo realizada em 51 indústrias calçadistas informais compreendeu o período de Maio a Outubro de 2010. O número de funcionários empregados diretamente corresponde a um total de 258, e foram aplicados 186 questionários, o que corresponde à aproximadamente 72%. Com relação à entrevista e o questionário direcionados aos proprietários das indústrias, todos foram devidamente respondidos.

3.1 Análise Socioespacial da Indústria Informal de Calçados em Campina Grande-PB

Não se tem ciência exata da quantidade de micro e pequenas indústrias calçadistas informais na cidade de Campina Grande no ano de 2010, pois em pesquisa de campo realizada naquele ano, constatou-se a fragilidade destas indústrias, que ao não apresentar demanda para seus produtos acabam por fecharem suas portas.

Pelas entrevistas com os proprietários das fábricas pesquisadas, foi possível estabelecer um parâmetro em torno da possível quantidade: soube-se da existência de aproximadamente 70 fábricas, distribuídas nos bairros campinenses, contudo não se pôde afirmar com precisão, pois pode acontecer que uma indústria abra as portas hoje, e feche-as em menos de seis meses, por problemas financeiros e/ou fiscalização.

Ao tratar, em específico das indústrias de calçados informais pesquisadas, verificou-se uma evolução do número de indústrias entre 1965 a 2010. No ano de 1965, era apenas uma indústria, localizada no bairro José Pinheiro. A década de 1980 apresenta a fundação de mais cinco fábricas, e em 1990 tem-se um acréscimo de mais oito. Nos anos 2000, houve um expressivo aumento de indústrias informais na cidade, num total de 37 fábricas, e só em 2010, foram abertas 11, fato relacionado à consolidação a cada ano da cidade como Polo Calçadista.

Esse aumento do número de indústrias não significa que todas estão em situação econômica estável. Muitas passam por dificuldades, e estão funcionando com demanda que provavelmente não oferece condições para se ter lucro, apenas para sobreviver a um mercado cada dia mais incerto.

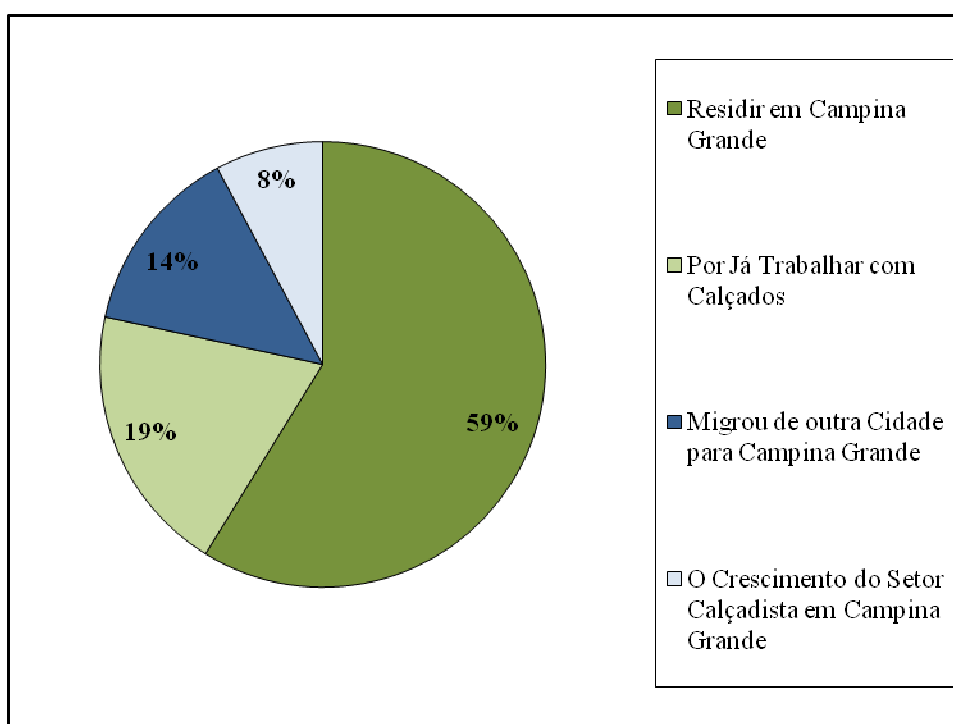
Daquilo que foi dito, pode-se deduzir que o atual número de indústrias de calçados na cidade, tem como razão, vários motivos: um deles é que a maior parte das fábricas tem como causa o fato dos proprietários residirem em Campina Grande (Gráfico 7), o que revela que esta atividade provém de pessoas da própria cidade, as quais vêm no setor calçadista uma possibilidade de sobrevivência e, apesar das dificuldades em determinados períodos dos anos, possibilita o sustento de muitas famílias.

Como também, por Campina Grande expressar uma centralidade, ou seja, comandar lugares onde se revendem os calçados; além de apresentar comércio atacadista e varejista para este fim e por sediar alguns Curtumes, formais e informais, e pela mão de obra barata. Outro motivo apresentado tem a ver com os proprietários já trabalharem com calçados, seja influenciado pelos familiares ou não. Outro aspecto a ser considerado, tem a ver com as

peças que vem de outras localidades para Campina Grande, em virtude de sua cidade não apresentar um bom mercado para o ramo de calçados.

Por fim, está o motivo relacionado ao crescimento do setor calçadista em Campina Grande, o que é confirmado estatisticamente e na visita em várias indústrias, que apresenta uma demanda considerável.

Gráfico 7 – Motivo da Instalação das Indústrias Informais de Calçados em Campina Grande



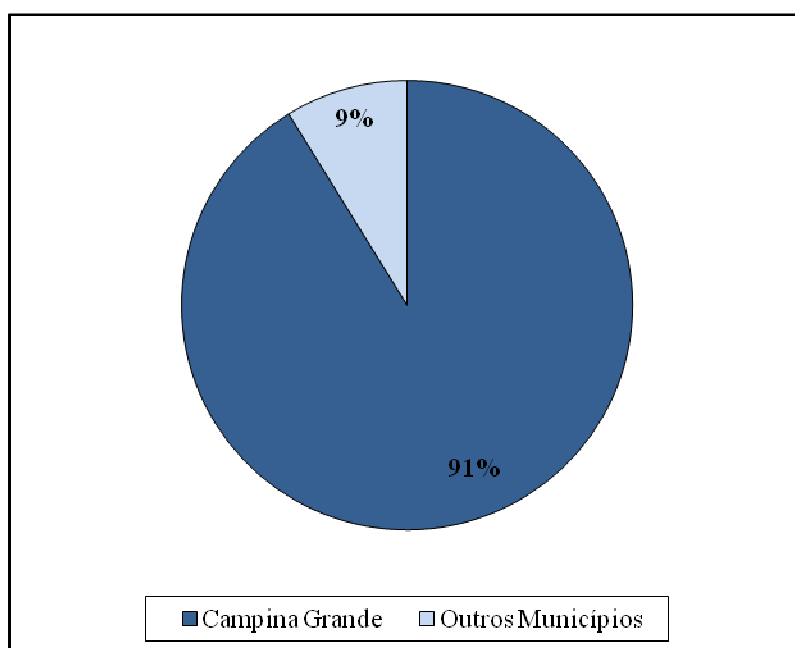
Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

Quanto à matéria-prima para os calçados, a maioria das indústrias utiliza o material sintético, num total de 65%. Isto tem a ver com o preço desta matéria-prima ser mais acessível. 23% fazem uso do couro, pois relatam que este tem uma durabilidade maior; 10% das indústrias fazem uso tanto do tecido sintético quanto do couro; e, 2% trabalham com EVA, uma matéria-prima similar a borracha. Quanto ao couro trabalhado nas fábricas, 94% é bovino e os outros 6% é de caprino.

O gráfico 8, a seguir, evidencia que grande parte das indústrias informais de calçados compra a matéria-prima no município, o que equivale a 91%. Assim, constata-se a valorização do material na própria cidade, o que movimenta o comércio e gera emprego e renda.

O mesmo gráfico ainda mostra que as fábricas que compram em outros municípios, num total de 9%, encontram suas matérias-primas respectivamente em: Caruaru, Fortaleza e Juazeiro do Norte. Estas fábricas relatam que a mercadoria de outros lugares apresenta uma qualidade superior à matéria-prima existente na cidade de Campina Grande.

Gráfico 8 – Indústrias Informais de Calçados: Fornecimento de Matérias-Primas



Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

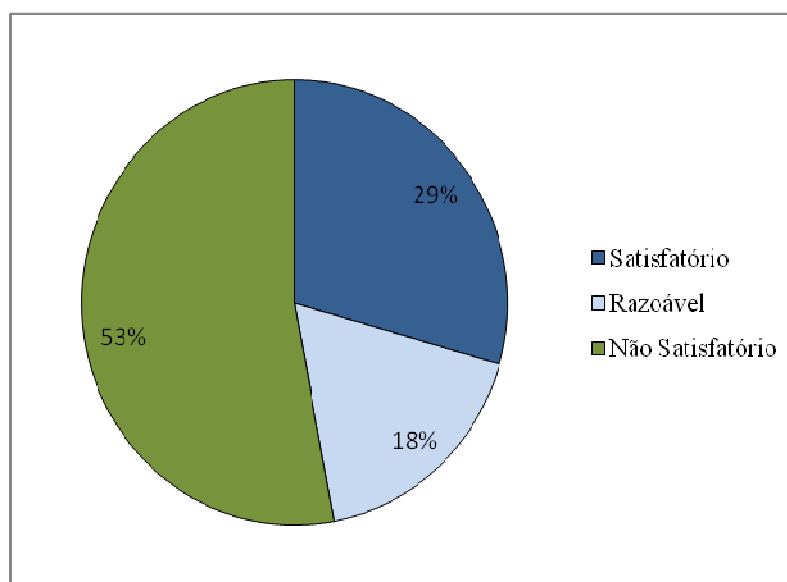
Em pesquisa realizada com os proprietários das indústrias, sobre o conhecimento destes acerca da existência de curtumes em Campina Grande, verificou-se que 59% trabalham com conhecimento, no entanto não sabem ao certo a quantidade de curtumes; 39% com desconhecimento da existência dos mesmos; e, apenas 2% dos proprietários conhecem a quantidade correta de curtumes na cidade, um total de três estabelecimentos.

A falta de conhecimento da quantidade correta e se existe curtume na cidade em estudo é acentuado, e pode ter como causa o fato da maioria dos proprietários das fábricas de calçados comprarem o couro em casas comerciais, além do uso do material sintético ser mais expressivo pelas indústrias.

É imperioso destacar que alguns proprietários, ao responderem a quantidade de curtumes existentes em Campina Grande, mencionaram nomes de curtumes que já não existem e, outros relataram localizações de curtumes informais.

Ao se tratar dos preços das matérias-primas utilizados pelos donos das fábricas informais, verificou-se que a maioria (53%), não estava satisfeita com o custo da mesma, por comprar a terceiros, o que encarece o produto e porque o couro tem o preço superior ao do sintético. Já 29% declararam que o custo da matéria-prima é satisfatório, por adquirir direto da fonte, utilizar o sintético, comprar retalhos abaixo do custo de outras indústrias, obterem de outros lugares a matéria-prima e por terem lucro na venda de calçados. Já 18% afirma ser razoável o custo da matéria-prima, em virtude da possibilidade de comprar em outros lugares e estes apresentarem um preço mais acessível e pela cidade apresentar várias casas comerciais que vendem o produto, o que oferece opção de escolha fato visto no gráfico 9 abaixo.

Gráfico 9 – Indústrias Informais de Calçados: Satisfação Quanto ao Custo da Matéria-Prima



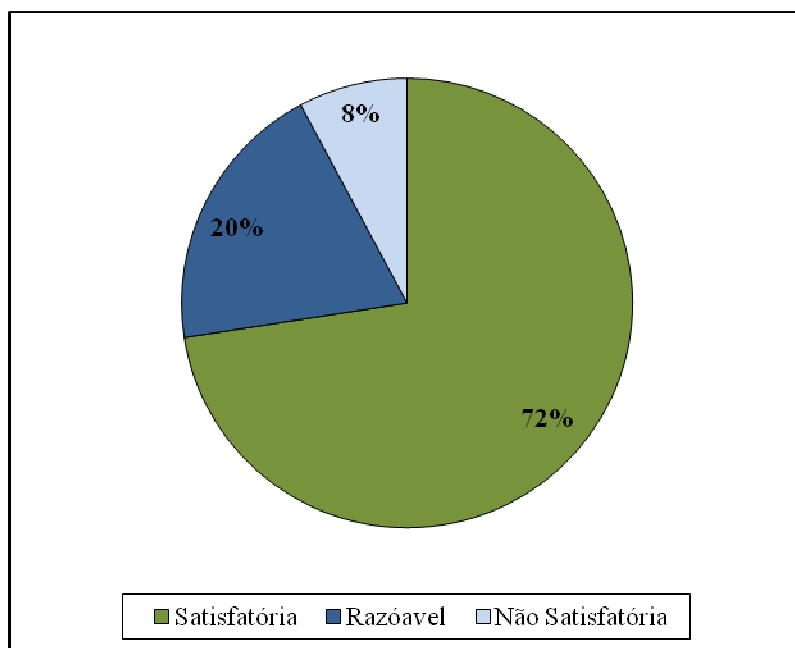
Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

Em relação à qualidade da matéria-prima, 72% dos proprietários se revelam satisfeitos, pois relatam que procuram sempre a melhor, seja couro, sintético ou EVA, e um dos entrevistados comentou que o sintético usado é muito semelhante ao couro. 20% entendem que a qualidade é razoável, por fabricar calçado popular e 8% não estão satisfeitos com a qualidade da matéria-prima, pois produz um calçado popular e não pode comprar o material de boa qualidade conforme gráfico 10, a seguir.

É notória, a mesma afirmação para os não satisfeitos com a qualidade da matéria-prima e os que a percebem como razoável, levando a crer, que os calçados fabricados pelos produtores não satisfeitos têm uma qualidade inferior aos que considera a matéria-prima

razoável, pois os produtos desses apresentam uma durabilidade superior, já que procuram adquirir um material “melhor”.

**Gráfico 10 – Indústrias Informais de Calçados:
Satisfação Quanto a Qualidade da Matéria-Prima**



Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

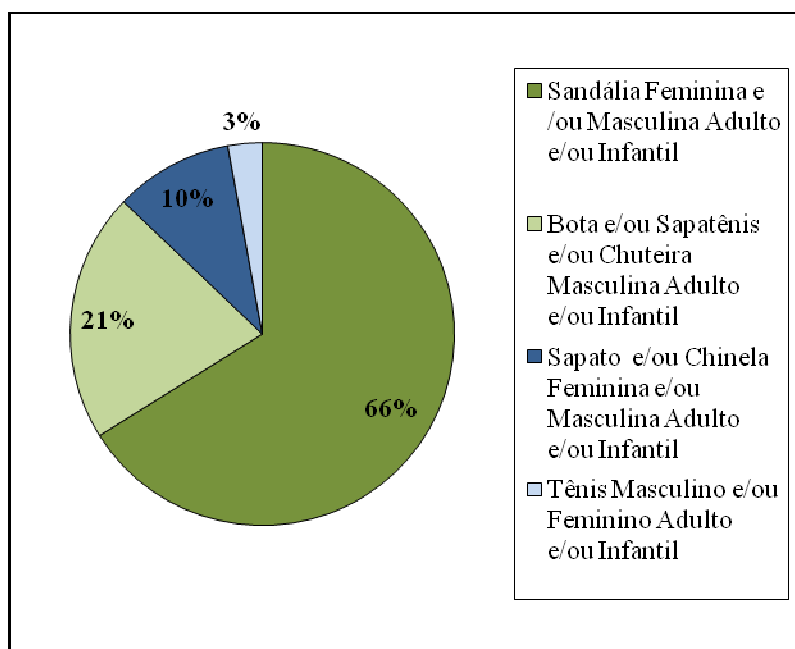
Quanto à quantidade de matéria-prima, a maioria dos proprietários das indústrias, o equivalente a 61%, não estavam satisfeitos, pois gostariam de adquirir uma quantidade maior, para então aumentar a sua produção de calçados, entretanto apresentam demanda insuficiente, e, por isso a quantidade de matéria-prima é precária para estes obterem lucro, o que conseguem é para sobreviver, fato este provocado pela sazonalidade da atividade.

Já 29% encontravam-se satisfeitos, por sua indústria apresentar uma boa demanda, estrutura física e organizacional “melhor”, ou não tinham a pretensão de ampliar a produção, por tratar-se de micro ou pequena indústria; 8% acham que a quantidade de matéria-prima é razoável, em decorrência de uma demanda estável; e, 2%, não responderam.

Cumprir assinalar, que não foi evidenciado ao longo das entrevistas qualquer comentário sequer, com um único entrevistado acerca da possibilidade da existência de uma cooperativa para que os produtores fossem beneficiados quanto ao custo da matéria-prima, pois grande parte dos produtores não quer associar-se em virtude de muitos fabricantes não cumprirem com as obrigações de pagamento.

O gráfico 11 mostra que as indústrias calçadistas informais pesquisadas têm uma grande variedade, no que diz respeito aos tipos de calçados fabricados. A maior parte das fábricas, 66%, produz sandálias, por ter um processo de fabricação simples. 21% das indústrias fabricam bota e/ou sapatênis e/ou chuteira; 10%, sapatos e/ou chinelas; e, apenas 3%, produzem tênis, por estes tipos apresentarem um processo produtivo mais complexo e com maior exigência de equipamentos. Além disso, cabe frisar que as indústrias atendem tanto ao público masculino quanto ao feminino, adulto ou infantil.

Gráfico 11 – Tipos de Calçados Fabricados nas Indústrias de Calçados Informais



Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

Quanto à comercialização, verificou-se que esta é realizada em sua maioria pelos próprios proprietários e/ou representante(s) (o que equivale a 74%), em que estes mantêm contato direto com o comprador. 20% dos proprietários comercializam a mercadoria na própria indústria e/ou fora, ou seja, o cliente vai direto à indústria para adquirir o produto ou o dono da fábrica desloca-se até este, e 6% dos proprietários terceirizam a mercadoria para outras fábricas, sobretudo formais, que se nutrem do mercado marginal.

Portanto, entende-se que quando o proprietário e/ou representante vende a mercadoria fora de um estabelecimento comercial, esse processo caracteriza a venda direta, uma das características do circuito inferior da economia urbana proposta por Santos (1979).

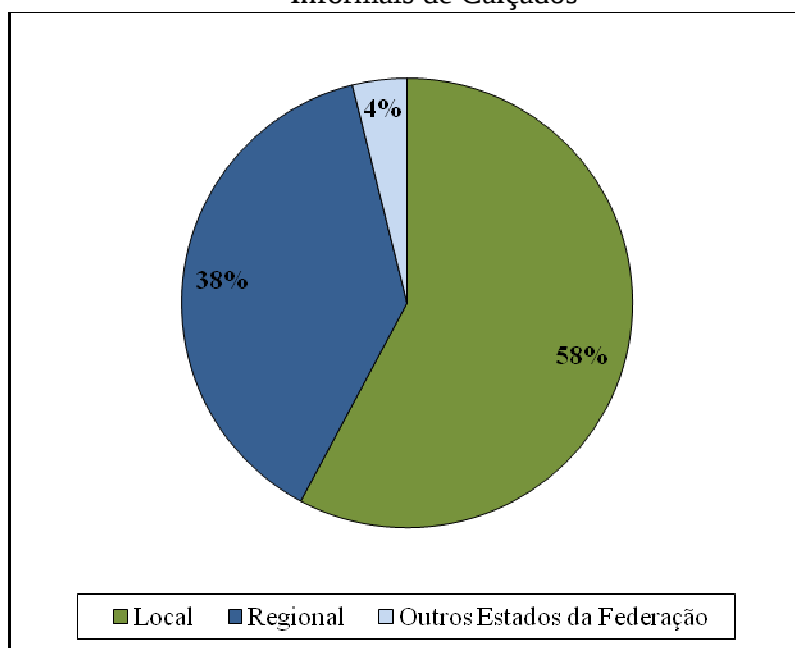
A pesquisa revela que a maioria dos patrões das gangorras (65%) não emite recibo. Já, 23% emitem; 10% dos donos das fábricas emitem às vezes e 2% não responderam. Isto evidencia que muitas lojas e fábricas mantêm relações informais com as indústrias estudadas, o que revela certa anomalia tanto em relação às indústrias formais que respondem fiscalmente quanto às informais que não respondem, mas nestes casos emitem.

No tocante ao destino final dos produtos, verificou-se que a escala das fábricas informais atingem os mercados locais em 58%, o que representa a maioria, em seguida, com 38%, o mercado regional e apenas 4% a outros Estados da Federação, por se tratar de mercadoria popular e também atrelada à cultura regional conforme gráfico 12.

Portanto, os dados comprovam que os calçados fabricados nas indústrias informais de Campina Grande atingem mercados em outros Estados da Federação, podendo-se citar a Região Norte, com os estados do Pará, Amazonas e Amapá, e a Região Centro-Oeste, com a Capital Brasília.

No caso regional, têm-se os estados de Pernambuco, Piauí, Alagoas, Sergipe, Ceará, Bahia, Maranhão e Rio Grande do Norte, e a nível local, a própria cidade de Campina Grande, João Pessoa e cidades circunvizinhas.

Gráfico 12 – Destino dos Produtos das Indústrias Informais de Calçados



Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

Ao se tratar do tamanho das unidades fabris pesquisadas, objetivamente em termos de números de empregados, constatou-se que a maioria é formada por micro indústrias, por

apresentar de 0 a 9 funcionários, o equivalente a 86%, e as demais, o equivalente a 14%, caracterizam-se como pequenas indústrias conforme tabela 3 abaixo.

Tabela 3 – Número de Funcionários das Indústrias de Calçados Informais

Número de Funcionários	Quantidade	Porcentagem (%)
0 a 1	11	21
2 a 3	10	20
4 a 5	8	16
6 a 7	11	21
8 a 9	4	8
10 a 11	3	6
12 a 13	2	4
14 a +	2	4
Total:	51	100

Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

Quando perguntado aos proprietários acerca das dificuldades no recrutamento de pessoal, verificou-se que 78% destes, afirmaram não terem dificuldades para contratar pessoas qualificadas, contra 22% que alegaram o contrário.

A dificuldade para a contratação de pessoas qualificadas é devido aos baixos salários, por muitas indústrias apresentarem mercadoria qualificada e grande parte do processo de produção ser manual, quase que artesanal. Convém evidenciar que a qualificação que foi questionada para com os patrões, não implica em cursos profissionalizantes, mas pessoas que saibam trabalhar com calçados que aprenderam, por exemplo, nas fábricas. A pouca dificuldade de recrutar pessoas qualificadas dá-se por que o número de trabalhos é inferior ao da procura e também porque os donos têm onde buscar pessoas para trabalharem em suas fábricas, a exemplo do Fabricão, que recebe currículos dos trabalhadores e os indicam.

As indústrias pesquisadas não apresentam grandes problemas de rotatividade de funcionários, pois apenas 6% dos patrões salientaram essa dificuldade, os principais motivos são: um trabalho melhor e não acompanhar o ritmo de produção da indústria. Os cargos que mais apresentam rotatividade não foram mencionados.

Há uma acentuada disparidade entre as indústrias informais, no que diz respeito a sua produção diária de calçados. 29% das indústrias produz de 0 a 4 dúzias ao dia, e igual percentual para as que fabricam de 10 a 14 dúzias; em seguida com 24%, as que produzem de

5 a 9 dúzias e, totalizando 18%, as que fabricam de 15 a mais de 25 dúzias, conforme se vê na tabela 4.

Pode-se citar como causa dessa disparidade, a grande variedade dos tipos de calçados, já que, por exemplo, uma sandália rasteira é mais simples de ser confeccionada do que um sapatênis, o fato de algumas indústrias serem mais bem equipadas e a quantidade de funcionários.

Tabela 4 – Produção Diária de Calçados das Indústrias Calçadistas Informais

Produção Diária (Dúzia)	Quantidade	Percentual (%)
0 a 4	15	29
5 a 9	12	24
10 a 14	15	29
15 a 19	3	6
20 a 24	4	8
25 a +	2	4
Total:	51	100

Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

Quanto aos meses de maior produtividade, destacaram-se o último trimestre do ano, ou seja, de outubro a dezembro, o equivalente a 47% e, o segundo, de abril a junho, com 18% (Tabela 5).

No que tange aos meses de menor produção, verificou-se que 28% dos proprietários, conferiram ao primeiro trimestre do ano, ou seja, de janeiro a março, em seguida, 22%, atribuíram ao terceiro trimestre, de julho a setembro (Tabela 5).

Assim, de acordo com os dados apresentados, tem-se que a procura desta mercadoria intensifica-se no meio, e no final do ano, já que são meses de festas, como São João e Natal, e também por destinarem-se basicamente as classes C, D e E, que não apresentam alto poder aquisitivo, geralmente adquirindo este produto duas vezes ao ano.

Tabela 5 – Indústrias Calçadistas Informais: Meses de Maior e Menor Produção

Meses de Maior Produção	Porcentagem (%)	Meses de Menor Produção	Porcentagem (%)
Janeiro a Março	3	Janeiro a Março	28
Abril a Junho	18	Abril a Junho	15
Julho a Setembro	8	Julho a Setembro	22
Outubro a Dezembro	47	Outubro a Dezembro	11
Igual	16	Igual	16
Não Soube Responder	8	Não Soube Responder	8
Total:	100	Total:	100

Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

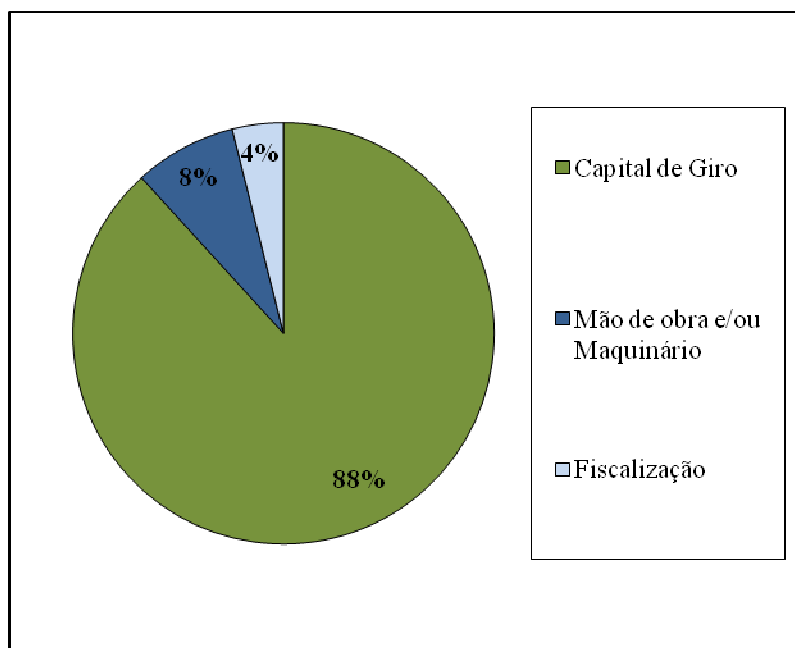
Com relação aos concorrentes das fábricas de calçados, 37% dos proprietários entrevistados relataram não ter concorrentes, já que a sua mercadoria tem distinção das outras fábricas, apesar de ser um calçado popular, estes prezam pela qualidade. Já 34%, alegam ter como concorrentes as fábricas formais, pois grande parte apresenta um considerável capital de giro e créditos bancários, visto que são registradas e, por fim, com 29%, os que alegam ter as fábricas informais como concorrentes, em virtude da semelhança do tipo de calçado produzido e da qualidade, contradizendo os outros proprietários.

Convém ratificar, que 65% das fábricas estudadas não conseguiram ampliar o seu mercado, e muitas até tem a venda de mercadoria diminuída em virtude do grande número de indústrias instaladas, o que comprova a grande concorrência entre as fábricas analisadas no gráfico anterior. Um percentual de 35% ampliou o seu mercado, pois suas mercadorias apresentam uma melhor aceitação no comércio.

A maioria das indústrias em questão não divulga o seu produto (um total de 63%), e essa falta de divulgação dos calçados pelos proprietários das indústrias pode ser considerado um dos motivos da pouca demanda. 35% das fábricas utilizam-se do mostruário e/ou divulgação boca a boca e 2% trabalham com a divulgação através do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas).

Quanto às principais dificuldades enfrentadas pelos proprietários nas indústrias calçadistas, verifica-se que a questão do capital de giro é proeminente, o equivalente a 88%, já que estas fábricas são informais e não podem gozar do crédito bancário. 8% relatam ser mão de obra e/ou maquinário, pois as máquinas utilizadas são muito precárias, e quanto à mão de obra, nem todos se adaptam ao ritmo acelerado das indústrias e, por fim, a fiscalização, com 4%, fator que leva a muitas indústrias fecharem suas portas e abrirem em outros bairros. O gráfico 13 a seguir evidencia este fato.

Gráfico 13 – Percentagem das Principais Dificuldades das Indústrias Informais de Calçados



Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

Com relação à contribuição da atividade calçadista para Campina Grande, 57% dos proprietários das fábricas, acreditam que esta contribui para a geração de trabalho e renda, já que muitas famílias sobrevivem deste ofício. 37%, afirmam que colabora para a atividade comercial, pois a compra da matéria-prima realiza-se também em comércios da cidade, além da venda do produto final, e 6% dos donos das indústrias relataram que a atividade calçadista não contribui, por ter uma produção pouco significativa.

No tocante a situação atual do ramo de calçados em Campina Grande, verificou-se que 57% dos proprietários das indústrias informais encontram-se insatisfeitos e atribuem à falta de demanda como principal motivo. Em seguida, 27% dos patrões relataram que a situação é razoável, em virtude da época, já que existem determinados períodos do ano em que as vendas diminuem e, 16% estão satisfeitos, pois tem um bom mercado consumidor.

Com relação ao SEBRAE, um percentual de 92% dos proprietários o conhece, e 8% não conhecem esta instituição. Porém o fato de conhecer a entidade não implica em ter tido algum contato para melhoria das indústrias, como a realização de cursos e assistir palestras na área em questão, pois dos 92% que conhecem este instituto, 45% tiveram algum contato com o SEBRAE, através de cursos, palestras ou algum dos representantes da entidade foram às fábricas para dar informações e ajudar na melhoria das mesmas, 37% é apenas de ouvir falar e, 10% através de informações de terceiros ou meios de comunicação, mas não tiveram

nenhum contato. Esta realidade que comprova que o instituto trabalha em benefício dos pequenos fabricantes, mas ainda não é o suficiente, pois a situação vista *in loco* foi bastante preocupante, pois é perceptível que a maior parte não tem noção de administração e organização do espaço da fábrica.

De acordo com o exposto, a cidade de Campina Grande apresenta uma atividade calçadista informal, que pode não ter grande representatividade para a economia, no que diz respeito à geração de emprego, renda e comércio, mas traz consigo uma tradição familiar que supre as necessidades de determinadas pessoas da cidade, apesar da instabilidade do trabalhador, que vive a mercê de períodos de alta e baixa demanda.

As peculiaridades do circuito inferior da economia urbana, são muito presentes nas fábricas de calçados informais, neste primeiro momento pode-se mencionar: a falta de capital de giro, o que gera pouco dinheiro para investir em máquinas, por exemplo; a venda direta; a falta de incentivos fiscais por parte do governo e uma comunicação marcante com o setor formal, tanto com lojas de calçados como indústrias formais da cidade.

As pequenas fábricas também não recebem nenhum tipo de incentivo fiscal do governo, mas tem o SEBRAE que tenta colaborar para sua melhoria, através de palestras e cursos, mas como já citado anteriormente ainda há muito que se fazer.

É, sobretudo, importante assinalar que estas fábricas informais mantêm relações com lojas formais da cidade de Campina Grande, tais como Shop do Pé, Luciene Calçados, Calçadeira, Geraldo Calçados, Território, Lojão das Fábricas, Aluísio Calçados, Via Sol, Via Marte, Karmélia, Geraldo Fashion, Rio Modas, Sheila Calçados, Veneza, Equilíbrio, Dalume e Floripa, mostrando que, o mercado formal nutre-se do informal, sendo que o formal adquire bons lucros.

Ademais, a Karmélia que tem duas lojas de calçados e acessórios em Campina Grande, utiliza-se de três fábricas informais que confecciona sua mercadoria, uma das fábricas entrevistadas relatou que a matéria-prima é completamente fornecida pela Karmélia, ou seja, a loja aproveita-se apenas da mão de obra barata.

Vale lembrar que uma das fábricas que se localiza no Polo Coureiro Calçadista da cidade de Campina Grande, tem como fornecedora do produto final uma das indústrias estudadas.

3.2 Perfis Socioeconômicos dos Proprietários e Funcionários das Indústrias de Calçados Informais

Ao tratar da origem dos proprietários das indústrias calçadistas informais, a pesquisa constatou que 63% são de Campina Grande, contra 37% de outras cidades, como Taperoá, Queimadas, Santo de Várzea, Fortaleza, Cajazeiras, Patos, Serra Redonda, Ibiara, Teixeira, Serra de Cuité, Esperança, Sumé e Desterro.

De acordo com o exposto, as fábricas administradas por campinenses, apresentam uma superioridade marcante em relação às dirigidas por pessoas de outras localidades, já que a cidade de Campina Grande apresenta uma tradição no ramo de calçados, considerada uma atividade que passa de geração para geração, na maioria dos casos.

Os que procedem de outros lugares, com exceção de Fortaleza, a maioria são de cidades paraibanas e viram em Campina Grande uma oportunidade de trabalhar com a fabricação de calçados, pois alguns relataram que em suas cidades de origem, o mercado para este ramo é fraco, além disso, por tradição familiar no setor calçadista, dentre outros aspectos.

Em relação aos funcionários das indústrias de calçados, verificou-se que 88% são nativos de Campina Grande. Já, 11% nasceram em outras cidades, a exemplo de: Marí, Rio de Janeiro, Santa Luzia, Pocinhos, Crateús, Caruaru, Ibiara, São Paulo, Recife, Esperança, Limoeiro do Norte, Tapera, Brasília, e Patos; e 1% não responderam.

A superioridade numérica de funcionários de origem campinense no setor calçadista informal deve-se a tradição da cidade neste setor produtivo, a falta de emprego e também a qualificação profissional, o que obriga algumas pessoas a inserir-se no mercado informal. Os provenientes de outras cidades vêm no setor informal, uma possibilidade de sobreviver em Campina Grande, já que o mercado formal está cada dia mais exigente, e como estes apresentam pouca ou nenhuma qualificação, tornam-se uma mão de obra barata nas indústrias calçadistas.

Com relação à média de idade para cada faixa etária (jovem, adulto e idoso), fundamentou-se no padrão estabelecido pelo IBGE, em que de 0 a 19 anos, considera-se jovem, de 20 a 59, adulto e acima de 59 anos, idoso.

Assim, ao tratar da faixa etária dos proprietários e funcionários das indústrias de calçados, constatou-se que a maioria está em idade adulta, ou seja, de 20 a 59, anos, o equivalente a 86% para os proprietários e 82% para os funcionários (Tabela 6 e 7).

Ao que concerne aos idosos, pessoas a partir de 60 anos, estes representam a minoria, entre os donos, com 14%, e os operários das fábricas informais, com 4%. Já, com relação à

presença de jovens, nas indústrias calçadistas, tem-se a representação destes, apenas como funcionários, um total de 14%, fato observado nas tabelas 6 e 7.

Portanto, a proeminência de funcionários em idade adulta, deve-se ao fato da atividade calçadista informal ter que se dispensar de um grande esforço físico, já que o ritmo de trabalho é intenso, e as pessoas idosas, já não dispõem de tanto vigor. E, quanto à presença de jovens, estes representam uma mão de obra barata, que se inserem na atividade informal, para ajudar no sustendo da família. Com relação aos proprietários, o destaque da faixa etária adulta em detrimento da idosa, também decorre do ritmo de trabalho nas indústrias, em virtude da maioria dos proprietários, também trabalharem no chão de fábrica.

Tabela 6 – Faixa Etária dos Proprietários das Indústrias de Calçados Informais

Idade dos Proprietários	Quantidade	Porcentagem
20 a 29	4	8
30 a 39	9	18
40 a 49	13	25
50 a 59	18	35
60 a +	7	14
Total:	51	100

Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

Tabela 7 – Faixa Etária dos Funcionários das Indústrias de Calçados Informais

Idade dos Funcionários	Quantidade	Porcentagem
10 a 19	25	14
20 a 29	55	30
30 a 39	56	30
40 a 49	23	12
50 a 59	19	10
60 a +	8	4
Total:	186	100

Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

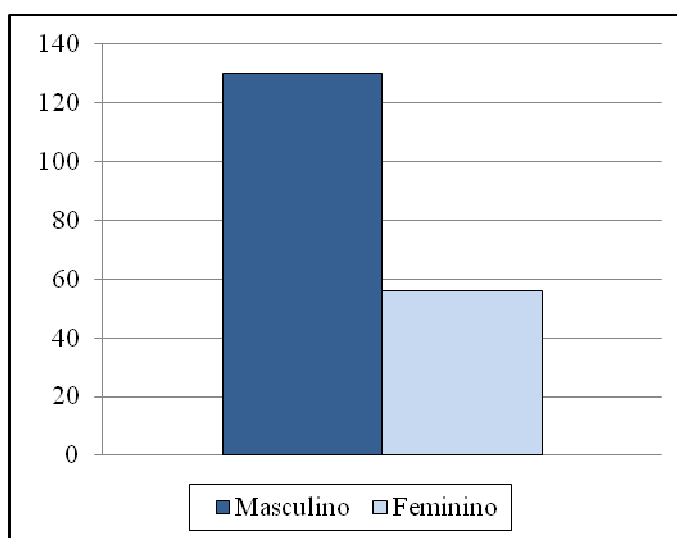
A maioria das indústrias estudadas é administrada por homens, um total de 50, o equivalente a 98% e, quanto à participação feminina, constatou-se apenas uma mulher, com

um percentual de 2%. O que demonstra a pequena participação feminina no que corresponde ao cargo de proprietária da indústria.

A presença masculina no trabalho de sapateiro é mais que o dobro da feminina, com o total de 130 homens, o que representa 70%, e 56 mulheres, o que equivale a 30%, o que comprova, apesar da presença considerável da mão de obra feminina, que a masculina encontra-se em número superior de acordo com o gráfico 14, pois este sempre foi um serviço masculino e rústico.

Quanto à participação do trabalho feminino e dos jovens nas indústrias de calçados informais, percebe-se uma população considerável, embora que ainda pequena, se comparada a dos homens adultos “[...] a forte incorporação de mulheres ao mercado de trabalho a partir de 1990, juntamente com o eventual aumento de jovens que se dispôs a trabalhar, fez com que o crescimento da PEA fosse superior ao da população” (DUPAS, 1999, p. 130 e131).

Gráfico 14 – Gênero dos Funcionários das Indústrias



Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

No que tange ao nível de instrução dos proprietários das indústrias, constatou-se que 61%, ou seja, a maioria, não tem sequer o Ensino Fundamental Completo ³³, o que torna evidente o baixo grau de escolaridade dos donos das fábricas. Apenas 2 % concluíram o Ensino Superior e 19% terminou o Ensino Médio, o que demonstra que poucos apresentam um grau considerável de escolaridade, essenciais para gerir um empreendimento conforme a tabela 8 abaixo:

³³ Estatística obtida a partir do somatório dos níveis de instrução da Tabela 8, inferiores ao Ensino Fundamental Completo.

Tabela 8 – Nível de Instrução dos Proprietários das Indústrias de Calçados Informais

Nível de Instrução	Quantidade	Porcentagem (%)
Ensino Fundamental Completo	6	12
Ensino Fundamental Incompleto	31	61
Ensino Médio Completo	10	19
Ensino Médio Incompleto	2	4
Ler e escreve, mas nunca foi à escola	1	2
Superior Completo	1	2
Total:	51	100

Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

Os funcionários das fábricas também apresentam um baixo nível de instrução, assim como os proprietários, a maioria, o equivalente a 58%, não concluiu o Ensino Fundamental Completo³⁴, e, apenas 17% tem o Ensino Médio Completo. Todavia, estes apresentam a presença de analfabetos, um total de 3% e a ausência de pessoas com Ensino Superior, fato observado na tabela 9.

Tais dados comprovam que os funcionários das fábricas quanto ao nível escolar, possuem uma realidade muito precária, o que os torna uma mão de obra barata, pela falta de escolaridade, além da oferta de emprego ser bem menor do que a procura, e aqueles que apresentam certa escolaridade para sobreviver sujeitam-se a esse tipo de trabalho.

Tabela 9 – Nível de Instrução dos Funcionários das Indústrias de Calçados Informais

Nível de Instrução	Quantidade	Porcentagem (%)
Ensino Fundamental Completo	15	8
Ensino Fundamental Incompleto	106	57
Ensino Médio Completo	32	17
Ensino Médio Incompleto	26	14
Analfabeto	5	3
Alfabetização	2	1
Total:	186	100

Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

³⁴ Estatística obtida a partir do somatório dos níveis de instrução da Tabela 9, inferiores ao Ensino Fundamental Completo.

O percentual dos funcionários que estudam é superior aos dos proprietários, 10% em detrimento de 4%, um dos proprietários faz um curso na área de calçados e o outro não respondeu, já no universo dos funcionários tem-se estudante do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

A realidade, quanto ao nível de instrução, das pessoas inseridas na atividade industrial em Campina Grande, não difere quanto a nível estadual, pois Fonigalland (2006, p.17) mostra que:

Não obstante os avanços no quadro socioeconômico, o desempenho da economia não foi suficiente para modificar de forma substancial os indicadores de pobreza estadual. O mercado de trabalho paraibano apresenta-se como intensivo em trabalho precário e com um representativo contingente de ocupações com baixos níveis de escolaridade. Por outro lado, o grau de informalidade do mercado de trabalho é bastante elevado.

Com relação ao estado civil das pessoas inseridas no setor calçadista informal, constatou-se que 96% dos proprietários das indústrias são casados e, há apenas 4% solteiros. Quanto aos funcionários, a maior parte destes (52%), assim como os proprietários, são casados, e 34% solteiros, porém essa categoria apresenta pessoas divorciadas, um total de 12% e viúvas, uma porcentagem de 2%. Deste modo, tanto os funcionários quanto os proprietários das fábricas apresentam um número superior de casados em detrimento dos solteiros, e muitos estão neste ramo, além da tradição familiar, que é bastante marcante, por apresentar a necessidade de amparar as famílias e, os solteiros, para auxílio dos pais.

No tocante as pessoas que residem com os proprietários e funcionários das fábricas de calçados, verificou-se que 96% dos proprietários e 73% dos operários apresentam núcleo familiar, ou seja, moram com suas respectivas esposas e filhos. Já um percentual de 4% dos donos e 20% dos funcionários reside com os pais, por serem solteiros. Todavia, diferente dos donos das fábricas, há operários que moram sós, um percentual de 6%, uma vez que estes são solteiros e saíram da casa de seus pais, e 1% responderam que residem com outros, mas não especificaram.

Por outro lado, ao se comparar a situação habitacional das pessoas inseridas na atividade calçadista, constatou-se que 80% dos proprietários têm casa própria, ou seja, a maior parte, contra 20% que residem em casa alugada. Todavia, apesar 72% dos funcionários residirem em casa própria e 28% alugadas, as condições de habitação dos operários são bem inferiores se comparadas com as dos donos das fábricas.

Ao tratar sobre o tempo de trabalho das pessoas inseridas na atividade de fabricação de calçados, constatou-se que a maioria dos proprietários das indústrias, o equivalente a 37%, abriram as fábricas no máximo há três anos, todavia há um percentual de 18% que instalaram as indústrias de 8 a 11 anos e de 20 anos acima, explicando que apesar do mercado incerto muitas permanecem (Tabela 10).

Tabela 10 – Tempo de Trabalho dos Proprietários nas Fábricas de Calçados Informais

Tempo de Trabalho na Fábrica (Anos)	Quantidade	Porcentagem (%)
0 a 3	19	37
4 a 7	10	19
8 a 11	9	18
12 a 15	1	2
16 a 19	3	6
20 a +	9	18
Total:	51	100

Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

A seguir, a tabela 11 mostra que ao concernente aos funcionários, 74%, ou seja, a maior parte, tem de 0 a 3 anos de trabalho na fábrica. É importante salientar, que o equivalente a 111 que estão inseridas nesse intervalo tem menos de um ano na fábrica, pois muitas indústrias quando não tem demanda fecham suas portas e os funcionários migram para outras. Tal fato foi comprovado em pesquisa de campo, quando se visitou duas indústrias que apresentavam funcionários que estavam presentes em outras fábricas, o que comprova a rotatividade em algumas delas.

Tabela 11 – Tempo de Trabalho dos Funcionários nas Fábricas de Calçados Informais

Tempo de Trabalho na Fábrica (Anos)	Quantidade	Porcentagem (%)
0 a 3	138	74
4 a 7	22	12
8 a 11	14	7
12 a 15	5	3
16 a 19	1	1
20 a +	4	2
Não Respondeu	2	1
Total:	186	100

Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

As tabelas 10 e 11 esclarecem que as indústrias de calçados informais são trabalhos em sua maioria instáveis, pois pelo tempo de trabalho dos proprietários das indústrias e o tempo dos funcionários, fica evidente, que apenas um pequeno número apresenta “estabilidade”, já que a informalidade é uma particularidade de estabelecimentos que não dão estabilidades pela marginalidade que sustenta.

Quanto às tarefas desempenhadas pelos proprietários e funcionários das fábricas calçadistas, tem-se que a maioria dos proprietários realiza todas as funções, fato importante, pois se um funcionário faltar este o substitui. Em seguida, estão os patrões, que apenas administram, ou seja, não sabem fazer nenhuma das funções do chão de fábrica, e fica a mercê dos operários, depois estão os que realizam a função de solador, isto é, por solas em calçados, ou trabalham com as vendas.

Por fim, a minoria realiza a função de apalizador, cortador ou modelador: o primeiro é o conhecido costureiro; o segundo exerce a primeira função no processo produtivo dos calçados, que é cortar os moldes; e o último trabalha mais com a parte artística, que é desenvolver o modelo dos calçados. Vale salientar que os que desempenham apenas uma função ficam sujeitos também aos operários e o vendedor igualmente.

Diferente dos proprietários, a maioria dos funcionários executa apenas uma função, dentre as quais estão as de apalizador, montador, acabamento, solador, cortador e emassador e, a minoria realiza todas as etapas de confecção de um calçado, ou seja, são polivalentes. Tais profissionais são muito importantes para as fábricas, pois diminuem os riscos de parar a produção.

Com relação às horas de trabalho dos indivíduos inseridos no setor calçadista informal, as tabelas 12 e 13 mostram que a maioria, trabalha de 8 a 9 horas por dia, um total de 63% dos proprietários e, o equivalente a 73% dos funcionários. Entretanto, há uma parcela considerável desses indivíduos, que trabalha 10 horas ou mais ao dia, um total de 29% para os proprietários e, 18% para os funcionários. É importante salientar, que há donos de fábricas que chegam a trabalhar 17h, e quanto aos funcionários, o máximo que se encontrou foi 13 horas, o que é de encontro à lei, pois o estabelecido são 8 horas diárias.

Ainda pode-se notar que, há pessoas cuja rotina é menor ou igual a sete horas, um percentual de 8%, para os donos das fábricas, por serem vendedores e precisar ausentar-se das fábricas, ou por confiar à fábrica a um gerente. Quanto aos funcionários, tem-se um percentual de 8%, estes, são representados por filhos, sobrinhos ou esposas dos proprietários.

Compete destacar que, no século XIX, as oito horas de trabalho diário já havia sido posta em regra, porém existiam países com jornadas de doze a quatorze horas diárias para adultos e crianças (CARMO, 1994).

Tabela 12: Horas de Trabalho Diária dos Proprietários das Indústrias Calçadistas

Horas	Quantidade	Porcentagem (%)
6 a 7	2	4
8 a 9	32	63
10 a +	15	29
Nenhuma	2	4
Total:	51	100

Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

Tabela 13: Horas de Trabalho Diária dos Funcionários das Indústrias Calçadistas

Horas	Quantidade	Porcentagem (%)
2 a 3	1	1
4 a 5	1	1
6 a 7	11	6
8 a 9	137	73
10 a +	35	18
Não Respondeu	1	1
Total:	186	100

Fonte: Pesquisa Direta – Maio a Outubro de 2010.

Todavia, as horas de trabalho, tanto dos proprietários quanto dos funcionários, podem ser ampliadas, dependendo da demanda. Assim, verificou-se que a maior parte dos proprietários, um total de 63% e, funcionários, o equivalente a 70%, amplia sua jornada em duas horas; os demais, correspondem aos que trabalham até uma hora; e mais de duas horas, não trabalham ou não responderam. Realidade esta, que comprova o quanto o setor calçadista, principalmente o informal é desgastante, e o pior é que não há nenhuma segurança quanto ao trabalho.

Convém destacar, que não obstante as longas jornadas de trabalho, a maioria, o equivalente a 57% dos proprietários, e 59% dos funcionários, trabalham até em feriado, pois

“[...] férias, feriados e fins de semana do trabalhador informal têm sabor de renúncia de renda, e não mais de dinheiro adquirido” (DUPAS, 1999, p. 136).

Além disso, verificou-se que a maioria dos proprietários e funcionários das fábricas informais, trabalha de segunda à sexta, porém há aqueles que trabalham até no final de semana, dependendo da demanda.

Ao tratar da renda das pessoas inseridas na atividade de produção de calçados, tem-se que a maior parte dos proprietários das indústrias, o equivalente a 39%, ou seja, quase quarenta por cento, tem uma renda de mais de dois salários mínimos, o que expõe que grande parte tem um salário considerável, não obstante a sazonalidade do setor. Logo, 23% dos donos das fábricas têm uma renda de mais de um salário mínimo, e 22%, ganham um salário mínimo, tais rendimentos podem não sanar as necessidades de sobrevivência, sobretudo porque a atividade calçadista é instável e a maioria dos proprietários das fábricas apresenta um núcleo familiar em que seu salário é a principal fonte de renda.

O equivalente a 8%, não têm uma média exata, resposta em decorrência da instabilidade da atividade calçadista informal em Campina Grande. Por último, os que ganham menos de um salário mínimo e dois salários mínimos, com 4% para cada, o primeiro dar a conhecer que a realidade dos proprietários é tão instável quanto à dos funcionários e, a segunda, que este tem uma situação razoável.

Diferente dos proprietários, a maioria dos funcionários ganha um salário mínimo, um total de 54%, média salarial estabelecida pelo governo. Entretanto, muitos operários contribuem para o sustento familiar, o que implica que esta renda é insuficiente para que estes tenham boas condições de vida, e principalmente por ser um trabalho informal, onde não há direitos trabalhistas. Em seguida, estão os que ganham mais de um salário mínimo, com 23%, renda ainda insuficiente para sobreviver dignamente; já, 20% correspondem aos que ganham menos de um salário mínimo, representados principalmente por jovens que trabalham para ajudar no sustento familiar, e posteriormente os que têm um rendimento de dois salários mínimos e mais de dois salários mínimos, com uma porcentagem de 1% para cada um. Todavia, apesar destas duas últimas rendas serem consideráveis comparadas as anteriores, estas dependem também da demanda; e com 1%, os que não têm uma média.

Ao correlacionar a realidade salarial dos funcionários com a dos proprietários, constatou-se que os proprietários, em sua maioria, ganham mais de dois salários mínimos, e os funcionários um salário mínimo, o que demonstra uma melhor condição financeira dentre a maioria. Além disso, há um percentual de funcionários e proprietários que ganham menos de um salário mínimo, todavia esta realidade é mais expressiva entre os funcionários.

Segundo Silva (2006, p. 203),

O excesso de mão-de-obra induz à competição baseada em baixos salários, mas do que a baseada em inovação e melhoria da qualidade. Como as empresas, geralmente, têm oferecido maiores oportunidades de emprego para trabalhadores não qualificados, como estratégia para redução de custos e elevação da competitividade no mercado...

Todavia, a renda das pessoas que trabalham nas indústrias informais pode ser: fixa, por produção ou mista. A porcentagem de proprietários que tem uma remuneração por produção é superior aos que um salário fixo: o primeiro com 96% e o segundo com 4%, o que demonstra uma instabilidade.

Diferente dos proprietários, os funcionários apresentam, em sua maioria, pessoas que tem um salário fixo, o equivalente a 53%, em seguida com 46% os que recebem de acordo com a sua produção e, com 1% os que têm uma remuneração mista, ou seja, tem um salário fixo e se trabalhar mais, ganha um extra. Estatísticas comprovam que apesar da maioria receber um salário fixo, os que recebem por produção apresentam um percentual muito próximo, e com o mercado instável, provoca insegurança.

Através dos dados apresentados, fica claro que os funcionários das fábricas informais só recebem salário se trabalharem, ou seja, "... o trabalhador e suas propriedades humanas só existem para o capital. Se ele não tem trabalho, não tem salário, não tem existência" (OLIVEIRA, QUINTANEIRO, 2002, p. 53), essa situação é um marco da flexibilização do trabalho, que torna cada dia mais instável a situação do empregado.

Todavia, apesar da instabilidade, o setor informal tem sua representatividade na cidade de Campina Grande-PB, principalmente no que diz respeito à quantidade de indústrias, ao salário pago aos funcionários e a produção. Porém quanto à empregabilidade, este não tem grande destaque, já que a maioria das fábricas é de pequeno porte, não obstante a circulação de calçados a nível nacional, regional, estadual e local.

De acordo com Kehrle e Moutinho (2003), o setor informal na cidade apresentava uma produção de 1.039.68 pares anuais de calçados e, o salário médio pago de 1,3 salários mínimo, o que não difere extremamente daquele pago nas grandes indústrias, todavia, a informalidade retira das fábricas a carga previdenciária, o torna relativamente nas indústrias formais o custo da mão de obra empregada ainda menor.

Quanto às características do circuito inferior da economia urbana, é vislumbrado o trabalho informal, o trabalho quanto fator fundamental, a pequena produção manufatureira, o

trabalho realizado em casa, a falta de qualificação profissional, notória a partir da baixa escolaridade dos envolvidos nessa atividade, além do número mínimo de pessoas com curso profissionalizante e superior, o fato das indústrias serem pequenas, o trabalho familiar, embora nem todas apresentem apenas pessoas da família trabalhando, há uma mistura, o trabalho intensivo, em decorrência das longas jornadas, dentre outras.

3.3 Processo de Produção do Tênis

Para efeito de conhecimento, apresenta-se o processo de produção, no caso o do tênis em uma fábrica informal. Este é dividido praticamente em quatro fases: o corte, o pesponto, a montagem e o acabamento. Entretanto, antes das etapas de fabricação, há a modelagem, quando são determinados os modelos e os materiais a serem utilizados na fabricação do tênis. Ao partir para a fabricação, é realizado inicialmente o corte dos moldes³⁵, concretizado no Balancim³⁶, etapa que define o tamanho dos calçados conforme se pode vê nas figuras 18 e 19 abaixo:

³⁵ O material utilizado é o tecido.

³⁶ Máquina de Corte.

Figura 18 – Corte dos Moldes

Fonte: Maria do Socorro Nicolly
Ribeiro de Almeida. Abril de 2011.

Figura 19 – Moldes dos Calçados Cortados

Fonte: Maria do Socorro Nicolly
Ribeiro de Almeida. Abril de 2011.

Depois que os moldes são cortados, inicia-se o processo de preparação, que é uma sub-etapa do pesponto. O primeiro passo consiste na junção e colagem da borracha no sintético, conforme mostra a figura 20 abaixo, para em seguida pespontá-los na máquina de costura fato demonstrado na figura 21.

Figura 20 – Junção e Colagem da Borracha no Sintético

Fonte: Maria do Socorro Nicolly
Ribeiro de Almeida. Abril de 2011.

Figura 21 – Costura da Borracha no Sintético

Fonte: Maria do Socorro Nicolly
Ribeiro de Almeida. Abril de 2011.

Sequencialmente retorna-se a preparação, para colar o forro (Figura 22), se encaixa a língua (Figura 23), e em seguida, pesponta-se o bico na máquina de costura e a palmilha interna na peça, com a utilização da máquina de palmilhar, com isso o cabedal está pronto (Figura 24, 25 e 26).

Figura 22 – Colagem do Forro



Fonte: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida. Abril de 2011.

Figura 23 – Encaixe da Língua



Fonte: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida. Abril de 2011.

Figura 24 – Máquinas de Costura



Fonte: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida. Abril de 2011.

Figura 25 – Máquina de Palmilhar



Fonte: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida. Abril de 2011.

Figura 26 – Bico e a Palmilha Costurados



Fonte: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida. Abril de 2011.

Após o pesponto, isto é, a costura, tem-se a montagem do calçado: primeiramente, coloca o cabedal em uma estufa, com a finalidade de amolecer o material; a seguir, põe-se a forma dentro do cabedal e para encaixá-lo, usa-se a máquina de ensacar (Figura 27).

Figura 27 – Máquina de Ensacar a Fôrma ao Cabedal



Fonte: Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida. Abril de 2011.

Em seguida, é pregado o solado no cabedal (Figura 28) e o calçado é direcionado ao acabamento, que consiste em retirar restos de linhas, colas e sujeiras, anexar à palmilha externa ao tênis e por fim encaixá-lo (Figura 29).

Figura 28 – Solado Encaixado

Fonte: Maria do Socorro Nicolly
Ribeiro de Almeida. Abril de 2011.

Figura29 – Acabamento

Fonte: Maria do Socorro Nicolly
Ribeiro de Almeida. Abril de 2011.

Diante do panorama apresentado, fica evidente a falta de equipamentos de segurança na fabricação de calçados, não apenas nesta indústria, mas na maioria, o que pode resultar em acidentes de trabalho, e já que os funcionários são informais, ficam prejudicados por não terem direitos trabalhistas.

Além disso, pode-se destacar a precariedade das máquinas em grande parte das fabriquetas informais pesquisadas, e a ampla utilização do trabalho manual no processo produtivo, todavia, há fábricas em condições inferiores a analisada. Em virtude dessa situação, as indústrias informais representam um atraso dentro do modo de produção atual, firmado na alta tecnologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de se aproximar da conclusão deste trabalho, busca-se nestas considerações tatear alguns elementos para a análise do presente e do futuro da realidade calçadista informal campinense.

Não obstante, a presença de indústrias com equipamentos sofisticados, a estrutura tecnológica da maior parte das fábricas formais no setor calçadista campinense não se apresentam adequados á vertente tecnológica de produção aos moldes do paradigma flexível.

No que tange as micro e pequenas indústrias marginais e centro da análise desta pesquisa, contatou-se a existência de indústrias informais que utilizam apenas ferramentas simples e máquinas básicas de costura para fabricação de calçados, o que implica que a maior parte da produção é manual.

A estrutura marginal do processo produtivo pode ser compreendida pela média de idade das máquinas ou de equipamentos que é de 14 anos de uso. Outro dado interessante da realidade presente é a carência de máquinas de uso básico na fabricação de calçados. Atinge a 39,5 %, o número de indústrias que não possuem o “balancim”, uma máquina básica empregada no processo de fabricação de calçados³⁷.

Objetivamente, a tecnologia das indústrias informais dá lugar à mão de obra intensiva, ao trabalho manual e a utilização de máquinas ultrapassadas, de ferramentas simples. A contabilidade se faz pela velha caderneta ou a boa memória do proprietário, bem longe de algo parecido com um computador.

Analisando a estrutura calçadista informal campinense ou mesmo sua perspectiva, poderia se imaginar a inexistência de ações que buscassem por várias vias, interferir e reorientar a estrutura técnico-produtiva e organizacional do setor. O fato identificado na literatura e comprovado empiricamente remete esta análise a quatro processos merecedores de destaque e que já poderiam ter alterado essa realidade então identificada. São eles: o Centro de Tecnologia do Couro e do Calçados Albano Franco – CTCC/SENAI, o Projeto Arranjo Produtivo Local de Calçados e Afins do SEBRAE/PB e o Centro de Produção de Calçados – o “Fabricão”.

³⁷ Ver este questão em Rocha, 2003 *apud* Kehrle & Romani, 2001.

O Centro de Tecnologia do Couro e do Calçados Albano Franco (CTCC), estabelecido em 1994, aparece como referência no setor industrial de calçados do município, o qual reflete as suas obras em segmentos especializados, como: habitat de estudo e pesquisas, aprendizagem e capacitação, arrojo e inovação tecnológica.³⁸

Atualmente o CTCC é equipado por cinco laboratórios: de *design*; de CAD/CAM para *design* de produtos, computação gráfica, programação visual e desenvolvimento de embalagens e marcas, que atende aos setores de processamento de couros e peles, físico-mecânico; envolve ensaios na cadeia do couro ao calçado bem como de química e efluente. O CTCC ainda está envolvido no acordo de cooperação com o Sebrae, Senai e a agência alemã GTZ no programa Competir, para exercício e transferência de tecnologia no setor de couro e calçados.³⁹

Todavia, CTCC apresenta algumas limitações, como: problemas de adequação das noções e ferramentas da *Qualidade Total* nos processos produtivos de modo tradicional e no processo de educação para os cursos do setor de couro e calçados, precário estoque bibliográfico especializado no setor de couros e calçado, dificuldades entrada de estagiários e egressos dos extintos cursos técnicos no mercado de trabalho, problema de modernização tecnológica das máquinas e instrumentos que servem de base para o aprendizado.⁴⁰

É nítida a necessidade de uma articulação mais direta e focada nos micro e pequenos empreendimentos, especialmente os informais. Se existem reclamações de parte a parte: como a falta de ânimo dos empresários em relação ao aperfeiçoamento de seus produtos bem como a carência de maior atenção por parte das instituições promotoras capazes de enxergar com outros olhos as dificuldades do setor produtivo local, é sinal que algo neste processo não está caminhando e nem beneficiando os agentes envolvidos.

Diante de uma constatação como a desta pesquisa, não dá simplesmente para aceitar que raros são os empresários que se utilizam de benefícios do centro, com a argumentação de que o CTCC não é apropriado às necessidades, em termos de pessoal habilitado e de equipamentos atualizados. Também não é coerente admitir que determinadas empresas não tivessem a oportunidade de se aproximar por não sentirem necessidade de auxílio tecnológico ou mesmo por falta de conhecimento de suas próprias necessidades.

³⁸ Ver sobre este assunto em Farias, 2009.

³⁹ Conferir este assunto em Lemos e Palhano, 2000.

⁴⁰ Estas informações podem ser observadas em Oliveira e Pereira, 2009.

Ante esse panorama, pode-se afirmar que a falta de interesse dos empresários no Centro de Tecnologia do Couro e do Calçados Albano Franco – CTCC dar-se-á, dentre outros motivos, em virtude da cultura tradicional da maioria dos produtores de calçados da cidade de Campina Grande, que tem resistência a mudanças, bem como da incapacidade dos responsáveis pelo CTCC de adquirir a linguagem acessível e motivadora capaz de alterar a realidade encontrada.

Um projeto⁴¹ de natureza transformadora e que poderia mudar o quadro da estrutura calçadista campinense teve a denominação de SEBRAE/BID/Promos. Este teve por base a perspectiva de desenvolvimento de distritos industriais brasileiros, através de um trabalho de cooperação técnico-financeiro entre o SEBRAE, Banco Interamericano de Desenvolvimento e a Agência Promos, da Câmara de Comércio de Milão, na Itália. Desde 2002, o projeto desenvolveu-se em quatro estados, Paraíba, Rio de Janeiro, Sergipe e Pará. Na Paraíba, a empreendimento visou promover a reestruturação do Polo Calçadista nos moldes dos modernos clusters (grupos) empresariais. A tarefa promoveu ações de desenvolvimento da cadeia produtiva e procurou saídas para as questões ligadas à logística, tecnologia, qualificação da mão de obra, design e concepção de novos produtos, além da capacitação gerencial e organizativa das empresas⁴².

O projeto permaneceu ativo durante quatro anos (2002 a 2006) e, conseguiu propiciar benefícios apenas para o setor formal, favorecido com assistência técnica e consultoria, além da possibilidade, por parte de alguns proprietários, de exporem seus produtos em feiras no exterior. Quanto aos produtores informais, estes passaram ao largo, pois sequer tiveram qualquer linha de crédito para participar de feiras ou compras de novos equipamentos⁴³.

A idéia do cluster ou arranjo produtivo que tem por concepção um aglomerado de indústrias estreitamente relacionadas (por relações de compra/venda, troca de informações e transferência de tecnologia e cooperação/competição) e outras entidades essenciais para a

⁴¹ Em estudo concretizado no período de 2002 e 2003 pelo SEBRAE (2006), em sociedade com a UFPB e UFCG, como obra do projeto *Promos/SEBRAE/ BID*, considerou-se a existência de três arranjos produtivos no setor coureiro-calçadista da Paraíba: da Grande João Pessoa; de Campina Grande; e de Patos. Além desses espaços, a existência de outras unidades produtivas em áreas não contínuas e exteriores dos três arranjos produtivos citados, com muito menor importância. Comprovou-se, que a maioria das fábricas funciona em espaços residenciais; não usa o *CTCC/SENAI*, em geral, como fundamento de apoio técnico; o enorme problema de capitalização do setor incide do custo de intermediação comercial, que a existência dos “atravessadores” provoca; dentre os fundamentais recursos disponíveis para a média dos empreendimentos está à habilidade manual; uma inovação é o que o *design* tem sido congregado como uma atividade importante dos empreendimentos, abrindo-se com isso uma probabilidade de melhorar sua competitividade nos mercados nacional e internacional (OLIVEIRA; PEREIRA, 2009).

⁴² Estas informações podem ser encontradas em Ascom, 2006.

⁴³ Entrevista com FELINTO, Neto (2011).

capacitação competitiva⁴⁴, seria para a realidade calçadista campinense um processo que poderia evoluir positivamente.

Mas não o foi. Muito distante disso a estrutura de calçados de Campina Grande não evoluiu para uma estrutura de organização industrial que se poderia designar de Cluster. Muito embora tivesse ou como ainda tenha as potencialidades, naturalmente acumuladas ao longo de sua história, diversos fatores estruturais das organizações e de ordem socioeconômica não propiciaram um desenvolvimento econômico com eficiência bastante para garantir o crescimento da indústria local com sustentabilidade. O arranjo produtivo de Campina Grande reúne condições para ser considerado um cluster em potencial, ou seja, existe uma vantajosa estrutura instalada, além de fatores socioculturais que são pressupostos para a formação de um arranjo com o nível de eficiência de um cluster⁴⁵.

Um dos exemplos de que este braço institucional em apoio à estrutura calçadista informal não tenha dado certo vem do exemplo denominado de “Fabricão”, ou seja, uma estrutura de produção de calçados criada em 1990 pela prefeitura, para se agrupar produtores informais.

Com o passar dos anos, as dificuldades para aquisição de crédito, compra de insumos e comercialização da produção, fez com que o espaço não obtivesse êxito, realizaram-se tentativas de formar uma cooperativa para viabilizar a produção, mas, os produtores não cumpriram as exigências burocráticas e legais⁴⁶.

A despeito destes assuntos, pelo menos uma empresa expandiu em 1990, chegando a ter cerca de 80 funcionários com comercialização para outras regiões do país. Todavia, entrou em crise recentemente e fechou as portas. Hoje, estão sendo subcontratados para uma grande empresa em Pernambuco⁴⁷.

É importante salientar que no início dos anos de 1990, o Fabricão contou com a ajuda do projeto SEBRAE/BIB/Promos, que desempenhou no período de um ano consultorias em

⁴⁴ Ver este assunto em Une e Prochnik (1999).

⁴⁵ Dentre os embates a formação do cluster na cidade de Campina Grande, na época do projeto, tem-se o elevado contingente de produtores de calçados informais. Além da informalidade, pode-se citar: dificuldade de assistência técnica; inadequação do crédito financeiro; distância dos centros fornecedores de matérias-primas e componentes e; distância dos centros fornecedores de máquinas e equipamentos. Todavia Campina Grande apresenta pontos positivos, tais como localização geográfica e estrutura de entrada a todo o país; infra-estrutura - energia elétrica, água, telecomunicações; serviços de transporte-rodoviário, ferroviário, aeroviário e portuário; serviços de capacitação de mão de obra; sistema de Ciência & Tecnologia (universidades, centros tecnológicos, SENAI) e; programas de apoio governamental e institucional (ROCHA, 2003). Todavia a realidade atual não é distinta, apesar dos mecanismos de formalização hoje estarem mais evidentes.

⁴⁶ Conferir este assunto em Lemos e Palhano, 2000.

⁴⁷ Ver sobre este aspecto e com maior detalhe em Lemos e Palhano (2000).

gestão e processos produtivos, cursos de aperfeiçoamento e patrocinou a participação dos fabricantes envolvidos em feiras e eventos do setor⁴⁸.

Hoje, este espaço, quanto à indústria de calçados conta com sete estabelecimentos, que produzem sapatos, sandálias, tênis, sapatênis e chinelão, tem uma média de 5 operários por indústria, os quais apresentam um baixo nível de escolarização e qualificação profissional.

Durante a pesquisa ao Fabricão, constatou-se a dificuldade com relação à demanda em três dos estabelecimentos, não obstante o apoio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

Convém ratificar, que apesar de principal suporte do projeto, a Prefeitura não tem papel determinante. O Centro ainda não tem personalidade jurídica própria. A própria gerência administrativa é desempenhada por pessoa sem vínculo com a administração pública, embora designada pela prefeitura. A Principal forma de contribuição, por parte desta, restringiu-se a doação do espaço físico e a disponibilidade de equipamentos (duas máquinas balancim e uma blaqueadeira)⁴⁹.

Assim, verificasse que o apoio da Prefeitura Municipal de Campina Grande aos micro empresários informais é mínimo, pois diante de uma estrutura com 7 fábricas, disponibiliza apenas 3 máquinas de uso comum, o que é degradante para aqueles que estão inseridos na atividade calçadista do Fabricão.

Atualmente, está em fase de articulação um projeto de cooperação que visa dar apoio, capacitação e reestruturar as empresas estabelecidas no local, que se chama Projeto Ampliação e Reforma do Fabricão, com possível contribuição da Fundação Branco do Brasil, e diversas instituições parceiras como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Paraíba (SEBRAE), o Banco do Brasil, a FIEP/SENAI, o Centro de Produção Mais Limpa – CEPIS, a Rede Paraíba Design e a Prefeitura Municipal.⁵⁰

É bem verdade, que a maior parte das indústrias calçadistas informais da cidade de Campina Grande é atrasada em vários aspectos como os mencionados anteriormente, realidade que persiste, por exemplo, pela falta de capital para investir nas fábricas e políticas públicas eficientes e eficazes.

O anacronismo repercute na sazonalidade da atividade, as fabriquetas realmente se assemelham a gangorras, a fragilidade das fábricas é marcante, a demanda em alguns meses, sujeita os proprietários e os funcionários a uma situação de instabilidade

⁴⁸ Conferir este assunto em Oliveira e Pereira, 2009.

⁴⁹ Ver sobre este assunto em Oliveira e Pereira, 2009 apud Soares, 2007.

⁵⁰ Ver esta questão em Oliveira e Pereira (2009).

Apesar, da existência de ações, que procuram reverter essa situação, seja no que diz respeito ao apoio técnico ou qualificação profissional, o que se constatou é que as políticas públicas, ainda não conseguiram mudar a situação dos produtores de calçados informais, pois, no próprio fabricão, a conjuntura não é satisfatória. Em certas fábricas, é percebida a falta de comunicação entre os produtores, além disso, algumas apresentam pouca demanda, e equipamentos arcaicos, não obstante o apoio do SEBRAE, com palestras e cursos.

Verificou-se que o SEBRAE trabalha atualmente com um Projeto de Arranjo Produtivo Local. No decorrer da pesquisa, realizou-se alguns contatos com a gestora deste projeto, e percebeu-se que há por parte da instituição SEBRAE um conhecimento parcial da escala de indústrias informais na cidade de Campina Grande e que o principal objetivo é a formalização das micro e pequenas indústrias marginais, entretanto o SEBRAE limita-se a proferir palestras e cursos no sentido de aprimorar a situação dos produtores informais.

Contudo, o que os proprietários das fábricas querem e precisam são recursos financeiros para investir nos estabelecimentos em que se localizam. É óbvio que cursos e palestras são importantes, mas sem o capital não há como modificar tal situação.

Assim, para que as indústrias informais da cidade em tela, não diminuam drasticamente, ou infelizmente, estejam fadadas ao desaparecimento, pelas condições tecnológicas e organizacionais, é necessária a implementação eficiente e eficaz de um Projeto para que possam mudar sua realidade informal, além de um verdadeiro apoio governamental as micro e pequenas indústrias informais de calçados.

Desta forma esta pesquisa procurou retratar a realidade das indústrias calçadistas informais de Campina Grande e através da geografia, particularmente utilizando a realidade formada no circuito inferior da economia capitalista, constatou-se que as estruturas produtivas informais de calçados espelham um espaço social organizado marginalmente. Espaço cujo componente social revela pessoas (produtores e trabalhadores) cujas vidas vão sendo moldadas por este circuito, pessoas, que apesar de organicamente idênticas aos demais trabalhadores formais, paralelamente, garantem o anacronismo necessário ao capital que é sobreviver da e na desigualdade. Sobreviver a expensas de um martírio de situações socioeconômicas que aparecem como válvulas de pressão de um sistema sem alma.

Tal realidade retrata espaços econômicos cuja produção se imiscui no tecido urbano revelando outras subsistências que não as organizadas institucionalmente. Espaços econômicos cujo processo de produção e produto revela a mutação dos fluxos demarcando os fixos de uma cidade em reelaboração constante.

Campina Grande é assim uma cidade que esconde uma realidade como a retratada, onde embora apresente um cenário industrial que se utiliza de uma tecnologia moderna, a mesma submerge outro panorama industrial que contorna uma manufatura primitiva e tradicional.

REFERÊNCIAS

Abicalçados. Associação Brasileira das Indústrias de Calçados. Disponível em: < http://www.abicalcados.com.br/noticias_producao-de-calcados-cresceu-99-por-cento-em-2010.html >. Acesso em: 28 mai. 2011.

ALBUQUERQUE, Hélio Cavalcanti Neto; SILVA, Ricardo Jorge Araújo. **Avaliação do nível de capacidade tecnológica das empresas do apl de calçados de Campina Grande e formulação de um plano estratégico de inovação.** In: XXVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO: a integração de cadeias produtivas com a abordagem da manufatura sustentável. Rio de Janeiro, out. 2008, p.1-14. Disponível em: < http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2008_TN_WIC_076_535_12219.pdf >. Acesso em: 25 mai. 2011.

ALONSO, Sérgio Fernandes. **Da política de industrialização ao polo tecnológico: as transformações na indústria e no trabalho.** (Texto em Discussão), 2010.

ALVES, Janaína da Silva. **Obstáculos e potencialidades à competitividade das micro e pequenas empresas de calçados da Paraíba: um estudo da cooperação, do aprendizado e da inovação.** João Pessoa, 2005. 144f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/EC1D9902A12A0A2B03256FC1005E8BA1/\\$File/NT000A5006.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/EC1D9902A12A0A2B03256FC1005E8BA1/$File/NT000A5006.pdf)>. Acesso em: 22 mai. 2009.

A Inauguração da Estação Velha em 1907. Cessão Jonatas Rodrigues. Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/paraiba/campina.htm>>. Acesso em: 25 out. 2010.

ARANHA, Gervácio Batista. **Trem e empório do algodão em Campina Grande: notas para a história de uma cidade (regionalmente) cosmopolita.** Cadernos Nordeste em Debate. Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba, ano 1, nº1, p. 7-23, 1993.

ASCOM. **Calçando Salto Alto em Inovação Tecnológica.** paraibaonline.com.br, 27 dez. 2006. Disponível em: <<http://www.paraibaonline.com.br/noticia.php?id=227169&ano=2006>>. Acesso em: 25 mai. 2011.

BARRETO, Theo da Rocha. **A precarização do trabalho e da vida dos novos trabalhadores informais: o trabalho flexível nas ruas de Salvador.** 2003. 155f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. cap. 3, p.62. Disponível em: < <http://www.flexibilizacao.ufba.br/MonografiaTheo.pdf> >. Acesso em: 29 mar. 2011.

BRAGUETO, Claudio Roberto. **Classificação das Indústrias,** S/D. Disponível em:<http://www.geo.uel.br/.../claudio/texto_06_classificacao%20das%20industrias.doc>. Acesso em: 28 nov. 2010.

BRANCO, Maria Luisa Gomes Castello. Algumas Considerações Sobre a Identificação de Cidades Médias. In: (org.). SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Cidades Médias: espaços em transição.** São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 89-111.

Calçados e Artefatos Todo setor na web. Couromoda.com. **Exportações de calçados crescem 16,4% até setembro, out. 2010.** Disponível em: <http://www.couromoda.com/index.php?http://www.couromoda.com/noticias/setor_gerais/Gnoticia_3210.html>. Acesso em: 24 mai. 2011.

CÂMARA, Epaminondas. **Datas Campinenses**. 2. ed. Campina Grande: Caravela, 1998.

_____. **Os alicerces de Campina Grande: Esboço Histórico-Social do Povoado e da Vila (1697 a 1864)**. Prefeitura Municipal/Secretaria de Educação/Núcleo Cultural Português. Campina Grande: Caravela, 1999.

CARLOS, Ana Fani A. **Espaço e Indústria**. São Paulo: Contexto, 1992.

CARMO, Paulo Sérgio do. **O trabalho na economia global**. São Paulo: Moderna, 2004.

CAVALCANTE, Clóvis. **Viabilidade do setor informal**. 2.ed. Recife: Massangana, 1983.

COELI, Ligia. **POLO CALÇADISTA EM EXPANSÃO**. CORREIO DA PARAÍBA, Paraíba, 20 mai. 2011. Economia, 01-02.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989 (Série Princípios).

_____. Territorialidade e Corporação: um exemplo. In: (org.) SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura. **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: HUCITEC, 2002, p. 251-256.

COSTA, Antonio Albuquerque de. **Sucessões e Coexistências do Espaço Campinense na sua Inserção ao Meio Técnico-Científico-Informacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo**. 2003. 245f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

DUPAS, Gilberto. **Economia global e exclusão social: pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FARIAS, Angelo Rafael Bezerra de. **Os Homens do Couro: Memórias Poéticas de um Ofício**. Brasília, 2009.

FEITOSA, Cid Olival. **Aglomerações Industriais como Fator de Desenvolvimento Regional: um estudo de caso no Nordeste brasileiro**, 2009, p.1-63. Disponível em: <<http://www.eumed.net/libros/2009a/521/indice.htm>>. Acesso em: 29 mai. 2011.

FERRÃO, João. Indústria e Território: breve história de uma união feliz. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Portugal, n. 22 p. 55-68, abril., 1987.

FIEP, Federação das Indústrias do Estado da Paraíba. **Número das indústrias de couro e calçados do Estado da Paraíba**. 2006.

FIEP. Federação das Indústrias do Estado da Paraíba; IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; RAIS, Relação Anual de Informações. (1920-1980).

FIRKOWSKI, Olga Lúcia Castreghini, SPOSITO, Eliseu Savério. Indústria, Ordenamento do Território e Transportes: A Contribuição de André Fischer. In: (orgs.). FIRKOWSKI, Olga Lúcia Castreghini, SPOSITO, Eliseu Savério. **A Empresa e o Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 61-67.

FONIGALLAND, Isabel Lausanne. A Economia Paraibana: Particularidades e Algumas Discussões Sobre Indicadores de Emprego de 1986 a 2001. In: (orgs.) CAMPOS, Fred Leite Siqueira, TARGINO, Ivan, MOUTINHO, Lúcia Maria Góes. **A Economia Paraibana: Estratégias Competitivas e Políticas Públicas**. João Pessoa: Universitária, 2006, p.15-45.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. 21.ed. rev. Rio de Janeiro: LCT, 1986.

IBGE, População, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 08 jul. 2011.

IBGE, Regiões de Influência das Cidades, 2007, p.86 e 111. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm>>. Acesso em: 11 mar. 2011.

IBGE, Censo Demográfico, 2000.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cadastro Central de Empresa, 2009**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=987&z=p&o=1&i=P>>. Acesso em: 23 mai. 2011.

Jornal da Paraíba. Chegada do trem: da euforia ao descaso, 04 set. 2006. Disponível em: <http://www.newslog.com.br/site/default.asp?TroncoID=907492&SecaoID=508074&SubsecaoID=483908&Template=/artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=926084&Titulo=Chegada%20do%20trem%3A%20da%20euforia%20ao%20descaso>. Acesso em: 24 out. 2010.

KEHRLE, Luiz Rodrigues; MOUTINHO, Lúcia Maria Góes. **Competitividade Presente e Esperada do Arranjo Produtivo de Calçados da Paraíba**. X Encontro Nacional de Economia Política, 2003. Disponível em: <http://www.sep.org.br/artigo/10_congresso_old/xcongresso22.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2011.

LEMOS Cristina; PALHANO, Alexandre. **Arranjo Produtivo Coureiro-Calçadista de Campina Grande-PB**. Projeto de Pesquisa Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as Novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico. Rio de Janeiro, julho de 2000. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/notatec/ntec20.pdf>. Acesso em: 09 out. 2008.

LEMOS Cristina. **Arranjos produtivos locais no Brasil: o caso do arranjo coureiro-calçadista de Campina Grande (PB)**. Parcerias Estratégicas. Brasília, setembro de 2003. Disponível em: <http://www.cgee.org.br>>. Acesso em: 09 out. 2008.

LUNA, Rodrigo de. **Setor calçadista em alta no NE**. CAIS DO PORTO.com, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.caisdoporto.com/v2/listagem-materias-detalle.php?id=35&idMateria=367>>. Acesso em: 28 mai. 2011.

LUNA, Jucelino Pereira; IDALINO, Rosa Emília Araújo. As Novas Configurações da Informalidade e da Precarização: Trabalhadores de Moto-táxi e “Flanelinhas” em Campina Grande. In: (org.) OLIVEIRA, Roberto Vêras de. **Campina Grande em debate. Condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas**. Campina Grande: EDUEP; EDUFPG, 2009, p. 113-134.

Lúcia, 2010. Administradora do Fabricão.

Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, **Perfil do Município**. Disponível em: <[MOREIRA, Ruy. Teses sobre a Geografia do Trabalho. In: **Ciência Geográfica**. AGB, Bauru/SP, Ano 20, v. I, 19 - 23, 2002, p. 04.](http://perfildomunicipio.caged.gov.br/result_perfil.asp?cst=geoagr&uf=pb&mun=25.0400&ano=2008&anomax=2011&mun_sel=%20Campina%20Grandeµreg=%20Campina%20Grande&titulo_setor=Ind%FAstria%20de%20Transforma%E7%E3o&titulo_subsetor=Ind.%20de%20Cal%E7ados&codmicro=25017&tit_col1=Munic%EDpio&tit_col2=UF&v_adm_c1=180&v_adm_c2=401&v_desl_c1=134&v_desl_c2=253&perc_adm=44,89&perc_desl=52,96&v_va_c1=46&v_va_c2=148&v_vr_c1=0,65&v_vr_c2=1,21&v_pr=31,08&v_estoque_total_jan_c1=7982&v_estoque_total_jan_c2=13762&v_estoque_decl_jan_c1=7513&v_estoque_decl_jan_c2=12331&vlpercent_estoque_total_jan=58&vlpercent_estoque_decl_jan=60,93&v_totestab_jan_c1=94&v_totestab_jan_c2=196&vlpercent_totestab_jan=47,96&meses_tit=Jan%20de%202008%20a%20Jan%20de%202008&quadro=1&data_INI=23/05/2011%2010:10:48&idade=&competenciaIni=01_2008&competenciaFim=200801&setor=IND%20TRANSF&subsetor=IND%20CALCADOS&ordenacao=®iao=&qtde=20&tit_mesF=Jan&tit_mesI=Jan>. Acesso em: 23 mai. 2011.</p>
</div>
<div data-bbox=)

OLIVEIRA, Júlio César Mélo. **Campina Grande: A Cidade se Consolida no Século XX**. 2007, 41f. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – Campus I. Disponível em: <http://www.geociencias.ufpb.br/~paulorosa/paginas/trab_acad/trabalhos_acade/Julio/Julio.pdf>. Acesso em: 23 out. 2010.

OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de; QUINTANEIRO, Tânia. Karl Marx. **Um toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

OLIVEIRA, Roberto Vêras de; PEREIRA, Eugenio Vital Neto. Indústria Calçadista, Emprego, Qualificação e Ação Pública em Campina Grande. In: (org.) OLIVEIRA, Roberto Vêras de. **Campina Grande em debate. Condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas**. Campina Grande: EDUEP; EDUFPG, 2009, p. 59-83.

PACHECO, José Wagner Faria. **Curtumes**. São Paulo: CETESB, 2005. Disponível em: <http://www.cetesb.sp.gov.br/tecnologia/producao_limpa/documentos/curtumes.pdf>. Acesso em: 18 set. 2010.

PEREIRA, Willian Eufrásio Nunes. **Reestruturação do setor industrial e transformação do espaço urbano de Campina Grande-PB**. 2008, 360f. Tese (Doutorado em Ciências

Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/rmnatal/teses/tese1.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2010.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

Rais/Caged-1990-2008.

RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2010/04/relembrando-o-curtume-dos-motta.html>>. Acesso em: 07 nov. 2010.

_____. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2010/04/bodocongo-aguas-que-queimam-por-eveline.html>>. Acesso em: 07 nov. 2010.

RODRIGUES, Pollyanna; TORRES, Pablo M. A. **Gestão de Design: diagnóstico sobre o desenvolvimento de produtos no polo calçadista de Campina Grande (PB)**. 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2010. Disponível em: <<http://blogs.anhembí.br/congressodesign/anais/artigos/69665.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2011.

ROCHA, Noab Martins Carvalho. **Uma Análise do Arranjo Produtivo do Pólo Industrial de Calçados de Campina Grande – PB**. Recife, 2003. 91f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Universidade Federal de Pernambuco.

RUAS, Roberto. **O Processo de Trabalho na Indústria de Calçados do Rio Grande do Sul: Observações Preliminares**. Ensaios FEE, Porto Alegre, 5(1) :83-III, 1984. Disponível em: <revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/344/579>. Acesso em: 05 mai. 2011.

SÁ, Maria Braga de. **Algumas considerações sobre o papel de Campina Grande na Rede Urbana Paraibana**. The University of Tsukuba. Ibaraki, Japan. Latin American Studies, 8, 1986.

SANTOS, Milton. **O Espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

_____. O Retorno do Território. In: (org.) SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura. **Território: Globalização e Fragmentação**. São Paulo: HUCITEC, 2002, p. 15-20.

_____. O Dinheiro e o Território. In: (org.) SANTOS, Milton; SILVA, Carlos Alberto Franco da; GONÇALVES, Carlos Walter Porto; BOHRER, Claudio Belmonte de Atahyde; et. al. **Território Territórios**. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia-PPGEO-UFF/AGB, 2002, p.09-15.

_____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

SILVA, José Antônio Rodrigues da. **A globalização e os distritos industriais: a indústria de calçados da Paraíba**. A economia paraibana: estratégias competitivas e políticas públicas. João Pessoa: Universitária, 2006.

SILVA, Geraldo Francisco da Júnior. Campina Grande: Desenvolvimento Histórico no Século XX. In: (org.) OLIVEIRA, Roberto Vêras de. **Campina Grande em debate. Condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas**. Campina Grande: EDUEP; EDUFCG, 2009, p. 11-34.

SOKOLONSKI, Helge Henriette; MONTES, Manuel Lamartin. **Uma Estratégia de Desenvolvimento Sustentável para o Nordeste**. v. 1. n. 1 Disponível em: < http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:JtDKimE8fwEJ:www.integracao.gov.br/download/download.asp%3Fendereco%3D/pdf/estruturahidrica/projeto_aridas/gt4/41GlobalizacaodoEspacoNordestinoManuelLamartineM.pdf%26nome_arquivo%3D41GlobalizacaodoEspacoNordestinoManuelLamartineM.pdf+campina+grandepb+como+centro+regional+na+distribui%C3%A7%C3%A3o+de+bens+e+servi%C3%A7os&cd=10&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 26 nov. 2010.

SOUSA, Luis Gonzaga. **Economia Industrial**. Edición digital a texto completo, 2005. Acesso em: <www.eumed.net/libros/2005/lgs-ei/index.htm>. Acesso em: 12 de jun. 2008.

_____. **Economia, Política e Sociedade**. Edición electrónica, 2006. Disponível em: < <http://www.eumed.net/libros/2006a/lgs-eps/>>. Acesso em: 12 jun. 2008.

SOUZA, Edevaldo Aparecido, PEDON, Nelson Rodrigo Pedon. **TERRITÓRIO E IDENTIDADE**. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas Três Lagoas - MS, V 1 – n.º6 - ano 4, Novembro de 2007. Disponível em:< www.ceul.ufms.br/revista-geo/artigo6_EdevaldoS._e_NelsonP..pdf>. Acesso em: 03 mai. 2011.

SPOSITO, Eliseu Savério. A Teoria dos dois circuitos da economia urbana nos países desenvolvidos: seu esquecimento ou sua superação. In:_____. Caderno Prudentino de Geografia, N. 21. ISSN 1413-4551. **Geografia, Cidade e Geopolítica**. Associação de Geógrafos Brasileiros – AGB. Presidente Prudente, SP, Julho de 1999, p. 43-51.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

UNE, Maurício Yoshinori; Prochnik; Victor. **Desafios para a Nova Cadeia de Calçados Nordestina**, dez. 1999, 1-74. Disponível em:< www.ie.ufrj.br/cadeiasprodutivas/.../desafios_para_a_nova_cadeia_de_calcados_nordestinos.pdf >. Acesso em: 29 mai. 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A
ENTREVISTA
PROPRIETÁRIOS DAS INDÚSTRIAS

01) QUANDO A FÁBRICA ENTROU EM FUNCIONAMENTO?

02) O PORQUÊ DESTA INDÚSTRIA EM CAMPINA GRANDE?

03) QUAL MATÉRIA-PRIMA É UTILIZADA E SUA ORIGEM?

04) NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE TEM CURTUME? SE A RESPOSTA FOR AFIRMATIVA, QUANTOS?

05) ESTA FONTE DE MATÉRIA-PRIMA É SATISFATÓRIA EM RELAÇÃO AO CUSTO, À QUALIDADE, À QUANTIDADE, AOS PRAZOS DE ENTREGA ALÉM DE OUTROS ASPECTOS? POR QUÊ?

06) QUE TIPO DE CALÇADO É FABRICADO NA SUA INDÚSTRIA (INFANTIL, FEMININO, MASCULINO, SAPATO, SANDÁLIAS CHINELOS, BOTAS).

07) COMO SÃO COMERCIALIZADOS OS PRODUTOS? DETALHAR O PROCESSO DE COMERCIALIZAÇÃO. (VOCÊ EMITE NOTA FISCAL)?

08) A QUE MERCADO SE DESTINA OS PRODUTOS?

() LOCAL

() REGIONAL

() NACIONAL

() INTERNACIONAL

09) QUANTOS FUNCIONÁRIOS TRABALHAM NESTE ESTABELECIMENTO? QUAL O NÚMERO DE TRABALHADORES COM CARTEIRA ASSINADA?

10) HÁ DIFICULDADE DE RECRUTAMENTO DE PESSOAL QUALIFICADO? CASO A REPOSTA SEJA AFIRMATIVA, QUAIS AS DIFICULDADES?

11) A SUA INDÚSTRIA APRESENTA PROBLEMAS DE ROTATIVIDADE? SE A RESPOSTA FOR POSITIVA, QUAIS OS CARGOS COM MAIOR ROTATIVIDADE E OS MOTIVOS?

12) QUAL A PRODUÇÃO DIÁRIA DE CALÇADOS?

13) QUAIS OS PERÍODOS DO ANO DE MAIOR E MENOR PRODUÇÃO?

14) QUEM SÃO OS CONCORRENTES DIRETOS

15) A EMPRESA TEM CONSEGUIDO AMPLIAR SEU MERCADO?

16) COMO A EMPRESA DIVULGA SEUS PRODUTOS?

17) A EMPRESA RECEBE ALGUM TIPO DE INCENTIVO?

() SIM () NÃO

SE A RESPOSTA FOR AFIRMATIVA, QUAIS OS TIPOS DE INCENTIVOS QUE RECEBEM?

18) QUAIS AS PRINCIPAIS DIFICULDADES ENFRENTADAS NESTE RAMO?

19) VOCÊ ACHA QUE ESSA ATIVIDADE CONTRIBUI DE ALGUMA FORMA PARA A CIDADE DE CAMPINA GRANDE? SE A RESPOSTA FOR AFIRMATIVA DE QUE FORMA ELA INTERFERE?

20) QUAL A SITUAÇÃO ATUAL DO RAMO DE CALÇADOS EM CAMPINA GRANDE?

21) VOCÊ TEM CONHECIMENTO SOBRE O SEBRAE? JUSTIFIQUE.

APÊNDICE B
QUESTIONÁRIO
PROPRIETÁRIO E FUNCIONÁRIO DAS INDÚSTRIAS

01) QUAL SUA IDADE?

02) É NATURAL DE QUE CIDADE?

03) SEXO?

MASC()

FEM()

04) QUAL SEU NÍVEL DE INSTRUÇÃO?

ANALFABETO ()

LER E ESCRIVE, MAS NUNCA FOI A ESCOLA ()

ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO ()

ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO ()

ENSINO MÉDIO COMPLETO ()

ENSINO MÉDIO INCOMPLETO ()

SUPERIOR COMPLETO ()

SUPERIOR INCOMPLETO ()

05) ESTÁ ESTUDANDO ATUALMENTE? CASO A RESPOSTA SEJA AFIRMATIVA, O QUE ESPECIFICAMENTE?

SIM ()

NÃO ()

06) SEU ESTADO CIVIL?

CASADO ()

SOLTEIRO ()

DIVORCIADO ()

OUTROS ()

07) VOCÊ MORA COM?

PAIS ()

FAMÍLIA ()

OUTROS ()

08) SITUAÇÃO HABITACIONAL?

CASA PRÓPRIA ()

CASA ALUGADA ()

09) HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ TRABALHA NA FÁBRICA?

10) QUAL SUA FUNÇÃO NA FÁBRICA?

11) QUANTAS HORAS EM MÉDIA VOCÊ TRABALHA POR DIA? CASO A DEMANDA SEJA MUITO ALTA VOCÊ TRABALHA MAIS? QUANTAS HORAS? TRABALHA QUANTOS DIAS POR SEMANA? TEM FERIADO?

12) SUA RENDA É:

UM SALÁRIO MÍNIMO ()

MAIS QUE UM SALÁRIO MÍNIMO ()

MAIS DE DOIS SALÁRIOS MÍNIMOS ()

MENOS QUE UM SALÁRIO MÍNIMO ()

13) SUA REMUNERAÇÃO É?

FIXA ()

DEPENDE DE SUA PRODUÇÃO ()

MISTA ()

14) VOCÊ FAZ PARTE DO SINDICATO DOS PRODUTORES DE CALÇADOS DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE? POR QUÊ?

15) COMO APRENDEU A TRABALHAR COM CALÇADOS?